



Amanda de Paula



**LIVRO DO
PROFESSOR**

**REFLEXÕES
e PRÁTICAS**
FORMAÇÃO CONTINUADA

FILOSOFIA

LIVRO DE FORMAÇÃO CONTINUADA

CAMPO DE SABER: FILOSOFIA

Área do conhecimento:
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas



Amanda de Paula

Bacharela e licenciada em Filosofia pela Universidade de São Paulo.
Bacharela em Letras (Português-Alemão) pela Universidade de São Paulo.
Atua como professora de Filosofia no programa de Ensino Integral
da Secretaria de Educação de São Paulo.

REFLEXÕES e PRÁTICAS

FORMAÇÃO CONTINUADA

FILOSOFIA

LIVRO DO PROFESSOR

CAMPO DE SABER: FILOSOFIA

Área do conhecimento: **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

1ª edição

São Paulo, 2021

Coordenação editorial: José Luiz Carvalho da Cruz
Edição de texto: Maria Selma Cavalcanti
Assistência editorial: Juliana Nozomi Takeda, Mariana Serafim Schultz, Patrícia Santana Tengan, Vanessa Paulino da Silva
Gerência de design e produção gráfica: Everson de Paula
Coordenação de produção: Patrícia Costa
Gerência de planejamento editorial: Maria de Lourdes Rodrigues
Coordenação de design e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite
Projeto gráfico: Daniela Cunha, Bruno Tonel
Capa: Otávio dos Santos, Douglas Rodrigues José
Ilustração: In-Finity/Shutterstock
Coordenação de arte: Carolina de Oliveira Fagundes, Denis Torquato
Edição de arte: Ana Carlota Rigon
Editoração eletrônica: Ana Carlota Rigon
Coordenação de revisão: Maristela S. Carrasco
Revisão: Ana Maria C. Tavares, Marina Andrade, Palavra Certa, Renato Rocha, Rita de Cássia Sam, Tatiana Malheiro
Coordenação de pesquisa iconográfica: Luciano Baneza Gabarron
Pesquisa iconográfica: Susan Eiko, Vanessa Manna
Coordenação de bureau: Rubens M. Rodrigues
Tratamento de imagens: Joel Aparecido, Luiz Carlos Costa, Marina M. Buzzinaro
Pré-impressão: Alexandre Petreca, Everton L. de Oliveira, Marcio H. Kamoto, Vitória Sousa
Coordenação de produção industrial: Wendell Monteiro
Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Paula, Amanda de
Reflexões e práticas formação continuada :
filosofia : livro do professor / Amanda de Paula. --
1. ed. -- São Paulo : Moderna, 2021.

"Campo de saber: Filosofia
Área do conhecimento: Ciências humanas e sociais
aplicadas".

1. Filosofia (Ensino médio) I. Título.

20-49529

CDD-107

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia : Ensino médio 107

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904
Vendas e Atendimento: Tel. (0_11) 2602-5510
Fax (0_11) 2790-1501
www.moderna.com.br
2020

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Conheça seu livro	5	Respostas definidas em diferentes épocas	49
Apresentação	6	Respostas individuais	50
Carta ao professor	6	A medida da felicidade	52
Abordagem teórico-metodológica	7	Conclusão	54
As quatro dimensões	7	Palavra aos professores	55
Atividades e vivências de cada dimensão	9	Ações na sala de aula	55
Objetivos desenvolvidos nas atividades e vivências	10	Subsídios para avaliar nesta unidade	58
Justificativa dos objetivos	10	Reflexão final da unidade: Pensando a prática docente	60
Procedimentos utilizados no desenvolvimento de atividades e vivências, e tempo de realização	10		
Referências bibliográficas comentadas	11		
UNIDADE 1 O ser humano: pensando a sua existência		UNIDADE 2 O ser humano e a busca pela compreensão do mundo	
22		62	
CAPÍTULO 1 Conhece-te a ti mesmo		CAPÍTULO 4 Como podemos explicar o mundo?	
24		64	
Introdução	24	Introdução	64
Construção da identidade	26	Mitos da criação do universo	65
Identidade de grupo	27	Mito e comportamento humano	68
Crise de identidade	28	O nascimento da filosofia	69
Conclusão	29	Conclusão	70
Palavra aos professores	30	Palavra aos professores	70
Ações na sala de aula	31	Ações na sala de aula	71
CAPÍTULO 2 Passado e futuro: a construção da narrativa da vida		CAPÍTULO 5 Verdade e ilusão	
33		74	
Introdução	33	Introdução	74
Narrativas marcantes	34	A ilusão do mundo	74
O tempo e a memória	36	A natureza se esconde	78
A memória sob o olhar da ciência	40	A verdade sobre nós mesmos	78
Ilusão, mentira e autoengano	41	Mundo virtual <i>versus</i> mundo real	79
Conclusão	42	Conclusão	80
Palavra aos professores	42	Palavra aos professores	81
Ações na sala de aula	43	Ações na sala de aula	81
CAPÍTULO 3 A busca pela felicidade		CAPÍTULO 6 A matemática e a estética do cosmo	
46		84	
Introdução	46	Introdução	84
Felicidade: é possível defini-la?	47	Um pouco de história	85
		Comportamentos iguais em fenômenos diferentes	87
		Repetição de padrões	89

Simetria	90	CAPÍTULO 10 Política e cidadania	141
Matemática em todo lugar	91	Introdução	141
Conclusão	92	Política	141
Palavra aos professores	93	Cidadania	145
Ações na sala de aula	93	Conclusão	151
		Palavra aos professores	152
CAPÍTULO 7 As críticas à razão	97	Ações na sala de aula	152
Introdução	97		
A razão em dúvida	98	CAPÍTULO 11 Desafios da educação no século XXI	156
Críticas ao Iluminismo	100	Introdução	156
O legado da modernidade	102	Escola inclusiva	157
Conclusão	106	Ensino interdisciplinar	158
Palavra aos professores	107	Ensino ativo	158
Ações na sala de aula	107	Competências socioemocionais	159
		Educação digital	160
CAPÍTULO 8 Razão em uso: a tecnologia	111	Conclusão	160
Introdução	111	Palavra aos professores	161
A tecnologia na história	113	Ações na sala de aula	161
Filosofia da tecnologia	113		
Cuidados e implicações éticas	119	CAPÍTULO 12 A tecnologia e seus desafios no século XXI	166
Conclusão	121	Introdução	166
Palavra aos professores	121	Tecnologia e sociedade	167
Ações na sala de aula	121	A evolução tecnológica e sua autonomia	170
Subsídios para avaliar nesta unidade	125	Revolução digital e seus efeitos	172
Reflexão final da unidade: Pensando a prática docente	126	Conclusão	175
		Palavra aos professores	176
		Ações na sala de aula	176
UNIDADE 3 O ser humano e os desafios contemporâneos	128		
		CAPÍTULO 13 O meio ambiente	180
CAPÍTULO 9 A cultura	130	Introdução	180
Introdução	130	O ser humano e o meio ambiente	181
O que é cultura?	131	O gás carbônico e o meio ambiente	186
Críticas à cultura	131	Desenvolvimento sustentável	190
Cultura local e influência global	134	Conclusão	192
Alguns aspectos da formação cultural brasileira	135	Palavra aos professores	193
Conclusão	135	Ações na sala de aula	193
Palavra aos professores	136	Subsídios para avaliar nesta unidade	196
Ações na sala de aula	136	Reflexão final da unidade: Pensando a prática docente	198
		Considerações finais	200

■ Carta ao professor

Caro professor

O Ensino Médio passa por mudanças profundas em sua estrutura a fim de integrar-se às demandas das novas gerações e aos novos desafios sociais, econômicos, ambientais e tecnológicos. Diante desse cenário, este livro de Formação Continuada busca integrar, pelo horizonte teórico da Filosofia, a área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, mas sem deixar de lado as outras áreas do conhecimento. A educação atual exige maior complexidade para enfrentar os desafios da nossa época e, para este objetivo, não basta a formação estanque de disciplinas que apenas tangencialmente conversam entre si no Ensino Médio. É necessário maior integração entre os vários campos do saber para o desenvolvimento de cidadãos críticos e com capacidade lógica para entender as heterogeneidades do mundo e da sociedade.

O eixo temático desta obra não poderia ser outro além do ser humano, o qual é, concomitantemente, sujeito e objeto das Ciências Humanas. É o único ser capaz de se perguntar sobre a existência, sobre o significado da vida ou sobre a estrutura do cosmo. Ao mesmo tempo, é angustiado pela finitude da vida, pela fraqueza e limitações diante do mundo e pelas incertezas a seu redor. O drama maior é a absoluta certeza da morte, mesmo que haja total incerteza de quando. Esse conjunto de circunstâncias faz do indivíduo um fascinante objeto de estudo, seja como ser singular, seja em conjunto formando as sociedades humanas.

Como obra inédita do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), ela visa fornecer ao professor de Filosofia meios com os quais ele possa pensar o seu próprio trabalho, oferecendo-lhe instrumentos para conectar a especificidade da sua disciplina com o todo do conhecimento e ainda fornecendo meios de proporcionar uma educação mais relacionada à vida ativa do contexto atual. Assim, a intenção desta obra é viabilizar subsídios com os quais o professor possa lidar com o cotidiano da profissão do ponto de vista pedagógico e pessoal.

Para realizar essa caminhada, seguiremos as premissas dadas pela Base Nacional Comum Curricular: “A BNCC na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – integrada por Filosofia, Geografia, História e Sociologia – propõe a ampliação e o aprofundamento das aprendizagens essenciais desenvolvidas até o 9º ano do Ensino Fundamental, sempre orientada para uma educação ética. Entendendo-se ética

como juízo de apreciação da conduta humana, necessária para o viver em sociedade [...]”¹

O desafio foi grande para escrever esta obra, devido às circunstâncias complexas que vivemos cotidianamente na sala de aula e no âmbito escolar como um todo. Todavia, a ideia de poder auxiliar com algumas reflexões sobre a prática docente me trouxe a esperança de contribuir para o trabalho de professores que, assim como eu, atuam na rede pública de ensino e enfrentam as mais adversas formas de trabalho. Além disso, reforçar a importância da área das Ciências Humanas para guiar a reflexão sobre o que nos faz humanos e como podemos atuar de maneira consciente em um mundo que se torna cada vez mais automatizado também me motivou a escrever.

Tendo em mente essas motivações e observando que meu intuito é ajudar o professor na transição para o Novo Ensino Médio, a escolha dos temas foi bastante complexa e limitada. Dessa forma, muitos conhecimentos tão caros às Ciências Humanas não foram aqui contemplados. Optei por seguir um percurso de assuntos que pudessem garantir ao professor pensar a sua própria vida (na Unidade 1), pensar o seu trabalho com o conhecimento (Unidade 2) e pensar sua participação social (Unidade 3), ao mesmo tempo que suscitasse essas reflexões em seus alunos, garantindo-lhes um olhar diferenciado sobre o mundo. A prática docente envolve a troca de saberes e experiências entre educadores e educandos, de modo que esses temas podem guiá-los nessa difícil e incerta caminhada, mas incrivelmente fantástica, que é a vida.



FIZKES/SHUTTERSTOCK

Na atualidade, configuram-se novos espaços de debate e de aprendizado, a exemplo de videoconferências, encontros virtuais, aulas *on-line* e *lives*. Para momentos emergenciais, como o da pandemia do novo coronavírus em 2020, o ensino remoto proporcionou algumas transmissões de aulas ao vivo. Todavia, o acesso não se estendeu a todos os alunos e muitas dificuldades com o meio digital foram encontradas, apontando-nos que ainda temos muitas barreiras a superar no uso da tecnologia.

1 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. BNCC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192>. p. 121. Acesso em: 2 jul. 2020.

Esta obra possui suas bases metodológicas oriundas de conceitos e autores diversos a fim de que quatro dimensões pudessem ser desenvolvidas de maneira fundamentada e refletida. Cada uma dessas dimensões apresenta particularidades, mas buscamos trabalhá-las de forma integrada, permitindo ao docente uma reflexão sobre seu trabalho, compreendendo-o de maneira mais dinâmica e colaborativa.

■ As quatro dimensões

Conhecimento de si, do outro e do nós

Para trabalharmos com essa dimensão, partimos da ideia de que o autoconhecimento é o principal eixo que guia as ações. Dessa forma, buscamos inserir atividades e vivências com temáticas que coloquem o indivíduo em contato com as questões de identidade, de suas ações, de sua história, de planejamento de práticas futuras e dos meios para alcançar felicidade. Amparamo-nos em competências socioemocionais da BNCC – como autoconsciência, autogestão, consciência social, habilidade de relacionamento e tomada de decisão responsável – para a construção dos capítulos, das seções, atividades e vivências. Com objetivo de trabalhar essas competências, utilizamos metodologias ativas, as quais, por trabalharem com o protagonismo do aluno, o permitem partir de suas próprias reflexões para guiar-se no conhecimento de si.

O saber disciplinar em xeque

A disciplina de Filosofia possui sua especificidade de objetos e métodos de conhecimento. Inserimos alguns desses objetos de conhecimento como eixo para guiar a temática das unidades desta obra. Ademais, introduzimos o método de reflexão e crítica ao debate de temas, à prática e à solução de questões propostas no livro. Para tanto, pautamo-nos no entendimento do mineiro Antônio Joaquim Severino (1941-), que apresenta no texto *A filosofia na formação do jovem e a ressignificação de sua experiência existencial* a importância da filosofia na formação dos jovens do Ensino Médio, sobretudo por ela proporcionar aos estudantes a reflexão sobre o significado de sua existência, do mundo do trabalho, da sociedade e da cultura em que estão inseridos. Compreendendo-se como uma individualidade no mundo, o jovem pode construir-se como um sujeito autônomo e como um cidadão consciente de sua participação na sociedade. Além disso, o autor também mostra que

[...] os componentes curriculares de cunho filosófico complementam e articulam as contribuições formativas de todas as demais disciplinas e de todas as demais práticas educativas. Daí até se poder dizer que a filosofia, como postura geral de reflexão, atua como uma gestora da interdisciplinaridade, na medida em que lhe cabe assegurar uma visão integrada de todos os aspectos da existência histórica real dos educandos. Essa busca de compreensão deve ser feita mediante recursos que os levem a perceber, de maneira significativa, o mundo de sua contemporaneidade, já que este é o seu contexto existencial. Como esta cultura contemporânea só é inteligível se se acompanhar sua gênese antropológica e seu desdobramento histórico, impõe-se que se leve os estudantes a refletirem sobre a formação dessa cultura, num resgate de sua temporalidade. Entendo que a filosofia deve se fazer presente nos currículos escolares para iniciar os jovens a uma visão sintetizadora da realidade humana, tanto do ponto de vista histórico-temporal como do ponto de vista socioestrutural.

Disponível em: <<https://filosofiapibidufabc.files.wordpress.com/2011/09/severino.pdf>>. p. 5. Acesso em: 22 out. 2020.

As metodologias ativas, realizadas nos debates, na reflexão, na solução de problemas e na construção de projetos relacionados com a vida dos estudantes, permitem desenvolver os conteúdos da disciplina de maneira hierarquizada (por seguir uma progressão no conhecimento no interior dos capítulos), contextualizada e significativa. Isto porque as metodologias ativas possibilitam integrar o saber teórico com vivências e experiências cotidianas dos alunos.

Área de conhecimento em foco

As diversas áreas do conhecimento não estão separadas entre si, dado que o saber é único. Para estabelecer o diálogo entre as disciplinas e impedir a fragmentação do saber, embasamo-nos na BNCC no que se refere à integração dos conteúdos, de modo a fortalecer as relações entre as disciplinas e promover melhor compreensão da realidade por parte do estudante. Usamos a teoria do francês Edgar Morin (1921-), que mostra que devemos conhecer um objeto em sua integralidade. Neste mundo com tanta informação disponível, cabe à educação escolar organizar o conhecimento de forma contextualizada (dando um sentido ao conhecimento), global (integrando as partes ao todo), multidimensional (cada objeto do conhecimento possui múltiplas dimensões) e complexa (ligando ou tecendo todas as partes). Para tanto, integramos a Pedagogia de Projetos, pois com esse método é possível agregar disciplinas na construção de um objetivo em comum. Tais propostas visam à construção de um aprendizado não fragmentado, mas geral e coeso.

Também trouxemos à presente obra **Temas Contemporâneos Transversais (TCTs)** propostos na BNCC e de grande relevância social. Eles contemplam aspectos que enriquecem a formação cidadã, política, ética e social dos estudantes e dialogam com diferentes disciplinas, podendo ser tratados interdisciplinarmente.

Com o objetivo de ampliar o conhecimento a várias áreas e permitir ao estudante e ao professor o contato com diferentes perspectivas sobre o assunto, há indicações bibliográficas de fontes e gêneros diversos no interior dos capítulos. Elas se encontram nos boxes *Dialogando com a literatura*, *Dialogando com o cinema* e *Dialogando com mídias*. Destaca-se também o quadro *Informações adicionais* (provenientes sobretudo de meios de comunicação) cujas funções são trazer outras informações que complementam o tema estudado e relacionar assuntos atuais e do cotidiano do estudante ao conteúdo do capítulo. Outras ferramentas, como gráficos, infográficos, tabelas, esquemas ilustrativos, mapas, obras de arte etc., também foram inseridas neste livro para corroborar e fundamentar a interdisciplinaridade.

As metodologias ativas também estão presentes na dimensão abordada neste item, com atividades, debates e práticas voltados à vivência do aluno. Ademais, essas metodologias utilizam a prática de sala de aula invertida², envolvem os estudantes na solução de problemáticas e na construção de projetos que promovem ações no meio que frequentam.

Repensando a avaliação

A metodologia utilizada para essa dimensão é fundamentada nas concepções da pedagoga Neus Sanmartí (1943-), para quem a avaliação é uma regulação, pois ela possibilita a verificação tanto dos erros quanto do processo de ensino. Sanmartí mostra que a avaliação pode ser diagnóstica, formativa ou somatória. Com base nessas definições, sugerimos algumas práticas avaliativas, como debates, seminários, trabalhos em grupo, autoavaliações etc., visando que o aluno seja protagonista e autoconsciente do processo de avaliação. Assim, o estudante pode reconhecer os motivos e as finalidades de tal processo, autoavaliar-se e, portanto, ser um sujeito crítico dessa prática. A metodologia ativa permite a adoção de ferramentas mais adequadas e personalizadas para o monitoramento e a avaliação dos avanços na aprendizagem.

Além das metodologias apresentadas acima, em todas as quatro dimensões se faz presente a abordagem socioconstrutivista do bielo-russo Lev Vygotsky (1896-1934). De acordo com essa abordagem, o processo de aprendizagem pode obter maior alcance quando realizado com a mediação – colaboração e intercâmbio – de outros sujeitos e do meio social no qual se vive. Nesse sentido, propomos atividades que estimulam o trabalho em grupo, bem como a interação dos estudantes com a comunidade escolar, os familiares, o bairro, a cidade etc., promovendo assim a construção de um aprendizado significativo, contextualizado, compartilhado e ético (por apresentar a dimensão da alteridade e da coletividade).

² Em linhas gerais, na metodologia de sala de aula invertida, o aluno internaliza os conceitos essenciais antes da aula e depois, na aula, e em conjunto com outros estudantes, ele discute, pratica e tira suas dúvidas com o professor.

O livro visa proporcionar ao professor a formação, a reflexão e a vivência de conteúdos e de práticas pedagógicas que serão trabalhadas em sala de aula. Para tanto, buscamos dar subsídios teóricos para ampliação do conteúdo além dos horizontes de uma disciplina, da reflexão, da crítica e do autoconhecimento do docente por meio do conteúdo presente nos capítulos e das atividades propostas. As metodologias utilizadas, além de serem colocadas no contexto da sala de aula para a realização dos estudantes, visam contribuir com a formação do professor, a fim de fazê-lo experienciar e refletir sobre suas práticas pedagógicas cotidianas.

■ Atividades e vivências de cada dimensão

As quatro dimensões possuem particularidades e podem ser demarcadas em pontos específicos da presente obra. Porém, também buscamos abordá-las de forma integrada e dinâmica.

Conhecimento de si, do outro e do nós

Esta dimensão foi trabalhada na Unidade 1, **O ser humano: pensando a sua existência**. Nela, abordamos a questão do conhecimento de si mesmo, com base na compreensão de sua identidade, sua história, ações presentes e planos futuros, concatenados com a noção individual do que é felicidade e como alcançá-la. Essas temáticas (identidade, história pessoal, ações presentes, planos futuros e felicidade) guiam não apenas o professor, mas também os alunos, ao autoconhecimento por meio da leitura e reflexão de textos, da participação em debates e prática de vivências, as quais são realizadas de forma ativa.

Encerrando cada capítulo, há o tópico *Palavra aos professores*, que reflete sobre a importância do trabalho do docente no desenvolvimento da temática estudada no capítulo. Há também, ao final de cada unidade, a seção *Pensando a prática docente*, com textos de teóricos que permitem a reflexão sobre o teor da unidade.

O saber disciplinar em xeque

A disciplina de Filosofia possui componentes curriculares específicos presentes nesta obra tanto na temática que guia as unidades e os capítulos (como autoconhecimento, felicidade, crise da razão, cidadania etc.) quanto na forma metodológica de atuar pautada na reflexão, crítica e argumentação. Os componentes curriculares da Filosofia seguem de modo hierarquizado (buscamos trabalhá-los em uma sequência progressiva e lógica dentro dos capítulos) e contextualizado. As atividades e vivências inseridas no final de cada capítulo trazem propostas que exigem que o aluno harmonize o aprendizado teórico da disciplina com práticas que construam significados em sua vida, como debates, projetos, seminários, trabalhos expositivos em grupo ou individuais.

Área de conhecimento em foco

Para que o aprendizado não ocorra por partes de saberes isolados e fragmentados, buscamos trazer outras áreas do conhecimento para o centro da discussão filosófica, a fim de obtermos maior suporte para a reflexão de um tema. Também procuramos levar a reflexão filosófica a outras áreas do conhecimento. Dessa forma, foram ampliados os limites do saber, pois integramos áreas antes isoladas, verificamos as múltiplas faces de um objeto de conhecimento e tornamos o conhecimento complexo porque ligamos suas partes. As unidades e os capítulos trabalham com essa amplificação do conhecimento para além das fronteiras das áreas específicas.

Assim, na Unidade 1, tem-se o diálogo entre as áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, sobretudo com a de Linguagens e suas Tecnologias; na Unidade 2, a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas dialoga com a de Ciências da Natureza e suas Tecnologias e com a de Matemática e suas Tecnologias; na Unidade 3, é feita a integração das disciplinas que compõem a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Mas essa divisão não se faz de forma rígida: há momentos em que disciplinas específicas integram atividades ou conteúdos em unidades que sua área do saber não é o alvo da temática de forma direta.

Além disso, os TCTs, que também promovem o trabalho interdisciplinar, estão presentes na obra. Eles são abordados de forma ampla nos capítulos 8, 9, 10, 12 e 13, mas não deixam de estar presentes de modo difuso em outros capítulos, em textos e informações adicionais.

Repensando a avaliação

Encerrando as unidades, a seção *Subsídios para avaliar nesta unidade* traz reflexões sobre o processo avaliativo e sugere formas diversificadas para avaliar. Nela, associamos os temas da unidade com as propostas de avaliação mais pertinentes, de acordo com o parecer CNE/CP nº 15/2018, aprovado em 4 de dezembro de 2018.

CAPÍTULO III

Artigo 7º

V – Construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos;

[...]

BRASIL. Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=103561-pcp015-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 27 out. 2020.

■ **Objetivos desenvolvidos nas atividades e vivências**

- Possibilitar ao professor de Filosofia a reflexão sobre si e sobre sua prática: abordamos temáticas que trabalham com a questão da identidade, da história de vida e do planejamento do futuro. Inserimos textos de fontes variadas que permitem a ampliação do olhar sobre o significado e os objetivos da prática docente e também sobre a sua própria vida.
- Trabalhar com temas filosóficos, conectando-os com a atualidade e o contexto do estudante: buscamos atualizar e contextualizar as temáticas tradicionais da história da filosofia à vida do estudante, a fim de produzir um aprendizado significativo.
- Estabelecer o diálogo da disciplina de Filosofia com as outras áreas do conhecimento, pois o isolamento da disciplina traz uma problemática: especializa e fragmenta o saber. Por isso, integramos temas e métodos de variadas áreas para proporcionar um aprendizado global e integrado.
- Refletir e sugerir práticas de avaliação, que é um processo formador e não medida de seleção ou exclusão. A avaliação faz parte do ensino, regulando continuamente o processo de aprendizagem. Por isso, compreender os motivos e as finalidades de seu uso é importante para integrá-la às práticas pedagógicas de maneira consciente. Indicamos sugestões de avaliação que tenham sentido dentro do campo estudado na unidade.

■ **Justificativa dos objetivos**

A mudança no Ensino Médio acompanha a mudança sofrida pela sociedade contemporânea: um mundo dinâmico, marcado pela tecnologia digital que modificou a forma do ser humano interagir entre si e com a realidade. Hoje, a quantidade, a velocidade e o alcance das informações e de serviços proporcionam facilidade na vida cotidiana e ampliação no conhecimento do mundo, ao mesmo tempo que seu mau uso promove a disseminação de informações erradas, a manipulação de usuários e o distanciamento físico. Diante desse cenário, novas formas de ensinar e de aprender se fazem necessárias. Para tanto, é imprescindível pensar o ensino sob novas formas: compreender seu significado, o contexto no qual ocorre, os objetivos e métodos. Além disso, o aluno do século XXI precisa ser ativo no processo de aprendizagem, pois com a transformação no comportamento, trazida sobretudo pelas tecnologias digitais, não basta ao aluno assistir a uma aula de forma passiva, ele necessita fazer, criar, solucionar, atuar. Isso é primordial para que o aprendizado não ocorra de forma descontextualizada ou desconectada de sua vivência, levando muitas vezes o estudante à falta de interesse por ele não ver sentido naquilo que aprende.

Diante da quantidade de informações recebidas diariamente, saber analisá-las em diferentes vieses, compará-las e integrá-las é importante para a ação no mundo atual. Por isso, o aprendizado dialogado entre as áreas do saber se faz necessário, já que a análise das informações, geralmente, requer um leque integrado de conhecimentos – impossível de ocorrer no contexto de um saber fragmentado.

É visando atingir tanto o protagonismo do aprendizado do indivíduo quanto a integralidade do ensino que os objetivos anteriormente expostos se justificam: ao professor, é preciso pensar sua prática e metas; às áreas do saber, cabe o desenvolvimento de seus componentes em conexão com outros conteúdos disciplinares; ao processo avaliativo, compete a conscientização dos motivos e das formas com que são realizados, a fim de que seja significativo para o aluno e permita que ele compreenda seu processo de aprendizado. Assim, esta obra visa proporcionar uma educação integral mais relacionada à vida ativa do contexto atual.

■ **Procedimentos utilizados no desenvolvimento de atividades e vivências, e tempo de realização**

A obra presente é formada por 13 capítulos, os quais trazem temáticas específicas e que dialogam com diversas áreas do saber. Cada capítulo foi planejado para ser trabalhado ao longo de um bimestre, em conjunto com outras bibliografias, como o livro didático do aluno, obras de apoio etc. Sugerimos ao final do capítulo atividades de debates e atividades de práticas, nas quais inserimos os procedimentos e o tempo estimado para a sua realização.

O objetivo dos debates é que a pessoa consiga construir um raciocínio por si mesma e argumentar de forma autônoma e crítica sobre diversas questões. Para a realização do debate, é importante haver um tempo de preparação do tema: contextualização do assunto e pesquisa em fontes confiáveis sobre o conteúdo. É importante que a escola disponibilize meios diversificados para a pesquisa.

A intenção das práticas é proporcionar a vivência de aprendizado sobre os temas em questão, promovendo experiências que viabilizem o autoconhecimento e a formação de cidadãos ativos e conscientes do papel que exercem na sociedade. Cada atividade e vivência contará com materiais específicos, a exemplo de fontes de pesquisa (como livros, jornais, revistas, mapas, infográficos, tabelas, obras de arte, internet, filmes, documentários etc.), papel, lápis, caneta, cola, tesoura, cartolina para atividades de apresentação e mural, materiais recicláveis para a construção de maquetes, aparelhos digitais, entre outros. As atividades propostas poderão ser adaptadas ao contexto e à realidade nos quais elas serão aplicadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS

■ Obras e *sites* consultados ao longo de todo o livro

Livros

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020. Este dicionário traz um ampliado repertório de termos e de conceitos filosóficos.
- BACICH, Lilián; MORAN, José. *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. A obra apresenta metodologias que permitem aos estudantes exercerem seu protagonismo na aprendizagem. Porto Alegre: Penso, 2017.
- HOUAISS. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Dicionário completo de língua portuguesa.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. Dicionário que apresenta explicações de verbetes presentes na filosofia.
- MARIAS, Julián. *História da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2015. Obra construída de forma cronológica sobre a história da filosofia.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2018. Nesse livro, o sociólogo Morin apresenta sete elementos necessários para a educação do século XXI.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. Nessa obra, Morin apresenta a problemática da fragmentação do saber e como é necessário que a aprendizagem ocorra de forma unificada, contextualizada e complexa.
- REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes, 2014. Esse livro apresenta uma introdução às principais ideias de Vygotsky no processo de aprendizagem.
- RUSSEL, Bertrand. *História da filosofia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. v. 1 e 2. Nessa obra, Russel traz uma sintética visão cronológica da história da filosofia.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *A filosofia na formação do jovem e a resignificação de sua experiência existencial*. Disponível em: <<https://filosofiapibidufabc.files.wordpress.com/2011/09/severino.pdf>>. p. 5. Acesso em: 22 out. 2020. Nesse texto o autor fala sobre a importância do estudo da filosofia na educação e a função da disciplina para o conhecimento e para a vida.

Sites

- Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 22 out. 2020. Documento normativo do MEC, referência para composição de currículos escolares e de propostas pedagógicas.
- Brasil. Portal do professor. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/index.html>>. Acesso em: 10 nov. 2020. Site do MEC, permite o acesso a sugestões de planos de aula e atividades, notícias sobre educação, participação em debates e cursos.
- Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 22 out. 2020. Lei suprema do Brasil, parâmetro de todas as demais instâncias normativas brasileiras.
- Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Neste site é possível acessar o preâmbulo e os artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Acesso em: 4 dez. 2020.
- Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional (LDB). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes>. Acesso em 22 out. 2020. Baseando-se na Constituição brasileira, este documento apresenta as leis que regulam a educação no Brasil.
- Plano Nacional de Educação (PNE). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes>. Acesso em: 22 out. 2020. O Plano Nacional de Educação estabelece diretrizes e metas a serem encaminhadas na educação brasileira.

■ Unidade 1

Capítulo 1

Obras consultadas

Livros

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Bauman mostra como as mudanças ocorridas na sociedade contemporânea influenciaram na perda dos referenciais da nossa identidade.
- BILAC, Olavo. Tarde. In: *Antologia: Poesias*. São Paulo: Martin Claret, 2002. (Coleção A obra-prima de cada autor). A obra reúne uma série de poemas de Olavo Bilac.
- HUGO, Victor. *O corcunda de Notre-Dame*. São Paulo: Penguin, 2018. Nascido com deformações no corpo, Quasímodo cresce tentando se esconder do mundo e de todos.

- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Esse dicionário traz a definição de conceitos no âmbito da filosofia.
- LEROUX, Gaston. *O fantasma da Ópera*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020. Um músico talentoso que, com vergonha de seu rosto desfigurado, se esconde da sociedade nos subsolos da Ópera de Paris.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A tela global: mídias culturais e cinema na era hipermoderna*. Porto Alegre: Sulina, 2009. O livro é uma reflexão sobre o papel do cinema na sociedade contemporânea, em que convivemos com uma profusão de imagens veiculadas em todo tipo de telas, como de computador, televisão, celular e do próprio cinema.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. O livro retrata a personagem Macabéa, uma migrante alagoana que passa a morar no Rio de Janeiro e se encontra envolta por valores e costumes diferentes dos seus.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. *O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana*. Campinas: Editora da Unicamp, 2019. (versão e-book). O personagem Jacobina discorre com colegas sobre a vivência de não reconhecer-se a si próprio quando estava sem seu uniforme de alferes.
- MORAES, Vinicius de. *Poema de Natal*. Rio de Janeiro, 1946. Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/poema-de-natal>>. Acesso em: 21 jun. 2020. Nesse poema, o autor reflete sobre o sentido da vida e sua finitude.
- ROMILLY, Jacqueline. *A tragédia grega*. Lisboa: Edições 70, 2013. Nesta obra, a autora investiga características (semelhanças e diferenças) dos personagens nas principais peças do teatro grego, formuladas pelos quatro principais autores.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. O protagonista Riobaldo conta a história da sua vida, apontando a época em que pertencia a um bando de jagunços e o seu amor por Diadorim.
- SHAKESPEARE, William. *Otelo*. São Paulo: Penguin, 2017. Escrito em torno de 1603. Otelo é um general mouro que, por meio de trapaças articuladas pelo alferes Iago, é acometido da desconfiança e ciúmes de sua esposa Desdêmona.
- SHAKESPEARE, William. *Conto de inverno*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009. Obra escrita em aproximadamente 1610. Retrata como o ciúme pode envenenar amizades e famílias.
- SÓFOCLES. *Antígona*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1999. Escrito por volta de 442 a.C. Conta a história de Antígona, personagem que, para enterrar o corpo de seu irmão na cidade de Tebas, enfrenta o dilema entre acatar as leis ancestrais da cidade ou submeter-se às leis divinas.
- TAYLOR, Charles. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2013. Nesta obra, o autor descreve e problematiza a noção de identidade moderna.

Filme

O palhaço, dirigido por Selton Mello. Produção: Brasil, 2011. Duração: 90 min. 10 anos. O filme retrata as angústias de Benjamim, um palhaço que busca respostas às questões: Quem é você? Qual o seu lugar no mundo?.

Complementar

Livro

CERVANTES, M. *Dom Quixote de la Mancha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. A obra do século XVII narra as aventuras de um fidalgo e seu fiel amigo pelo mundo.

Filme

A identidade Bourne, dirigido por Doug Liman. Produção: Alemanha, EUA, 2002. Duração: 119 min. 14 anos. O protagonista, após perder a memória por ter sido baleado, busca diversas pistas para se lembrar quem é. Seu único caminho é um *chip* implantado em sua pele.

Multimodal

Algumas plataformas digitais possibilitam a criação de agendas e planejadores que permitem organizar a rotina e planejar eventos. Também podem auxiliar na construção de projetos a curto ou a longo prazo, auxiliando professores e alunos na construção de seus projetos de vida.

Capítulo 2

Obras consultadas

Livros

- AGOSTINHO. *Confissões*. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2008. Obra autobiográfica na qual Agostinho reflete sobre sua conversão ao cristianismo, suas experiências, suas angústias, suas motivações etc.
- ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. São Paulo: Ed. 34, 2017. O livro conta a viagem de Dante pelas três instâncias: inferno, purgatório e paraíso.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Lafonte, 2019. O autor busca traçar a identidade nacional brasileira por meio da mistura de histórias, mitos e lendas.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2015. Livro no qual o autor busca compreender a ontologia do ser e da presença deste no tempo.
- HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2014. Este livro narra a trajetória do herói Odisseu à sua terra natal Ítaca, após sobreviver à Guerra de Troia.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Petrópolis: Vozes, 2015. A primeira, dentre as três críticas do autor. Nela, o autor fundamenta as bases de sua teoria do conhecimento.

- LOCKE, John. *An Essay Concerning Humane Understanding - Volume I*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=3896>. Acesso em: 11 ago. 2020. Nessa obra, Locke investiga como ocorre o conhecimento humano.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo, 2008. Nesta obra, o protagonista já morto, com muita ironia e bom humor, narra sua trajetória de vida.
- PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido* (7 v.). 4. ed. Tradução Fernando Py. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016 (formato e-book). O escritor busca traçar sua vida, utilizando uma concepção de memória com uma visão filosófica sobre o tempo.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. Obra composta por três volumes nos quais Ricoeur mostra que o ser humano vivencia o tempo por meio da narrativa.
- SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. Com o destino traçado, Édipo não consegue evitar a tragédia imposta à sua vida.

Filmes

- Forrest Gump*, o contador de histórias, dirigido por Robert Zemeckis. Produção: EUA, 1994. Duração: 142 min. 14 anos. O protagonista Forrest, interpretado por Tom Hanks, narra sua jornada de vida a desconhecidos que se sentam a seu lado em um banco do ponto de ônibus.
- O show de Truman*, filme de 1998, dirigido por Peter Weir, numa produção da Paramount Pictures (EUA). Duração: 103 min. 12 anos. Nessa obra, Truman vive toda sua vida em um estúdio de programa de televisão sem saber que aquilo não era a vida real.
- O tempo redescoberto*, baseado na obra de Proust, dirigido pelo franco-chileno Raoul Ruiz. Produção: França, Itália e Portugal. (Coleção Folha Grandes Livros no Cinema). São Paulo: Folha de S.Paulo, 1999. 158 min. A obra mostra a personagem, *alter ego* do escritor, doente e mergulhado em lembranças de sua infância e juventude.
- Titanic*, dirigido por James Cameron. Produção: EUA, 1997. Duração: 195 min. 12 anos. O filme se baseia na história do naufrágio do navio *Titanic*, ocorrido em 1912.

Complementar

Livros

- BEAUVOIR, Simone de. *Memórias de uma moça bem-comportada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. Autobiografia de Simone de Beauvoir, apresentando desde sua infância, numa família de Paris, até a sua vida adulta voltada à literatura.
- FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015. Anne conta os horrores vividos no período da Segunda Guerra Mundial.
- RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2020. Graciliano narra o período em que esteve preso entre 1936 e 1937, vítima de repressão do governo de Getúlio Vargas.
- YOUSAFZAI, Malala; LAMB, Christina. *Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. A obra conta a vida de Malala Yousafzai, garota que luta pelo direito à educação e pelo direito das mulheres na região do vale do Swat, sua terra natal.

Capítulo 3

Obras consultadas

Livros

- BENTHAM, Jeremy. *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. p. 4. (Coleção Os Pensadores). Nessa obra, Bentham apresenta o princípio da utilidade, o qual está relacionado, entre outros, à medida de felicidade individual e coletiva.
- CAMPANELLA, T. *Cidade do Sol*. Petrópolis: Vozes de Bolso, 2014. O autor apresenta sua noção de sociedade ideal, a qual tem como líder um príncipe sacerdote, cujo nome é Sol.
- CHAUÍ, Marilena. *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna, 2005. (Coleção Logos). A obra comenta, de forma sintética, conceitos centrais da filosofia espinosana.
- FERRY, Luc. *A revolução do amor: por uma espiritualidade laica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012 (versão e-book). O autor apresenta como a ausência de um princípio fundador abriu caminho para a busca pelo amor.
- GOETHE, Johann. *Fausto*. São Paulo: Ed. 34, 2013. A história de Fausto, homem com amplo conhecimento, mas que não encontrou sentido em sua existência. Entrega sua alma ao diabo, pela busca da plenitude e da felicidade completa.
- HELLIWELL, John F.; LAYARD, Richard; SACHS, Jeffrey; DE NEVE, Jan Emmanuel. *World Happiness Report 2020*. New York: Sustainable Development Solutions Network. Disponível em: <<https://worldhappiness.report/ed/2020/>>. Acesso em: 19 ago. 2020. O Relatório Mundial da Felicidade (World Happiness Report) busca medir e compreender o bem-estar e rastrear a qualidade de vida em mais de 150 países.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 2006. (Coleção Logos). Este livro possibilita ao leitor o contato com alguns conceitos importantes da filosofia de Nietzsche.
- MORUS, Thomas. *Utopia*. São Paulo: Escala, 2012. Morus descreve sua ideia de sociedade perfeita, a qual é organizada a partir de critérios da razão.
- PLATÃO. *A República*. São Paulo: Perspectiva, 2006. Nesse diálogo composto de dez livros, Platão aborda diversos temas, como educação, política, imortalidade da alma e justiça.
- ROUSSEAU, J. J. *Os devaneios do caminhante solitário*. São Paulo: Nova Alexandria, 2018 (versão e-book). Nessa obra, o autor tece algumas reflexões sobre a existência humana, como a felicidade, a mentira, a solidão, a hipocrisia.

VEENHOVEN, Ruut. *Conditions of happiness*. Berlim: Editora Springer, 1984. Veenhoven apresenta uma pequena história do significado de felicidade em diferentes contextos.

Filme

À procura da felicidade, dirigido por Gabriele Muccino. Produção: EUA, 2006. Duração: 117 min. Livre. Will Smith interpreta o personagem central, Chris Gardner. Sem dinheiro, sem emprego, sem casa para morar, mas com o filho de apenas cinco anos para cuidar, Chris não desiste de seus objetivos para conseguir alcançar uma vida mais feliz.

Site

GILBERT, Daniel. O que nos faz felizes: o futuro nem sempre é o que imaginamos. Rio de Janeiro: Campus, 2006. Palestras: "A surpreendente ciência da felicidade". Disponível em: <https://www.ted.com/talks/dan_gilbert_the_surprising_science_of_happiness?language=pt>; e sobre "expectativas equivocadas". Disponível em: <https://www.ted.com/talks/dan_gilbert_why_we_make_bad_decisions?language=pt-BR>. Acesso em: 15 jul. 2020.

Vídeo

Ópera *Don Giovanni*, do austríaco Wolfgang Mozart (1756-1791) e do poeta italiano Lorenzo Da Ponte apresentada no Teatro São Pedro (na capital paulista) em 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XIY63-5K6mk>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

Complementar

Livro

BARROS, Clovis; KARNAL, Leandro. *Felicidade ou morte*. Campinas: Papyrus, 2017. A obra apresenta os diversos conceitos de felicidade ao longo da história da filosofia.

Vídeo

<https://www.youtube.com/watch?v=W_1EtLeJh0>. O vídeo apresenta uma breve apresentação do tema da felicidade com os filósofos Marcia Tiburi e Mario Sérgio Cortella. Acesso em: 13 dez. 2020.

■ Unidade 2

Capítulo 4

Obras consultadas

Livros

ELIADE, Micea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2011. O autor investiga a função do mito na compreensão da sociedade e do ser humano.

HESÍODO. *Teogonia*. São Paulo: Iluminuras, 2015. Hesíodo conta em seus poemas a origem dos deuses a partir de Caos, o deus que representa o vazio primordial.

HOMERO. *Iliada*. São Paulo: Editora 34, 2020. Livro mais antigo da literatura ocidental, que narra acontecimentos da Guerra de Troia.

HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2014. Este livro narra a trajetória do herói Odisseu à sua terra natal Ítaca, após sobreviver à Guerra de Troia.

MINDLIN, Betty. *Terra grávida*. Rio de Janeiro: Record, 1999. Neste livro, a autora aborda variadas narrativas indígenas sobre a criação do mundo.

SARNA, Nahum. *Understanding Genesis*. The world of the Bible in the light of history. New York: Schocken Books Inc., 1966. Obra que contém um estudo sobre as crenças e mitologias que influenciaram a escrita do livro do Gênesis.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. Vernant apresenta como o pensamento se desvincula do mito e o supera, originando assim a filosofia.

VEYNE, Paul M. *Os gregos acreditavam em seus mitos?*: Ensaio sobre a imaginação constituinte. São Paulo: Unesp, 2014. Neste livro, Paul Veyne investiga o mito e o papel dele na vida e na cultura da Grécia Antiga.

Filme

Oya: rise of the Suporishas (Oya: a ascensão dos Orixás), dirigido por Nosa Igbinedion. Produção: Nigéria, 2014. Duração: 12 min. O filme de ação, embasado na mitologia iorubá, mistura poderes, dons e responsabilidades dos orixás com atividades de super-heróis modernos.

Complementar

Livro

BULFINCH, Thomas; JARDIM, David. *O livro de ouro da mitologia*: histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2017. Este livro apresenta uma diversidade de história da mitologia grega, além de trazer algumas narrativas de outras mitologias.

Filmes

A Odisseia, dirigido por Andrei Konchalovsky. Produção: EUA, Reino Unido, Grécia, Itália, Alemanha, 1997. Duração: 176 min, livre. O filme é baseado na obra homônima do poeta Homero e relata as aventuras e perigos vividos pelo herói Odisseu no retorno à sua casa, após lutar na Guerra de Troia.

Icarus, dirigido por Bryan Fogel. Produção: EUA, 2017. Duração: 121 min. Trata-se de um documentário em que um ciclista amador, o próprio diretor do filme, Fogel, tenta comprovar a falha e fraudes que há nos testes de *dopping* no mundo dos esportes.

O céu dos índios Desâna e Tuiuca, dirigido por Flávia Abtibol, 2017. Duração: 23 min. O filme narra algumas mitologias indígenas.

Troia, dirigido por Wolfgang Petersen. Produção: EUA/Malta/Reino Unido/Irlanda do Norte, 2004. Duração: 162 min. O filme, que narra a batalha entre reinos de Troia contra Esparta, traz uma série de referências aos deuses da mitologia grega.

Vídeos

<<https://www.youtube.com/watch?v=obuRxNgAh6c>>. O documentário dirigido por Lara Velho e Germano Bruno Afonso traz algumas das interpretações dos indígenas Tupi-Guarani sobre os fenômenos celestes. Brasil, 2011. Duração: 26 min.

<https://www.youtube.com/watch?v=ywIPik7_YuE>. "Ojepotá, o mito guarani": Feito por jovens indígenas, o vídeo narra a história mítica das consequências da desobediência às regras da natureza. Acessos em: 13 dez. 2020.

Capítulo 5

Obras consultadas

Livros

DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016. Nessa obra, Descartes discorre sobre a existência de Deus e as relações corpo-alma.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2014. Nesta obra, o autor apresenta como a oposição razão e loucura esteve presente ao longo da nossa história, traçando uma fronteira entre os indivíduos. O autor também aponta o papel das instituições nessa divisão.

HADOT, Pierre. *O véu de Ísis: ensaio sobre a história de ideia da natureza*. São Paulo: Loyola, 2006. O autor traça um panorama histórico para apresentar como a humanidade, em diversas épocas, concebeu ideias de natureza.

HAWKING, Stephen. *Uma breve história do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. O físico mostra como o ser humano busca responder a questões como: Qual a origem do universo? O universo é infinito? O que é o tempo?, entre outras.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Petrópolis: Vozes, 2015. Uma entre as três críticas escritas pelo filósofo, essa obra aborda a temática sobre o conhecimento, apontando que ele ocorre tanto de forma empírica quanto racionalmente.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *O alienista*. São Paulo: Penguin e Companhia das Letras, 2014. Nesta obra, Machado de Assis narra a história de um médico que passa a diagnosticar a maioria das pessoas como loucas, internando-as em seu manicômio.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Segundo o autor, é preciso nos livrar de nossas percepções petrificadas pelos dogmas e preconceitos, e nos abrir para uma nova percepção, fundamentada nos conceitos da fenomenologia.

Filme

Matrix, dirigido pelas irmãs estadunidenses Lana Wachowski e Lilly Wachowski. Produção: Austrália e EUA, 1999. Duração: 136 min. Escolher ou não o caminho que nos leva à verdade? Essa é a dúvida enfrentada pelo personagem Neo.

Complementar

Livros

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Rio de Janeiro: Darkside, 2019. Alice é acordada ao pé de uma árvore por um coelho branco. Ao segui-lo, Alice parte numa aventura por um mundo de mistérios, ilusão e maravilhas.

GOLDSTEIN, Rebecca. *Incompletude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. O teorema da incompletude, uma controversa descoberta científica, mostra que algumas verdades objetivas não podem ser provadas. Segundo o teorema, há uma verdade por trás da natureza que a matemática não consegue decifrar em sua completude.

Capítulo 6

Obras consultadas

Livros

CONTADOR, Paulo Roberto Martins. *A matemática na arte e na vida*. São Paulo: Livraria da Física, 2008. Nesta obra, o autor examina como a matemática se faz presente em todos os padrões da natureza e nos padrões das construções humanas.

GALILEI, Galileu. *O ensaiador*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Livro do século XVII no qual Galileu comenta o papel da matemática para o conhecimento do mundo.

NEWTON, Isaac. *Princípios matemáticos da filosofia natural*. São Paulo: Edusp, 2012. Obra em três volumes na qual Newton expõe sua invenção do cálculo diferencial e a dedução de toda a sua física, incluindo sua importante teoria da gravitação universal.

QUEIROZ, Rosania Maria. *Razão áurea: a beleza de uma razão surpreendente*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007. Nesse trabalho, a autora explica as noções de razão áurea e mostra a presença dessa proporção em vários exemplos da realidade.

HAWKING, Stephen. *O Universo numa casca de noz*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016. Nesse livro, o físico inglês Stephen Hawking utiliza diversas ilustrações para apresentar descobertas no campo da física.

WILCZEK, Frank. *A beautiful question: finding nature's deep design*. São Paulo: Penguin Books, 2016. O autor investiga a presença da beleza na natureza a partir da análise de padrões matemáticos.

Filme

A teoria de tudo, dirigido por James Marsh. Produção: Reino Unido, 2014. Duração: 123 min. 10 anos. A obra retrata a trajetória do físico Stephen Hawking, que exerceu papel fundamental no desenvolvimento da cosmologia na segunda metade do século XX.

Complementar

Livros

BOYER, Carl B.; MERZBACH, Uta C. *História da matemática*. São Paulo: Blucher, 2012. O livro apresenta como, ao longo da história, a humanidade se envolveu com a matemática.

MLODINOW, Leonard. *O andar do bêbado: como o acaso determina nossas vidas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. O livro mostra como a probabilidade está presente em diversas partes de nossa vida.

Filme

Uma mente brilhante, dirigido por Ron Howard. Produção: EUA, 2001. 135 min. O filme é inspirado nos eventos da vida de John Nash, importante matemático que se destacou em diversas áreas da matemática e ganhou um prêmio Nobel de Economia.

Multimodais

Alguns aplicativos gratuitos possuem plataformas com material didático, atividades, jogos e exercícios de matemática de forma bastante dinâmica e pedagógica para o uso em sala de aula.

<<https://www.prandiano.com.br/museu>>. Acesso em: 11 nov. 2020. O site possibilita um tour virtual pelo Museu da Matemática Prandiano, apresentando o universo da matemática.

<<https://stellarium.org/pt/>>. Acesso em: 11 nov. 2020. Nesse link, é possível acessar um planetário e conhecer o céu diurno e noturno de diferentes localizações.

Capítulo 7

Obras consultadas

Livros

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. O livro apresenta, entre outras questões, a crítica ao uso irrefletido da razão instrumental, que pode gerar a barbárie.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Nesta obra, o autor se dedica à análise do holocausto sob o enfoque da sociologia, buscando as lições para compreender a sociedade.

BERLIN, Isaia. *Raízes do Romantismo*. São Paulo: Três Estrelas, 2015. Nesta obra, Berlin expõe o contexto e as ideias que propiciaram a formação de conceitos do pensamento romântico.

GOTTLIEB, Anthony. *O sonho da razão: uma história da filosofia*. Rio de Janeiro: Difel, 2007. Nesse livro, o autor aborda a história da filosofia da Antiguidade até o início da filosofia moderna no século XVII.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Petrópolis: Vozes, 2015. Uma entre as três críticas produzidas pelo filósofo, essa obra aborda a temática sobre o conhecimento, apontando que ele ocorre tanto de forma empírica quanto de modo racional.

KANT, Immanuel. *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1985. Essa obra reúne pequenos textos do filósofo alemão Kant.

NIETZSCHE, F. *O anticristo*. Lisboa: Edições 70, 2014. (formato e-book). Nessa obra, Nietzsche reflete sobre o cristianismo, sobretudo em sua fase inicial, e promove uma crítica à religião cristã e a seus valores

PINKER, Steven. *O novo Iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Neste livro, o linguista postula que o legado deixado pelo Iluminismo foi de progresso sem precedentes na história.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Rio de Janeiro: Darkside, 2017. O livro narra a história do estudante de ciências naturais Victor Frankenstein, que constrói um monstro em seu laboratório.

SCHILLER, Friedrich. Os deuses da Grécia. Estrofe XIV. In: HADOT, Pierre. *O véu de Ísis*. São Paulo: Loyola, 2006. Nesse poema, Schiller apresenta como a racionalidade promoveu o desencantamento da natureza.

GUTHRIE, William K.C. *Os sofistas*. São Paulo: Paulus, 1997. A obra mostra a importância dos sofistas na história do pensamento, sobretudo por terem se voltado à compreensão do ser humano, e no desenvolvimento da argumentação e da vida social.

Filme

Jurassic Park: o parque dos dinossauros, dirigido por Steven Spielberg. Produção: EUA, 1993. 126 min. Livre. O filme conta a história de cientistas que desenvolvem técnicas para criar dinossauros a partir de DNA pré-histórico, porém a invenção acaba em um grande desastre.

Sites

<<https://ourworldindata.org/life-expectancy>>. Acesso em: 11 nov. 2020. Nesse site é possível acompanhar pesquisas e dados sobre diversas questões sociais do mundo todo.

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3097/tcmb_2018.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2020. Nesse periódico pode-se compreender a evolução nas taxas de mortalidade no Brasil.

Complementar

Livro

BERLIN, Isaia. *Three critics of the Enlightenment: Vico, Hamann, Herder*. Princeton: Princeton University Press, 2013. Isaia Berlin mostra como os autores Vico, Hamann, Herder teceram uma crítica ao Iluminismo.

Filme

A lista de Schindler, dirigido por Steven Spielberg. Produção: EUA, 1993. Duração: 195 min. 14 anos. O filme conta a história de Oskar Schindler, alemão com influência dentro do Partido Nazista, que abre uma fábrica na qual emprega mão de obra judia.

Vídeos

<<https://www.fronteiras.com/videos/conferencistas/zygmunt-bauman>>. Acesso em: 25 ago. 2020. Entrevista com o sociólogo Bauman, que fala sobre mudanças no comportamento dos indivíduos na sociedade pós-moderna.

<<https://www.youtube.com/watch?v=mURJehHBQqY>>. Acesso em: 25 ago. 2020. Nesse vídeo, Luiz Felipe Pondé, Marcia Tiburi, Leandro Karnal e Rubens Fernandes Junior falam sobre a perda de referências e a crise da razão na pós-modernidade.

Capítulo 8

Obras consultadas

Livros

IDHE, Don. *Digital media: human – technology connection*. Lanham: Lexington Books, 2016. O livro reflete sobre a interação humana com a tecnologia digital, apontando como essa tecnologia modifica a interação entre os seres humanos entre si e o mundo.

IDHE, Don. *Philosophy of technology: an introduction*. Saint Paul: Paragon House, 1998. Nesse livro, o filósofo analisa o impacto da tecnologia em diversas áreas: ética, política e cultural. Ele examina o efeito do uso da tecnologia ao longo da história, desde os primeiros usos de ferramentas até os dias atuais da era digital.

MORTIMER, Ian. *Séculos de transformações*. Rio de Janeiro: Difel, 2018. O autor apresenta, de forma cronológica, as diversas transformações que impactaram cada século ao longo de mil anos.

Filme

Ela, dirigido por Spike Jonze. Produção: EUA, 2013. Duração: 126 min. No filme, o escritor Theodore se apaixona por um sistema operacional denominado Samantha, iniciando uma relação amorosa entre ele e a máquina.

Série

Black mirror, dirigido por Charlie Brooker. Produção: Reino Unido, 2011. A série de ficção científica apresenta cenários de consequências drásticas da interação do ser humano com a tecnologia.

Sites

<<http://atraves.tv/as-videodancas-de-analivia-cordeiro/>>. Acesso em: 23 set. 2020. Nesse *site*, é possível apreciar o trabalho da coreógrafa Analivia Cordeiro, precursora da videodança no Brasil. Analivia funde a dança com o audiovisual e tem como resultado uma nova manifestação artística.

<<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa100025/analivia-cordeiro>>. Acesso em: 12 nov. 2020. Nesse *site* pode-se conhecer mais do trabalho da coreógrafa Ana Lívia Cordeiro, a qual promove trabalhos de videodança.

Complementar

Livro

VERKERK, Maarten J. et al. *Filosofia da tecnologia: uma introdução*. Viçosa: Ed. Ultimato, 2018. A obra sistematiza alguns trabalhos já realizados sobre a área da filosofia da tecnologia e promove uma reflexão crítica dos usos da tecnologia.

Site

<<http://www.institutosantosdumont.org.br/instituto-neurociencias/>>. Acesso em: 11 nov. 2020. No Rio Grande do Norte, o Instituto Internacional de Neurociências desenvolve pesquisas sobre a interface cérebro-máquina. Nesse *site* citado, pode-se acompanhar as publicações científicas do instituto.

Multimodais

Alguns museus possibilitam a interação virtual sem sair de casa. A seguir, listamos alguns deles:

<<https://www.museuoscarniemeyer.org.br/visite/visita-virtual-3D>>. Acesso em: 27 nov. 2020; <<https://www.mis-sp.org.br/acervo/online>>. Acesso em: 27 nov. 2020; <<https://www.louvre.fr/en/visites-en-ligne>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

<<https://museudocomputador.org.br/>>. Acesso em: 11 nov. 2020. Esse *site* promove a interação com diversas novidades na área da tecnologia.

<<https://www.nasa.gov/>>. Acesso em: 4 dez. 2020. *Site* da Nasa que possibilita algumas incursões virtuais para o conhecimento do espaço.

■ Unidade 3

Capítulo 9

Obras consultadas

Livros

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. O livro foi escrito em 1947 e apresenta uma visão crítica da modernidade, apontando os problemas resultantes da crise da racionalidade.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Nesta obra, a filósofa problematiza a formação da identidade de gênero como uma construção histórica e social.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986. Nessa obra, o autor busca elementos que propiciam a compreensão da identidade do povo brasileiro.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História geral da civilização brasileira*. 5. ed. São Paulo: Difel, 1982. 11 v. Essa coleção aborda a história do Brasil do ponto de vista social, econômico, cultural e político, durante o período de 1500 a 1964.
- HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Nesse livro, hooks aborda a natureza do feminismo e o compromisso dele contra atos de sexismo, de exploração e de opressão.
- JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro*. Petrópolis: Vozes, 2001. v. 1. Esse livro reúne alguns ensaios de Jameson, nos quais o autor analisa a relação entre cultura e economia no contexto de um mundo globalizado.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. O livro apresenta como a noção de cultura se modificou na atualidade, estendendo-se a diversos setores da vida humana. Os autores abordam ainda algumas das consequências da expansão da cultura.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. Nesse livro, Lyotard apresenta as transformações ocorridas na contemporaneidade que influenciaram a cultura.

Filme

Era o hotel Cambridge, dirigido por Eliana Caffé. Produção: Brasil, 2016. Duração: 99 min. 12 anos. O filme apresenta o embate cultural entre refugiados recém-chegados ao Brasil, que convivem num mesmo local com um grupo de sem-teto.

Complementar

Livros

- HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2009. Nessa obra, o filósofo alemão mostra a importância das relações éticas na sociedade atual para o desenvolvimento do indivíduo.
- RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Nessa obra, a filósofa aborda as origens do racismo e sua presença na atualidade.

Filme

O diabo veste Prada, dirigido por David Frankel. Produção: EUA, 2006. Duração: 109 min. Livre. No filme, a jornalista recém-formada Andy é contratada por uma famosa revista de moda de Nova York, na qual se depara com um universo de comportamento, de gosto e de valores novos, completamente diferente daquele que ela costumava frequentar.

Indústria Americana, dirigido por Steven Bogner e Julia Reichert. Produção: EUA, 2019. Duração: 110 min. 14 anos. O documentário, que ganhou o Oscar em sua categoria em 2020, apresenta o embate cultural entre chineses e americanos, que têm visões diferentes sobre a forma de trabalho.

Gran Torino, dirigido por Clint Eastwood. Produção: EUA, 2008. 120 min. 14 anos. Um veterano da Guerra da Coreia apresenta atitudes preconceituosas e xenófobas a seus vizinhos de origem latina, afrodescendente e asiática.

Vídeo

<<https://www.youtube.com/watch?v=-YQcFNoiDMw>>. Acesso em: 12 nov. 2020. Nesse vídeo, a filósofa brasileira Marilena Chaui aborda a noção de cultura, apontando algumas características que a definem.

Sites

<<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 12 nov. 2020. Site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, traz informações sobre o patrimônio cultural brasileiro, além de verificarmos as ações realizadas para a preservação de nossa cultura.

<<https://www.fundaj.gov.br/>>. Acesso em: 27 nov. 2020. O site da Fundação Joaquim Nabuco traz conteúdos de aspectos culturais sobretudo das regiões Norte e Nordeste do país.

<http://www.palmares.gov.br/?page_id=95>. Acesso em: 27 nov. 2020. No site da Fundação Cultural Palmares é possível acompanhar o trabalho da instituição para promover e preservar as influências da cultura negra na sociedade brasileira.

<<http://mapas.cultura.gov.br/>>. Acesso em: 27 nov. 2020. O site Mapa da Cultura, vinculado ao Ministério da Cultura, permite ter informações sobre a produção artístico-cultural presente no Brasil.

Multimodais

<<http://www.museudaimigracao.org.br/sobre-o-mi/explore>>. Acesso em: 12 nov. 2020. Site do Museu da Imigração, possibilita um tour virtual, de modo que se pode acompanhar diversos aspectos da história da imigração no Brasil.

<<http://cmr.funai.gov.br/>>. Acesso em: 12 nov. 2020. Esse site permite monitorar as terras indígenas de forma remota.

Capítulo 10

Obras consultadas

Livros

- ARISTÓTELES. *Política*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. A obra apresenta as principais reflexões de Aristóteles sobre a questão da política e como ela visa proporcionar a felicidade, que é o bem supremo da vida em comunidade.
- AZAMBUJA, Darcy. *Introdução à ciência política*. São Paulo: Globo, 2007. Nessa obra, o jurista brasileiro aborda temas associados à ciência política, como poder político, soberania, Estado, formas de governo, democracia, constituição, entre outros.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. Nesse livro, é traçado o caminho percorrido pela democracia no Brasil, desde seus primeiros indícios do período monárquico.
- COMPARATO, Fábio Konder. *A afirmação histórica dos direitos humanos*. São Paulo: Saraiva, 2015. O autor analisa documentos normativos para acompanhar a evolução dos direitos humanos ao longo do tempo.
- LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. Os autores, que são professores de Harvard, investigam os motivos que levam as democracias tradicionais ao colapso.
- MILL, John Stuart. *Sobre a liberdade*. Lisboa: Edições 70, 2006. O filósofo analisa a relação entre autoridade e individualidade, estendendo a problemática a questões que cercam o bem-estar do indivíduo, como liberdade de expressão, de crença, entre outras.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social*. Porto Alegre: L&PM, 2014. Nessa obra, Rousseau expõe conceitos como vontade geral, soberania popular, liberdade e justiça, apontando os fundamentos do bem comum.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1993.

A obra mostra como o capitalismo organiza os espaços urbanos (físicos e sociais) e, deste modo, impede o pleno exercício da cidadania pela parcela mais pobre e vulnerável da população.

VILLA, Marco Antônio. *História das Constituições*. São Paulo: Leya, 2011. Nessa obra, o historiador Marco Antônio Villa mostra a especificidade de cada Constituição brasileira em seu tempo histórico e os avanços de cada uma em relação às precedentes.

Filme

As sufragistas, dirigido pela inglesa Sarah Gavron. Produção: Reino Unido, 2015. Duração: 106 min. 14 anos. O filme apresenta a luta de mulheres no Reino Unido pelo direito ao voto, no início do século XX.

Complementar

Filme

Cidade de Deus, dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund. Produção: Brasil, 2002. Duração: 135 min. 16 anos. Mostra a dificuldade da população mais pobre para acessar serviços básicos para o exercício da cidadania.

Vídeos

<https://www.youtube.com/watch?v=hv7U_yNZoGg>. Acesso em: 12 nov. 2020. *Documentário – 30 anos da Constituição*. Nesse link, é possível assistir a um documentário sobre os ganhos ao longo dos 30 anos da Constituição de 1988.

Uma breve história dos direitos humanos. Disponível em: <<https://www.unidospelosdireitoshumanos.org.br/what-are-human-rights/brief-history/>>. Acesso em: 4 out. 2020. Nesse site, é possível assistir ao vídeo que explica, de forma bastante didática, o que são os direitos humanos e a sua história.

Site

Site da ONU no Brasil. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/>>. Acesso em: 4 out. 2020. Nessa página, podemos conhecer a organização e sua atuação no Brasil e no mundo.

Multimodal

<<http://www.edemocracia.leg.br/>>. Acesso em: 12 nov. 2020. Plataforma que integra a participação popular às ações políticas, promovendo a prática da cidadania.

Capítulo 11

Obras consultadas

Livros

BACICH, Lilian; MORAN, José. *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2017. A obra apresenta metodologias que permitem aos estudantes exercerem seu protagonismo na aprendizagem.

JAPIASSÚ, Hilton. *O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Nessa obra, Japiassú reflete sobre a compartimentalização e a especialização das disciplinas e como a atualidade exige uma maior interação e diálogo entre elas.

MONTOAN, Maria Tereza Eglér. *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?*. São Paulo: Summus Editorial, 2015. O livro busca esclarecer algumas questões sobre escola inclusiva e também aponta quais os passos importantes para colocá-la em prática.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2018. Nesse livro, o sociólogo Morin apresenta sete elementos necessários para a educação do século XXI.

Filme

O preço do desafio, dirigido por Ramón Menéndez. Produção: EUA, 1988. Duração: 103 min. 14 anos. O filme retrata os desafios de sala de aula enfrentados pelo professor de Matemática Jaime Escalante.

Sites

BNCC. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/205-uma-escola-cidadã-para-as-juventudes-brasileiras-contextualizacao-interdisciplinaridade-aprendizagem-colaborativa-e-autoria-protagonismo-juvenil?highlight=WyjpbnRlcmRpc2NpcGxpbmFyaWRhZGUxQ==>>. Acesso em: 16 ago. 2020. Esse link encaminha para a página da BNCC, que apresenta como a contextualização, a interdisciplinaridade, a aprendizagem colaborativa e o protagonismo juvenil que permitem a construção de uma escola mais inclusiva e mais cidadã.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Especial. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aescola.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2020. Nessa página do MEC, encontra-se um documento sobre educação inclusiva e diversidade.

Complementar

Livros

CORTELLA, Mario Sérgio. *Nós e a escola: agonias e alegrias*. Petrópolis: Vozes, 2018. Mario Sérgio Cortella apresenta nessa obra algumas reflexões sobre o ato de ensinar, as quais foram obtidas pelo autor durante os quarenta anos de experiência da docência.

PAVIANI, Jayme. *Interdisciplinaridade: Conceitos e distinções*. Caxias do Sul: Educ, 2014. Esse livro apresenta os pressupostos epistemológicos e pedagógicos do conceito da interdisciplinaridade. Além disso, o autor também expõe como a sua prática é um desafio aos professores.

Filmes

Entre os muros da escola, dirigido por Laurent Cantet. Produção: França, 2008. Duração: 128 min. 12 anos. Um professor que leciona numa escola na periferia de Paris enfrenta as dificuldades de uma classe diversificada, na qual violências, tensões e problemas precisam ser solucionados.

Nunca me sonharam, dirigido por Cacau Rhoden. Produção: Brasil, 2017. Duração: 84 min. Livre. No documentário, é retratado um panorama do Ensino Médio em cinco diferentes regiões brasileiras.

Série

Merlí, dirigido por Héctor Lozano. Produção: Espanha, 2015. Essa série (três temporadas) narra o cotidiano de um professor de Filosofia com seus alunos. O professor Merlí utiliza métodos diferenciados para promover o aprendizado dos jovens.

Sites

<<https://www.unicef.org/brazil/sobre-o-unicef>>. Acesso em: 12 nov. 2020. Site ligado à ONU que possibilita acompanhar as ações da Unicef no Brasil, observar relatórios de pesquisas sobre a criança e o adolescente e sobre ações educacionais da instituição.

<<https://cer.sebrae.com.br/ferramentas/>>. Acesso em: 12 nov. 2020. Nesse site, o professor pode acessar diversos e-books com conteúdos pedagógicos.

Vídeo

<<https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=0zQOzevDKdc>>. Acesso em: 12 nov. 2020. Nesse vídeo é possível acompanhar um debate sobre o que são metodologias ativas e como elas podem ser trabalhadas em sala de aula.

Multimodal

SÓ FILOSOFIA. Portal de Filosofia. Disponível em: <<http://www.sofilosofia.com.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2020. Com temática de filosofia, esse site traz conteúdos, atividades, quiz, artigos, curiosidades etc.

Capítulo 12

Obras consultadas

Livros

- HEADRICK, Daniel. *Technology: a world history* [Tecnologia: uma história do mundo]. New York: Oxford University Press, 2009. O autor mostra as principais inovações tecnológicas desenvolvidas ao longo da história e expõe como essas inovações impactaram a vida do ser humano.
- HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções: 1789-1848*. São Paulo: Paz & Terra, 2012. Na obra, o historiador traz uma análise da Revolução Francesa e da Revolução Industrial, apontando as consequências de ambas para a sociedade.
- HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. São Paulo: Paz & Terra, 2012. Hobsbawm apresenta diversos fatos sociais, políticos e culturais que favoreceram um período de crise até gerar o desencadeamento da Primeira Guerra Mundial.
- MCCLOSKEY, Deirdre. *The bourgeois virtues: ethics for as age of commerce*. Chicago: University of Chicago Press, 2007. A filósofa rebate críticas ao capitalismo e busca responder a questões sobre as virtudes na burguesia e sobre a ética no mercado.
- MORTIMER, Ian. *Séculos de transformações*. Rio de Janeiro: Difel, 2018. O autor apresenta, de forma cronológica, as diversas transformações que impactaram cada século ao longo de mil anos.
- SCHWAB, Klaus. *A Quarta Revolução Industrial*. São Paulo: Edipro, 2018. No livro, o autor apresenta o impacto dessa revolução em áreas diversas, como trabalho, segurança etc.
- VERBEEK, Peter-Paul. *What things do: reflections on technology, agency and design*. Pennsylvania: Pennsylvania University Press, 2005. O autor faz uma crítica filosófica ao uso da tecnologia e à relação do ser humano com ela.
- VERNE, Júlio. *A volta ao mundo em 80 dias*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. Escrita em 1871, essa obra literária narra a tentativa do cavalheiro inglês Phileas Fogg de realizar uma viagem na qual fosse dada a volta ao planeta em apenas 80 dias.

Filmes

- A volta ao mundo em 80 dias*, dirigido por Michael Anderson e John Ferrow. Produção: EUA, 1956. Duração: 170 min. Filme ganhador do Oscar em várias categorias, traz uma narrativa divertida da obra de Júlio Verne.
- Privacidade hackeada*, de Karim Amer e Jehane Noujaim. Produção: EUA, 2019. Duração: 113 min, 14 anos. Nesse documentário, acompanhamos o escândalo de empresas de dados que coletaram informações de seus usuários sem permissão.
- Snowden – herói ou traidor*, de Oliver Stone. Produção: EUA, França e Alemanha, 2016. Duração: 134 min, 12 anos. Narra o caso de um ex-funcionário da Agência de Segurança dos Estados Unidos, Edward Snowden, que divulga documentos sigilosos que comprovam atos de espionagem do governo estadunidense.
- Tempos modernos*, de Charles Chaplin. Produção: EUA, 1936. Duração: 86 min. O diretor, que era também ator, interpreta um operário que tem sua vida dominada pelos movimentos repetitivos realizados na linha de produção da indústria onde trabalha.

Complementar

Livro

- HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Globo, 2014 (versão e-book). A obra apresenta uma sociedade construída e controlada pela tecnologia genética e as suas consequências éticas.

Filme

- Os miseráveis*, de Bill August. Produção: EUA, 1998. Duração: 131 min. Baseado no livro homônimo de Victor Hugo, publicado em 1862. O filme aborda a história de Jean Valjean, um desempregado que, após ser condenado à prisão por ter roubado um pão, sofre perseguições de um policial e da sociedade francesa do século XIX.

Capítulo 13

Obras consultadas

Livros

- AMBRIZZI, Tércio. *Ciência das mudanças climáticas e sua interdisciplinaridade*. São Paulo: Annablume, 2016. O livro apresenta uma série de textos de várias áreas do saber que refletem e ajudam a compreender a complexidade das mudanças climáticas, além de apontar estratégias de ação para este problema.
- GIDDENS, Anthony. *A política da mudança climática*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. Nessa obra, Giddens analisa o impacto da mudança climática na geopolítica.
- TANAKA, Shelley. *Mudanças climáticas*. São Paulo: SM, 2010. Nesse livro, a autora responde a várias questões sobre o aquecimento global, fazendo uso de uma linguagem científica, mas acessível aos jovens.

Filme

- A lei da água: novo Código Florestal*, dirigido por André D'Elia. Produção: Brasil, 2015. Duração: 78 min. O documentário brasileiro mostra a relação entre o Código Florestal aprovado em 2012 e os recursos hídricos.

Sites

<<https://www.wwf.org.br/?74082/Desmatamento-Amazonia-9762-km2-maior-numero-desde-2008>>. Acesso em: 10 out. 2020. Este *link* encaminha para o *site* da WWF, no qual é possível acessar dados sobre áreas que sofreram desmatamento na Amazônia desde 2008.

<<http://educaclima.mma.gov.br>>. Acesso em: 10 out. 2020. *Site* do Ministério do Meio Ambiente com informações sobre diversas áreas ambientais do Brasil.

<<https://www.ipcc.ch/>>. Acesso em: 10 out. 2020. Nesse *site* do Painel Intergovernamental sobre mudanças climáticas (IPCC), é possível acompanhar diversos relatórios sobre mudanças climáticas e suas consequências.

<<https://www.esrl.noaa.gov/gmd/ccgg/figures/>>. Acesso em: 11 out. 2020. Nesse *site* é possível acessar registros precisos de longo prazo de gases atmosféricos, partículas de aerossóis, nuvens e radiação de superfície, para que as causas e consequências das mudanças na atmosfera sejam compreendidas.

Complementar

Livro

FERRY, Luc. *A nova ordem ecológica: a árvore, o animal e o homem*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. Nessa obra, o filósofo Luc Ferry se volta aos fundamentos filosóficos e históricos da ecologia, buscando explicitar as teorias sobre a relação do homem com a natureza.

Filme

Ilha das Flores, filme dirigido por Jorge Furtado. Produção: Brasil, 1989. Duração: 15 min. A partir da trajetória de um tomate – desde a sua colheita até a chegada no lixo, onde é disputado por crianças famintas, o documentário busca apresentar as consequências do consumismo e do desperdício.

Sites

Links que possibilitam a leitura de textos educativos sobre a preservação ambiental:

<<https://imazongeo.org.br/#/>>. Acesso em: 12 nov. 2020. Trata-se de um *site* com mapa interativo que permite observar a situação de diversas áreas da Floresta Amazônica.

<<http://www.inpe.br/navegacao/mapa-site.php>>. Acesso em: 17 nov. 2020. *Site* do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), que identifica e mapeia áreas desmatadas na Amazônia por meio de imagens de satélites. Traz também muitas informações atualizadas sobre o Cerrado, a Mata Atlântica, mudanças ambientais, queimadas etc.

<<http://www.protocolodemontreal.org.br/site/quem-somos/protocolo-de-montreal/sobre-o-protocolo-de-montreal>>. Acesso em: 12 nov. 2020. O *site* indica as medidas adotadas pelo Brasil para proteger a camada de ozônio.

Multimodais

<<https://cfs.climate.esa.int/index.html#/>>. Acesso em: 12 nov. 2020. Nesse *site* interativo pode-se acompanhar as mudanças climáticas no planeta.

<<http://earthenginepartners.appspot.com/science-2013-global-forest>>. Esse é um *site* interativo que possibilita acompanhar a mudança na cobertura vegetal do planeta nos últimos anos.

■ Reflexão final das unidades

Obras consultadas

Livros e artigos

BOTO, Carlota. JORNAL DA USP. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/a-educacao-e-a-escola-em-tempos-de-coronavirus/>>. Acesso em: 12 out. 2020. Nesse artigo, a pedagoga e historiadora Carlota Boto reflete sobre a transformação do ensino ao longo da história e como o contexto da pandemia de coronavírus 2020 proporcionou mudanças na área pedagógica.

JAEGER, Werner, *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. O livro apresenta o amplo papel da educação para o indivíduo da Grécia Antiga.

RIOS, Terezinha Azerêdo. A pergunta filosófica como componente essencial da formação e da prática de professores. *EccoS, Revista Científica*, 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/715/71546154002.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2020. A autora apresenta a importância da atitude própria da filosofia – o questionamento – para a formação dos alunos e também para a prática pedagógica.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. *In: Educação e pesquisa*. Set./dez. 2006, v. 32, n. 3, p. 619-634. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ep/v32n3/a13v32n3.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2020. Nesse artigo, Antônio Joaquim apresenta o papel da educação na formação humana e como o contexto atual promove um desafio a essa formação.

THIESEN, Juarez da Silva. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000300010>. Acesso em: 27 nov. 2020. Nesse artigo, o autor comenta a especialização do conhecimento científico e a importância da interdisciplinaridade para o saber.

VIANA, Marcelo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marceloviana/2020/07/o-valor-da-ciencia.shtml>>. Acesso em: 27 nov. 2020. O texto de Marcelo Viana apresenta como a humanidade sempre buscou, de formas variadas, compreender o mundo e o valor do conhecimento científico.

■ Subsídios para avaliar as unidades

Obras consultadas

Livro e artigo

SANMARTÍ, Neus. *Avaliar para aprender*. Porto Alegre: Penso, 2009. Sanmartí discorre sobre o papel da avaliação no ensino e como ela deve ser significativa tanto para o professor quanto para o aluno.

SILVA, Kleber Aparecido da; BARTHOLOMEU, Maria Amélia Nader; CLAUS, Maristela M. Kondo. Autoavaliação: uma alternativa contemporânea do processo avaliativo. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 89-115, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982007000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 nov. 2020.

Complementar

CORTELLA, Mario Sérgio. *Filosofia: e nós com isso?* Petrópolis: Vozes, 2019. O livro apresenta a importância da filosofia em nossa vida, apontando como ela proporciona a ampliação do nosso olhar sobre o mundo e uma atuação mais consciente no cotidiano.

NUSSBAUM, Martha. *Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015. Nessa obra, a filósofa nos mostra a importância do ensino das humanidades para formação de cidadãos atuantes na democracia.

O ser humano: pensando a sua existência

OBJETIVOS DA UNIDADE

- Problematizar a questão do ser humano enquanto indivíduo que busca compreender a si mesmo, que deseja assimilar o mundo à sua volta e que lida com os problemas da existência, como a passagem do tempo, as limitações físicas e mentais, as contingências externas e as relações interpessoais.
- Ajudar o professor a conhecer-se a si mesmo a fim de conduzir-se em sua vida profissional e melhor integrá-la em sua vida pessoal.
- Discutir o processo de passagem do tempo, garantindo ao docente a atualização e a compreensão de seu público, sempre jovem e com novos comportamentos culturais.
- Compreender e envolver a diversidade dos educandos, formando-os integralmente.
- Trabalhar e lidar com questões socioemocionais próprias e dos discentes.
- Construir um projeto de vida satisfatório a si mesmo e proporcionar meios para que os alunos construam seus próprios projetos de vida rumo àquilo que lhes traga felicidade.

ÁREAS DO CONHECIMENTO TRABALHADAS NA UNIDADE

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Linguagens e suas Tecnologias

(Há também conteúdos pontuais que envolvem a disciplina de Biologia.)

COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA; COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS; HABILIDADES ESPECÍFICAS DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS (BNCC) DESTA UNIDADE

Capítulo 1: Conhece-te a ti mesmo

Competências gerais: 1, 3, 4, 6, 8, 9, 10

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 5

Habilidades específicas: EM13CHS101, EM13CHS501, EM13CHS502, EM13CHS503

Capítulo 2: Passado e futuro: a construção da narrativa da vida

Competências gerais: 1, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 5

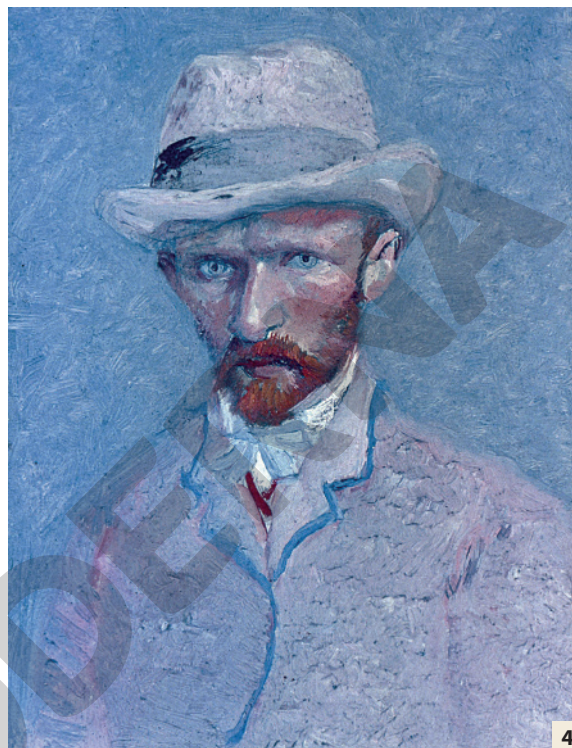
Habilidades específicas: EM13CHS101, EM13CHS104, EM13CHS501; EM13CHS502; EM13CHS503.

Capítulo 3: A busca pela felicidade

Competências gerais: 1, 2, 4, 6, 8, 9, 10

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 5

Habilidades específicas: EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS501, EM13CHS502



GRANGER/SHUTTERSTOCK - MUSEU VAN GOGH, AMSTERDA



BRIDGEMAN ART IMAGES VIA GETTY IMAGES - COLEÇÃO PARTICULAR



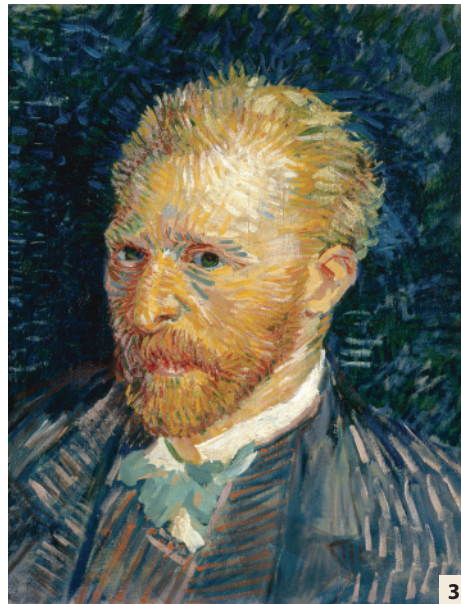
VINCENT VAN GOGH - MUSEU KRÖLLER-MÜLLER, OTTERLO

1



VINCENT VAN GOGH - RIJKSMUSEUM, AMSTERDAM

2



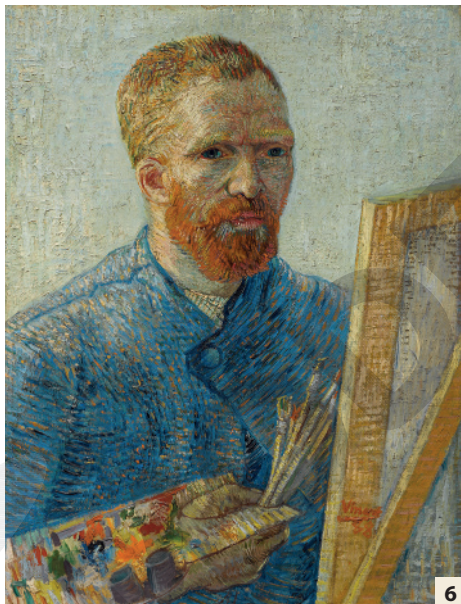
VOG WILSON/CORBIS VIA GETTY IMAGES - MUSEU D'ORSAY, PARIS

3



GRANGER/SHUTTERSTOCK - MUSEU VAN GOGH, AMSTERDAM

5



VINCENT VAN GOGH - MUSEU VAN GOGH, AMSTERDAM

6



VINCENT VAN GOGH - MUSEU D'ORSAY, PARIS

7



THE PRINT COLLECTOR VIA GETTY IMAGES - KUNSTHAUS, ZÜRICH

9



VINCENT VAN GOGH - GALERIA COURTAULD, LONDRES

10

Autorretratos do holandês Vincent van Gogh (1853-1890). O autorretrato revela a percepção que o pintor tem de si mesmo.

1. *Autorretrato*, óleo sobre papelão, 32 cm x 24 cm, 1886-1888.
2. *Autorretrato*, óleo sobre tela, 42 cm x 34 cm, 1887.
3. *Autorretrato*, óleo sobre tela, 47 cm x 35 cm, 1887.
4. *Autorretrato com chapéu de feltro cinza*, óleo sobre papelão, 19 cm x 14 cm, 1887.
5. *Autorretrato com chapéu de palha e cachimbo*, óleo sobre tela em papelão, 42 cm x 30 cm, 1888.
6. *Autorretrato como pintor*, 65 cm x 50 cm, óleo sobre tela, 1888.
7. *Autorretrato*, óleo sobre tela, 65 cm x 54,5 cm, 1889.
8. *Autorretrato sem barba*, óleo sobre tela, 40 cm x 31 cm, 1889.
9. *Autorretrato com orelha enfaixada e cachimbo*, 51 cm x 45 cm, óleo sobre tela, 1889.
10. *Autorretrato com orelha enfaixada*, 60,5 cm x 50 cm, óleo sobre tela, 1889.

Cena de *O palhaço*, filme dirigido por Selton Mello (1972-). A obra retrata as angústias de Benjamim ao buscar conhecer a si mesmo. Produção: Brasil, 2011. Duração: 90 min. 10 anos.



DIVULGAÇÃO/GLOBO FILMES

■ Introdução

O ser humano é complexo e de caráter multifacetado. O mesmo indivíduo que é capaz de profundas demonstrações de amor ao próximo também se mostra capaz de produzir cenas chocantes de ódio, massacres e destruição. A capacidade criativa que consegue capturar o sublime e o execrável na arte e investigar o funcionamento da natureza pela razão é a mesma que produz métodos e instrumentos que provocam a dor e a morte. Essa dicotomia de forças contraditórias que nos aflige foi expressa pelo carioca Olavo Bilac (1865-1918) em seu poema *Dualismo*.

Dualismo

Não és bom, nem és mau: és triste e humano...
 Vives ansiando, em maldições e preces,
 Como se, a arder, no coração tivesses
 O tumulto e o clamor de um largo oceano.

Pobre, no bem como no mal, padeces;
 E, rolando num vórtice vesano [louco],
 Oscilas entre a crença e o desengano,
 Entre esperanças e desinteresses.

Capaz de horrores e de ações sublimes,
 Não ficas das virtudes satisfeito,
 Nem te arrependes, infeliz, dos crimes:

E, no perpétuo ideal que te devora,
 Residem juntamente no teu peito
 Um demônio que ruge e um deus que chora.



O suicídio de Lucrecia, pintura do holandês Rembrandt (1606-1669). Nesse quadro, horror e sublime se confundem numa cena perturbadora. Óleo sobre tela, 1,05 m x 92 cm, 1666.

BILAC, Olavo. Tarde. LITERATURA BRASILEIRA. BIBLIO.COM.BR. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0006-01389.html>. Acesso em: 15 nov. 2020.

O ser humano, ser de contradições, exerce uma reflexão sobre si mesmo há muito tempo. A professora e escritora francesa Jacqueline de Romilly (1913-2010) coloca a tragédia grega (gênero teatral encenado na Grécia Antiga) como um dos instantes em que a “reflexão sobre o homem brilha com sua força primeira”³. O teatro grego legou à humanidade arquétipo⁴ e enfrentamento de dilemas com caráter universal e atemporal. O drama vivido pelos personagens Édipo e Antígona, do escritor Sófocles (497 ou 496 a.C.-406 ou 405 a.C.), possui temática que até hoje nos diz algo. Édipo não consegue fugir de seu trágico destino, a exemplo das pessoas nos dias atuais que nascem em uma realidade e não conseguem se desvencilhar dela, reproduzindo-a (como no contexto de violência); Antígona, por sua vez, vive o conflito entre seguir as leis divinas ou as leis do Estado, o que na atualidade nos remete àqueles que vivem entre dois valores coexistentes.

DIALOGANDO COM A LITERATURA

REPRODUÇÃO



• SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1998. Escrito por volta de 420 a.C., narra a história de Édipo, filho do rei de Tebas, Laio, e da rainha Jocasta. Sem conseguir mudar o destino traçado pelos deuses, Édipo está fadado à trajetória de matar seu pai e casar-se com sua própria mãe.

• SÓFOCLES. *Antígona*. São Paulo: Martin Claret, 2014 (Coleção A obra-prima de cada autor). Escrito por volta de 442 a.C., conta a história

de Antígona, personagem que, para enterrar o corpo de seu irmão na cidade de Tebas, enfrenta o dilema entre submeter-se às leis da cidade ou acatar as leis divinas.

- SHAKESPEARE. *Otelo*. São Paulo: Penguin, 2017. Escrito em torno de 1603, narra a história de Otelo, um general Mouró que, por meio de trapaças articuladas pelo alferes Iago, é acometido da desconfiança e ciúmes de sua esposa Desdêmona.
- SHAKESPEARE. *Conto de inverno*, de Shakespeare. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009. Escrito aproximadamente em 1610, retrata como o ciúme pode envenenar amizades e famílias.

Séculos mais tarde, o dramaturgo e poeta inglês William Shakespeare (1564-1616) construirá em suas peças efeito semelhante ao olhar para os vícios e virtudes do ser humano e mostrar suas consequências quando levados ao extremo. A inveja de Iago na obra *Otelo* e o ciúme de Leonte em *Conto de inverno* são exemplos das sequelas desastrosas dos costumes nocivos.

Na filosofia, a reflexão sobre o ser humano também está presente. No período da Antiguidade, Sócrates (477 a.C.-399 a.C.) situou essa reflexão no campo da moral. Já os pós-socráticos buscaram compreender o bem viver e a felicidade. Mas foi na modernidade que a filosofia experimentou uma virada para a subjetividade: as questões humanas foram pensadas de forma individual e interna a cada um.

É nesse contexto que o pai da psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939), nos apresenta a complexidade do ser humano ao mostrar que nossa mente é formada por partes conscientes e inconscientes: o *ego* (nossa consciência), o *id* (nossos instintos, impulsos e desejos) e o *superego* (nossa censura e repressão aos desejos do *id*). O consciente é apenas o topo aparente e conhecido da nossa vida psíquica, ao passo que as demais partes permanecem submersas e desconhecidas. Isso demonstra quanto o sujeito é fragmentado, de modo que conhecer a si mesmo se torna um trabalho árduo.

Analogia do iceberg



ROMOLO TAVANISHUTTERSTOCK

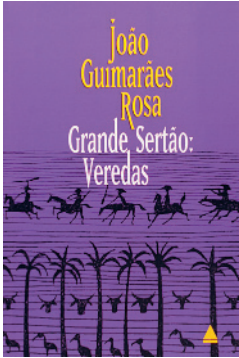
Freud utiliza essa analogia para explicar que, na psique humana, a parte consciente (*ego*) é apenas a ponta do *iceberg*; nossa vida inconsciente (*id* e *superego*) está submersa.

3 ROMILLY, Jacqueline. *A tragédia grega*. Lisboa: Edições 70, 2013. p. 7.

4 Arquétipo: modelo ou padrão passível de ser reproduzido em simulacros ou objetos semelhantes. (HOUISS. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#1>. Acesso em: 3 jul. 2020.)

DIALOGANDO COM A LITERATURA

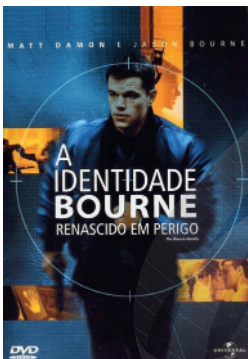
REPRODUÇÃO



- ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. No livro, o protagonista Riobaldo conta a história da sua vida, apontando a época em que pertencia a um bando de jagunços e o seu amor por Diadorim. A primeira publicação da obra foi em 1956.

DIALOGANDO COM O CINEMA

REPRODUÇÃO



- Filme *A identidade Bourne*, de 2002, com Matt Damon (1970-) interpretando o personagem central. Após perder a memória por ter sido baleado, ele busca diversas pistas para se lembrar de sua identidade, mas o único caminho é um *chip* implantado em sua pele. Produção: Alemanha, Estados Unidos e República Checa. Duração: 119 min. 14 anos.

Ao longo de nossa vida, é comum nos depararmos com questionamentos como “quem sou eu?” e “qual o meu lugar no mundo?”. Ambos estão relacionados a uma terceira questão: “qual é a minha identidade?” Tais questionamentos são vivenciados pelo personagem Benjamim no filme *O palhaço*, que serviu de abertura deste capítulo. Para definir-se e encontrar-se, Benjamim busca por novos rumos em sua vida.

Pelo caráter complexo do ser humano, a resposta à questão sobre sua identidade não poderia ser simples. Uma das características de nossa identidade é que ela está em constante transformação e nunca está completa. Como já sabia a singela sabedoria caipira de Riobaldo no livro *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa (1908-1967): “Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando”. (ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 39.)

■ Construção da identidade

Para os filósofos Martin Heidegger (1889-1976) e Jean-Paul Sartre (1905-1980), a identidade está vinculada à experiência histórica de cada ser no mundo, ou seja, a singularidade de cada experiência, desejos, vivências, expectativas, medos etc. do sujeito em sua trajetória dentro da realidade. O que liga cada instante dessa experiência é a memória, de modo que ela é parte essencial na construção da própria identidade. Não à toa observamos que quem perde a memória perde também sua identidade. No filme *A identidade Bourne*, do estadunidense Doug Liman (1965-), Jason Bourne é resgatado no meio do oceano completamente sem memória e, aos poucos, vai recobrando suas lembranças. O filme é a busca dele por sua identidade, por saber quem é e o que o levou até aquela situação. O ser humano, em contextos diversos, também passa a vida à procura dessas respostas, buscando saber quem é e qual o seu propósito no mundo.

No livro *As fontes do self*, o canadense Charles Taylor (1931-) apresenta a identidade no âmbito daquilo que podemos determinar como “bom, valioso, ou o que se deveria fazer ou aquilo que endosso ou a que me oponho”⁵, ou seja, nossa identidade permite que definamos o que importa para nós, aquilo que tem significado em nossa vida. Segundo o filósofo, também é importante para a definição de identidade os outros com os quais me relaciono, a “rede de interlocução”. Ele diz:

[...] Defino quem sou ao definir a posição a partir da qual falo na árvore genealógica, no espaço social, na geografia das posições e funções sociais, em relações íntimas com aqueles que vivo e, de modo também crucial, no espaço de orientação moral e espiritual dentro do qual são vividas minhas relações definitórias mais importantes⁶.

Com a definição de Charles Taylor, fica claro que nossa identidade está ligada às nossas identificações, às nossas relações afetivas e a toda estrutura social em que estamos inseridos. É nesse mesmo contexto que o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) analisa o impacto do mundo contemporâneo na formação da nossa identidade. Bauman mostra que a sociedade de hoje é marcada por extensas mudanças culturais e sociais, impulsionadas pelas transformações nas comunicações e nos transportes, e essas mudanças afetam a formação de nossa identidade.

5 TAYLOR, Charles. *As fontes do self*. São Paulo: Loyola, 2013. p. 44.

6 Id., p. 54.

Bauman usa a metáfora da liquidez para descrever as relações no mundo atual. Ele fala que todas as antigas certezas se dissolveram: a família tradicional, a nação, a autoridade da religião. Se antigamente a pessoa estava restrita a seu local de nascimento e ali passava boa parte de sua vida, na atualidade as relações se ampliaram para a arena global. Esse mundo de mudanças em alta velocidade e a dissolução das antigas certezas obrigam cada um a ter que formar a própria identidade a partir do zero, sem nenhuma referência predefinida. Para Bauman, “as identidades flutuam no ar”⁷.

Nesse cenário, alguns problemas aparecem de maneira nítida na formação de nossa identidade. Citaremos dois: o mundo de meras aparências (internet e as redes sociais) e a lógica do consumo como a única norteadora da vida.

Vivemos em um mundo no qual é mais importante parecer ou fingir ser do que efetivamente ser. Isso fica evidente na montagem dos perfis nas redes sociais. Elas são a arena do universo das aparências e de falseamento da realidade. Onde as pessoas estão inseguras e com medo, as redes mostram pessoas perfeitas, seguras e confiantes. No momento em que a identidade está mais insegura do que jamais estivera antes, a internet e as redes sociais aparecem como o meio de aparentar firmeza. Nelas, podemos construir uma imagem artificial na qual transmitimos a segurança de um personagem (como o atleta, o inteligente, o aventureiro, entre outros avatares). É nítido que essas identidades criadas não duram e são recriadas a cada nova moda.

Quanto ao consumo, este se tornou norteador das relações no mundo contemporâneo. O filósofo francês Gilles Lipovetsky (1944-) analisa as etapas em que a lógica do consumo invadiu paulatinamente todas as esferas da vida social. Em uma sociedade desprovida de certezas, em que a formação da identidade se apoia em vazios de significado, o “ser” não tem mais importância e a identidade é transferida ao “ter”; ela passa a ser confundida com aquilo que se tem. A pessoa é aquilo que compra, o que lê, a última viagem que fez, o último restaurante da moda que frequentou ou a última causa que defendeu.

■ Identidade de grupo

Neste mundo de transformação acelerada, a identidade é bastante volátil, o que gera tensão e medo nas pessoas em consequência da angústia de não conseguir achar seu lugar no mundo e de não pertencer a nenhum grupo ou local. As pessoas tendem a se juntar em grupos de afinidades ou que compartilhem algum ideal comum. Torcer por um time de futebol, uma profissão, fã-clubes, solidariedade a alguma causa, religião etc. são exemplos desses agrupamentos. Pertencer a eles e compartilhar experiências semelhantes podem diminuir o sentimento de solidão e apaziguar os sofrimentos íntimos. A nós, professores, é possível notar como o senso coletivo, com compartilhamento de vivências, práticas e angústias, favorece o ambiente escolar e promove a ampliação e o crescimento do trabalho no dia a dia.

Mas, no mundo em que as identidades pessoais são incertas e efêmeras, também fugaz e contingente é o pertencimento ao grupo: adesão e comprometimento ocorrem, muitas vezes, com duração ínfima. Desse modo, na era em que debates e abaixo-assinados ocorrem na internet e nas redes sociais, as causas defendidas duram até o próximo *like*. Um outro ponto que devemos ressaltar é que a identidade pessoal pode ser dissolvida dentro do grupo, dando lugar a uma identidade coletiva que, em casos extremos, pode provocar fanatismos de variadas ordens.



REPRODUÇÃO

- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A tela global: mídias culturais e cinema na era hipermoderna*. Porto Alegre: Sulina, 2009. O livro é uma reflexão sobre o papel do cinema na sociedade contemporânea, em que convivemos com uma profusão de imagens veiculadas em todo tipo de tela, como de computador, televisão, celular e do próprio cinema.

7 BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 19.

- MACHADO DE ASSIS, J. M. *O espelho*. Campinas: Editora da Unicamp, 2019. Escrito em 1882. O protagonista Jacobina reflete sobre como o ser humano tem sua identidade moldada por fatores internos e externos do indivíduo.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. O livro retrata a personagem Macabéa, uma migrante alagoana que passa a morar no Rio de Janeiro e se encontra envolta em valores e costumes diferentes dos seus.
- HUGO, Victor. *O corcunda de Notre-Dame*. São Paulo: Penguin, 2018. Nascido com deformações no corpo, Quasímodo cresce tentando se esconder do mundo e de todos.
- LEROUX, Gaston. *O fantasma da Ópera*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. Um músico talentoso, que, com vergonha de seu rosto desfigurado, se esconde da sociedade nos subsolos da Ópera de Paris.

■ Crise de identidade

Em um sentido genérico, [crise] significa uma mudança decisiva no curso de um processo, provocando um conflito ou um profundo estado de desequilíbrio.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 61.

Assim, podemos entender a crise de identidade (o termo “crise” vem do grego *krísis*) sendo uma separação entre a maneira como nos percebemos e o que de fato somos no mundo. Segundo Charles Taylor, a crise de identidade é uma espécie de “desorientação”. A literatura e as artes fornecem inúmeros exemplos disso: no conto *O espelho*, de Machado de Assis (1839-1908), o protagonista Jacobina é promovido ao posto de alferes da Guarda Nacional. Ao notar que as pessoas passam a tratá-lo com maior prestígio por causa da farda, ele tem sua identidade alterada, não reconhecendo-se a si próprio quando não está com o uniforme. Esse conto explora a ideia de como o papel que desempenhamos na esfera pública é uma fonte que permite a construção de nossa identidade; todavia, esse papel pode nos levar a uma crise de identidade quando ele passa a dominar todos os setores de nossa vida. Eis um trecho do conto:

O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custa-lhes acreditar, não?

MACHADO DE ASSIS, J. M. *O espelho*: esboço de uma nova teoria da alma humana. Campinas: Editora da Unicamp, 2019. (e-book)

A personagem Macabéa, do romance *A hora da Estrela*, de Clarice Lispector (1929-1977), busca constantemente achar seu lugar no mundo, sem sucesso algum. Quasímodo, do romance *O corcunda de Notre-Dame*, do francês Victor Hugo (1802-1885), e o fantasma Erick, personagem de *O fantasma da Ópera*, de Gaston Leroux (1868-1927), são dois casos de crise de identidade formada a partir de problemas corporais.



Cena do filme *A hora da Estrela*, dirigido por Suzana Amaral (1932-2020). No papel principal, a paraibana Marcélia Cartaxo (1963-), que interpreta a jovem migrante nordestina. Sua atuação lhe rendeu o Urso de Prata de melhor atriz no Festival de Cinema de Berlim, em 1986. Produção: Brasil. Duração: 96 min. 12 anos.



Cena do musical *O fantasma da Ópera*, protagonizado pelo ator e tenor lírico brasileiro Thiago Arancam (1982-). O espetáculo ficou mais de um ano em cartaz na cidade de São Paulo, encerrando sua temporada em dezembro de 2019. O mais antigo musical em cartaz na história da Broadway tem música do britânico Andrew Lloyd Webber (1948-) e foi dirigido pelo nova-iorquino Harold Prince (1928-2019).

Todos nós já tivemos algum momento na vida em que nos deparamos com questionamentos sobre nós mesmos. Também já passamos por alguma crise de identidade, sem saber para onde seguir, em que depositar esforço, em que vale a pena acreditar, entre outras dúvidas. Conversão religiosa e mudanças profissionais são exemplos nos quais a pessoa abandona determinado conjunto de valores e visões de mundo para abraçar outros. Gostos, desejos e expectativas estão sempre em evolução juntamente com a formação da identidade.

No entanto, as crises identitárias podem desencadear vários problemas psicológicos e físicos, levando a atitudes extremas. Inúmeras pessoas sofrem com a falta de identidade com seu próprio corpo, deflagrando processos perigosos contra a saúde e até contra a própria vida. Bulimia, anorexia, dietas ditas milagrosas, automedicação, inúmeras cirurgias desnecessárias e, por vezes, automutilação são sérios problemas enfrentados por pessoas no mundo inteiro que merecem cuidado por parte da sociedade.

Um período da vida particularmente suscetível a crises de identidade é a adolescência. Se a sociedade contemporânea impõe desafios a todos na definição da própria identidade, na adolescência esses desafios são ampliados e potencializados, por ser ela a fase de descobertas do próprio corpo, da sexualidade, dos sentimentos e do mundo. É o período da autoafirmação perante si mesmo e a sociedade e, por isso, da absoluta necessidade de fazer parte de algo, de pertencer a algum grupo. Os jovens, ainda mais que os adultos, estão bastante indefesos contra manipulações de todo tipo. Jogos e brincadeiras com potencial de risco, inclusive de morte, aparecem na internet e nas redes sociais, levando jovens a cometer atos irrefletidos, alguns, infelizmente, perdendo a vida com essas práticas.

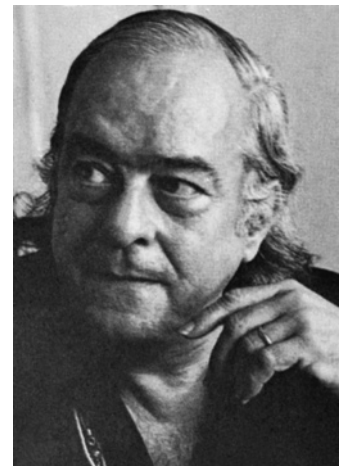
■ Conclusão

Muito anterior à psicanálise, a literatura, a filosofia e as religiões já se debruçaram sobre a condição humana e tentaram oferecer respostas ao desespero do indivíduo de não saber quem é, de se ver sem ter sentido na sua vida, sem saber para onde vai. O grande drama das pessoas é que sua única certeza é a própria morte. Na sociedade contemporânea, o vazio de sentido deixa o ser humano absolutamente perdido e sem rumo, tendo que se guiar às cegas em um mundo em que as transformações acontecem em alta velocidade. Será que estamos no planeta para algum propósito? Talvez valham as palavras do poeta Vinicius de Moraes (1913-1980):

Poema de Natal

Para isso fomos feitos:	Não há muito que dizer:
Para lembrar e ser lembrados	
Para chorar e fazer chorar	Uma canção sobre um berço
Para enterrar os nossos mortos –	Um verso, talvez, de amor
Por isso temos braços longos para os	Uma prece por quem se vai –
adeuses	Mas que essa hora não esqueça
Mãos para colher o que foi dado	E por ela os nossos corações
Dedos para cavar a terra.	Se deixem, graves e simples.
Assim será a nossa vida:	Pois para isso fomos feitos:
	Para a esperança no milagre
Uma tarde sempre a esquecer	Para a participação da poesia
Uma estrela a se apagar na treva	Para ver a face da morte –
Um caminho entre dois túmulos –	De repente nunca mais esperamos...
Por isso precisamos velar	Hoje a noite é jovem; da morte, apenas
Falar baixo, pisar leve, ver	Nascemos, imensamente.
A noite dormir em silêncio.	

MORAES, Vinicius de. Poema de Natal. Rio de Janeiro, 1946. Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/poema-de-natal>>. Acesso em: 21 jun. 2020.



ARQUIVO/CB.D.A. PRESS

Carioca, Vinicius de Moraes era escritor (teatro e prosa), poeta e compositor. Uma de suas mais famosas canções é *Garota de Ipanema*, em parceria com Antônio Carlos Jobim (1927-1994), escrita em 1962. Ambos foram fundadores, entre outros compositores, do movimento Bossa Nova nos anos 1950.

O desafio posto pelo oráculo de Delfos, na Grécia Antiga, que serve de título para este capítulo, **Conhece-te a ti mesmo**, permanece como um fantasma assombrando a vida do ser humano em toda sua história. Conhecer-se talvez seja a tarefa mais árdua que o indivíduo deve enfrentar, pois implica conhecer suas fraquezas, seus medos e angústias. No mundo atual em que voga o instantâneo e a aparência, sobretudo nas redes sociais, as pessoas buscam apresentar suas virtudes (por vezes inventando-as) e escondem seus vícios.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

A frase “conhece-te a ti mesmo” estava inscrita na entrada do santuário do deus Apolo. Nesse templo havia um famoso oráculo visitado por cidadãos do mundo antigo, os quais buscavam conselhos e orientações sobre suas vidas. Sócrates também visitou o oráculo a fim de questionar sobre a sua fama de sábio na cidade de Atenas. Quando o oráculo perguntou a Sócrates sobre o que ele sabia, Sócrates respondeu: “só sei que nada sei”, e assim o oráculo constatou que o filósofo era o mais sábio de todos os homens por ser o único que sabe que nada sabe.

A TRADIÇÃO ATRIBUÍA a inspiração profética do poderoso oráculo a fenômenos geológicos: uma fenda na terra, um vapor que subia dela e uma fonte de água. Há mais ou menos um século, os estudiosos rejeitaram esta explicação quando os arqueólogos, escavando o local, não encontraram qualquer sinal de fenda ou gases. Mas o antigo testemunho está bastante difundido e provém de várias fontes: historiadores como Plínio e Diodoro, filósofos como Platão, os poetas Ésquilo e Cícero, o geógrafo Estrabão, o escritor e viajante Pausânias e até mesmo um sacerdote de Apolo que serviu em Delfos, o famoso ensaísta e biógrafo Plutarco. Estrabão (64 a.C.- 25 d.C.) escreveu: “Eles dizem que a sede do oráculo é uma profunda gruta oculta na terra, com uma estreita abertura por onde sobe um pneuma (gás, vapor, respiração, daí as nossas palavras pneumático e pneumonia) que produz a possessão divina. Um tripode é colocado em cima desta fenda e, sentada nele, a pitonisa inala o vapor e profetiza.” [...] A principal lição que extraímos do projeto oráculo de Delfos não é a surrada mensagem de que a ciência moderna pode esclarecer curiosidades antigas. Mais importante, talvez, é compreender que temos muito a ganhar se abordarmos os problemas com a mente aberta e com enfoque interdisciplinar, como o preferido pelos gregos. [...] Descobertas científicas recentes mostram que esta explicação era, de fato, extraordinariamente precisa. Os autores identificaram, em particular, duas falhas geológicas que se cruzavam precisamente sob o local do oráculo. Ricas camadas petroquímicas nas formações calcárias da região produziam, provavelmente, etileno, gás que leva a um estado de transe e que pode ter ascendido através das fissuras criadas pelas falhas.

Disponível em: <<https://sciam.com.br/a-fonte-do-poder-no-oraculo-de-delfos/>>.
Acesso em: 15 nov. 2020.

Palavra aos professores

A profissão docente exerce grande influência sobre a formação da identidade dos professores ao lidar cotidianamente com grupos heterogêneos. Em meio às adversidades da profissão, manter a identificação com a prática de ensino se torna um desafio a mais nesse cotidiano. Os estudantes, os valores e a cultura mudam. Os educadores precisam se adaptar às mudanças, tanto em relação aos alunos e seu meio social e cultural quanto no que diz respeito às práticas pedagógicas, para conseguir manter aberto o canal de comunicação com os jovens e atingir o objetivo de sua formação.

Não é sem motivo que, muitas vezes, os docentes se veem desmotivados, descrentes do rumo de suas vidas e em crise de identidade. A solução passa por melhoria das condições de trabalho, valorização da carreira e rede de apoio por parte dos colegas. Entretanto, o próprio professor deve acreditar na dimensão de sua profissão e na importância que o ensino tem na formação de cidadãos conscientes de suas capacidades.

Ser professor faz parte da identidade das pessoas que elegeram a profissão. O desejo de mudança social por meio do conhecimento e de formar pessoas dispostas a ter papel relevante para a sociedade é inerente à personalidade do docente, e isso não pode mudar pelas adversidades do ofício.

Temas para discussão e debate

O objetivo do debate é que a pessoa consiga construir um raciocínio por si mesmo e argumentar de forma autônoma e crítica sobre a individualidade, sobre os elementos que a compõem e sobre suas experiências próprias. Para a realização do debate, é importante haver um tempo de preparação do tema: contextualização do assunto e pesquisa em fontes confiáveis sobre o conteúdo.

1) O conto *O patinho feio*, de Hans Christian Andersen (1805-1875), traz a história de um patinho que era tão diferente de seus irmãos que todos caçoavam dele, até que um dia decidiu partir. Perdido e já sem esperança, o patinho foi acordado por vozes de crianças e de cisnes dizendo como ele era lindo. Ao olhar seu reflexo na água, percebeu que não era um patinho feio, mas um lindo cisne e estava sendo admirado por todos os que o olhavam. Na mesma linha do conto, o filme *X-Men* (EUA, 2000, 104 min), dirigido por Bryan Singer (1965-), traz a história de um grupo de mutantes, indivíduos com poderes especiais que sofrem discriminação na sociedade. Essas duas histórias têm em comum dois temas. O primeiro é o preconceito com o diferente e o segundo, tema deste capítulo, a busca e a afirmação de sua própria identidade e o papel que o grupo exerce sobre ela. O “patinho” se encontrou entre seus semelhantes, os cisnes, e os mutantes adquirem confiança e senso de pertencimento na escola do professor Xavier. Toda pessoa, em especial na fase infantil e adolescência, busca pertencer a algo que afirme sua identidade e a faça se sentir acolhida. Em sala de aula, procure trazer experiências de pessoas que façam parte de alguma comunidade (religiosa, de trabalho, esportiva, artística, entre outras) que seja parte importante da vida delas. As pessoas que trarão experiências podem ser membros da escola ou da comunidade escolar.

Debata com os estudantes o que essa comunidade trouxe para a vida de seus membros e por que eles se sentem pertencentes a esse grupo. Discuta a quais comunidades os alunos pertencem – virtuais ou reais – e como elas colaboram para suas identidades. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia e Sociologia. Tempo estimado: 2 aulas.

2) Com o professor de Biologia, promova um debate com os alunos sobre o papel da genética na determinação da personalidade, portanto, da identidade de uma pessoa. Questione se há algo de científico nesse argumento e se o ditado “Filho de peixe peixinho é” faz algum sentido sob o ponto de vista da ciência. Essa atividade envolve as disciplinas de Filosofia e Biologia. Tempo estimado: 2 aulas.

- 3) O que é máscara social? Debata com os estudantes sobre como a maneira pela qual me apresento na sociedade influencia a formação de minha identidade. Sou o mesmo nas redes sociais, nos ambientes públicos, no trabalho e em minha casa? Somos atores em nossas vidas? A atividade envolve as disciplinas de Filosofia e Sociologia. Tempo estimado: 2 aulas.
- 4) Promova um debate sobre a importância do conhecimento do próprio corpo e da vida saudável para garantir bem-estar em nosso cotidiano. Converse com os alunos sobre como os esportes, a alimentação equilibrada e os cuidados corporais (visita ao médico e higiene pessoal) auxiliam no conhecimento de nós mesmos e ajudam na transformação física de quem queremos ser. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Biologia e Educação Física. Tempo estimado: 2 aulas.
- 5) Leia o texto a seguir com os alunos.

Especialistas indicam formas de combate a atos de intimidação

Um em cada dez estudantes brasileiros é vítima de *bullying* – anglicismo que se refere a atos de intimidação e violência física ou psicológica, geralmente em ambiente escolar. O dado foi divulgado esta semana pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) 2015.

Especialistas, como a professora de psicologia Ciomara Schneider, psicanalista de crianças e adolescentes, defendem que pais e escola devem estar atentos ao comportamento dos jovens e manter sempre abertos os canais de comunicação com eles. Para ela, o diálogo continua a ser a melhor arma contra esse tipo de violência, que pode causar efeitos devastadores em crianças e adolescentes.

A Lei nº 13.185, em vigor desde 2016, classifica o *bullying* como intimidação sistemática, quando há violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação. A classificação também inclui ataques físicos, insultos, ameaças, comentários e apelidos pejorativos, entre outros.

O *bullying* se diferencia das brigas comuns – as que chegam às vias de fato ou as que ficam apenas na discussão. Isso é considerado normal por Ciomara e chega, segundo ela, a fazer parte do desenvolvimento. O problema, afirma, é quando se torna algo rotineiro, em que um jovem ou grupo começa a perseguir um ou mais colegas.

De acordo com Ciomara, crianças que têm um perfil mais retraído costumam ser as maiores vítimas. No geral, elas apresentam maior dificuldade para se expressar ou se abrir em casa ou na escola.

O medo de piorar a situação, quando a chantagem costuma fazer parte das agressões, também contribui para o silêncio.

“Os casos de *bullying* começam muito mais silenciosos e, por isso, são mais graves. Quem sofre a agressão não conta nem na escola nem na família, mas começa a mudar o comportamento”, explica. De acordo com ela, queda no rendimento escolar, faltas na escola e mudanças no comportamento são os sinais mais frequentes apresentados por quem sofre esse tipo de violência. Por isso, família e escola devem estar sempre atentos para os sinais que são apresentados pelos jovens.

Os mesmos cuidados, alerta a psicóloga, valem para situações enfrentadas fora da escola, seja no mundo virtual – como em casos de *cyberbullying* –, na vizinhança onde moram ou nos locais que costumam frequentar.

GOV.BR. MINISTÉRIO da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

Debata com os alunos sobre o modo como o *bullying* pode alterar a compreensão que a vítima tem de si mesma de forma negativa e como a visão pejorativa do outro pode causar efeitos nocivos à identidade pessoal. Depois, busque elencar com os alunos algumas formas de combater o *bullying* na escola. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia e Sociologia. Tempo estimado: 2 aulas.

- 6) Debata com a turma sobre a questão dos refugiados e imigrantes. Como essas pessoas conseguem manter seus vínculos identitários com suas comunidades de origem? A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Sociologia e Geografia. Tempo estimado: 2 aulas.

Sugestões de práticas

Proporcionar a vivência de aprendizado sobre a compreensão de si mesmo a partir das várias faces de sua identidade e sobre a complexidade de seus sentimentos. As atividades aqui propostas poderão ser adaptadas ao contexto e à realidade nos quais elas serão aplicadas.

- 1) Dança e teatro. Os jogos corporais podem auxiliar na percepção de quem somos: criar personagens ou coreografias ajudam a expor medos, inseguranças, defeitos e angústias e vê-los sob um novo foco. Solicite aos alunos a construção de peças ou coreografias com temas atinentes. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia e Arte. Tempo estimado: 1 bimestre.
- 2) Solicite aos estudantes um arquivo com algumas *selfies* ou fotos de diferentes momentos da vida. Depois, peça-lhes que escrevam um pequeno texto sobre o momento e as formas com que elas foram

feitas; questione se há filtros, maquiagem, montagem, angulações, luz, entre outros recursos, e quais os motivos de utilizá-los. Peça que selecionem as fotos nas quais eles mais se reconhecem e expliquem o motivo de tal escolha. Essa atividade envolve as disciplinas de Filosofia e Arte. Tempo estimado: 3 aulas.

- 3) Construção de diário. Durante um mês, oriente os alunos a escreverem um diário pessoal no qual eles relatarão o cotidiano e os sentimentos vivenciados (alegrias, amores, conquistas, angústias, tristezas, fracassos etc.). Peça-lhes que expliquem o motivo desses sentimentos. Informe-os que apenas eles terão acesso ao diário. Ao final do mês, peça-lhes que leiam tudo desde o começo e, depois, revejam alguns pontos positivos e negativos. Os alunos deverão ponderar sobre as atitudes e perceber o que é preciso mudar e o que deve permanecer. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia e Língua Portuguesa. Tempo estimado: 1 mês (8 aulas).
- 4) Projeto. Solicite aos alunos que montem duas colunas. Na primeira, deverão escrever as atividades que gostam de realizar (como fotografar, maquiagem, praticar algum esporte, redigir, encenar, calcular, dançar, desenhar etc.); na segunda, devem escrever sobre as atividades que não sabem fazer, mas gostariam de aprender. Monte com os alunos o evento “Dia de oficinas na escola”. Os alunos que sabem fazer atividades iguais se reúnem e ensinam aos que gostariam de aprendê-las. É importante que os estudantes verifiquem previamente os materiais necessários para montagem das oficinas. A atividade pode ser estendida a toda a escola; assim, muitas trocas de aprendizado poderão acontecer. A atividade pode envolver todas as disciplinas do currículo. Tempo estimado: 6 aulas (2 aulas para preparar as oficinas e outras 4 aulas para a realização do evento de ensino e aprendizagem).
- 5) Prepare com os alunos uma ação na escola e na comunidade. Essa ação pretende demonstrar a importância da ajuda especializada para nossos problemas socioemocionais. Solicite aos estudantes uma pesquisa sobre centros de atendimento especializado que atendam próximo à escola (psicólogos, médicos, serviços de emergência, advogados, cursos diversificados etc.). A pesquisa será apresentada em uma lista contendo o endereço, o telefone e o tipo de atendimento de cada centro pesquisado. Construa com os alunos um mapa em que serão pontuados os locais de atendimento. Divulgue a lista com o mapa em murais da escola e em locais na comunidade a fim de divulgar essas informações a todos os que precisem, para que tenham acesso a profissionais adequados. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Sociologia e Geografia. Tempo estimado: 6 aulas.



PARAMOUNT/KOBAL/SHUTTERSTOCK

Cena do filme *Forrest Gump: o contador de histórias*, dirigido por Robert Zemeckis (1951-) e interpretado por Tom Hanks (1956-). Forrest narra sua jornada de vida a desconhecidos que se sentam a seu lado em um banco do ponto de ônibus. Segundo ele: “A vida é como uma caixa de bombons, você nunca sabe o que vai encontrar”. Produção: EUA, 1994. Duração: 122 min. 14 anos.

■ Introdução

A vida humana é um desenrolar de instantes definidos pelos acontecimentos passados. Escrevemos nossa história em tempo real. Somos espectadores e autores da narrativa da nossa vida, a qual se completa no momento em que deixamos de existir; é nesse momento que a história está completa e pode ser inteiramente contada de formas diversas: pelas principais partes, por diferente ordem ou pelos seus significados. A personagem Brás Cubas, de Machado de Assis, realiza esse feito ao narrar a completude da sua vida a partir do ponto de observação de quem já está morto – um “autor defunto” ou um “defunto autor”, como ele se define. Brás Cubas consegue, inclusive, escolher de onde começará a narrativa: se do início ou do final da vida: “Algum tempo hesitei se deveria abrir estas Memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar meu nascimento ou minha morte”. (MACHADO DE ASSIS. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo, 2008. p. 41.)

Esse tom de relato sobre a vida também aparece no filme *Forrest Gump*. Nele, o protagonista transforma sua vida em uma grande narrativa (e, assim, conta fatos históricos de seu país, os Estados Unidos), na qual se misturam memórias com fantasias, tudo da perspectiva de um contador de histórias sentado em um banco.

DIALOGANDO COM A LITERATURA

- MACHADO DE ASSIS, J. M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo, 2008. Nessa obra, publicada pela primeira vez em 1881, o protagonista já morto, com muita ironia e bom humor, narra sua trajetória de vida.

- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. Obra composta de três volumes nos quais o autor mostra que o ser humano vivencia o tempo por meio da narrativa.

Alguns filósofos do século XX pensaram a vida como o desenrolar de uma história no tempo em forma de uma narrativa. Esse é o caso de Martin Heidegger (1889-1976), Charles Taylor (1931-) e Paul Ricoeur (1913-2005). Para Charles Taylor, a vida deve ser vivida como uma história e ela deve ser contada, pois seu significado se desenvolve por meio de acontecimentos e circunstâncias particulares. Segundo Taylor, uma das condições para encontrar sentido em nós mesmos é compreender nossa vida em uma narrativa. Já em Paul Ricoeur, temos esta passagem ilustrativa: “[...] o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal”. (RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. v. 1, p. 93.)

■ Narrativas marcantes

A jornada da vida é construída por diversos elementos, entre eles alegrias, tristezas, decisões, perigos e desafios. Na literatura, três grandiosas jornadas ficcionais ilustram esses perigos e desafios com que o ser humano se depara ao longo de seu caminho na vida real.

A primeira é a história de Ulisses, contada no poema épico *Odisseia*, atribuído ao grego Homero (928 a.C.-898 a.C.). Após participar da Guerra de Troia (por volta de 1100 a.C. e que durou dez anos, com a vitória dos gregos sobre os troianos), Ulisses, herói grego, pretende retornar à sua cidade natal, a Ilha de Ítaca, onde sua esposa, Penélope, e seu filho, Telêmaco, o aguardam.

No percurso de volta, Ulisses se depara com diversos obstáculos: como o risco da morte, que é vivenciado pelo herói quando ele passa por uma série de perigos no mar e enfrenta diversos monstros; como a ameaça constante dos desvios dos objetivos, quando Ulisses muda seu caminho para casa e vai parar em uma ilha, onde se apaixona pela ninfa Calipso e é seduzido por ela e pelas promessas dela de imortalidade e de juventude eternas. Em ambas as situações, o guerreiro mostra a força da persistência e foco no objetivo principal, que é voltar para casa.

Assim como Ulisses, todos nós em nossas vidas já nos deparamos com perigos que fazem aflorar o medo de enfrentá-los; já nos sentimos atraídos por caminhos que pareceriam mais tentadores e fáceis em detrimento de objetivos pensados e traçados anteriormente. Na vida, muitas conquistas exigem dedicação, esforço, tempo, obstinação e persistência, e são inúmeras as tentações ao longo do caminho. A lição de Ulisses é clara: com persistência podemos atingir nossas metas.

A queda de Troia,
pintura do alemão
Johann Georg
Trautmann (1713-
1769). Nela, vemos
o gigantesco cavalo
de madeira que
Ulisses usou como
estratégia para
invadir, saquear e
queimar Troia.
Óleo sobre tela,
54,5 cm x 68 cm,
c. 1759-1762.



JOHANN GEORG TRAUTMANN - COLEÇÃO PARTICULAR

A segunda grande narrativa é do florentino Dante Alighieri (1265-1321), contada na obra *A divina comédia*. Um peregrino está em uma floresta escura no meio do caminho de sua vida quando, então, é conduzido a uma jornada pelo inferno, pelo purgatório e pelo paraíso, passando por toda a estrutura do Cosmo e por todos os limites do conhecimento humano até chegar à visão divina no final. Ao longo do caminho, assim como Ulisses, Dante se depara com alguns problemas para reescrever sua trajetória. Um deles é o da paralisia de não conseguir seguir em frente: diante da ameaça da invocação à Medusa, Dante se vê a um triz dessa falta de ação.

Também enfrentamos situações que nos causam paralisia, seja por medo, por angústia por não saber o que o futuro nos reserva ou por outros acontecimentos em que nos sentimos sem reação para prosseguir; a morte de algum ente querido, por exemplo, pode nos provocar uma estagnação. Em sua narrativa, Dante tinha o poeta latino Virgílio (70 a.C.-19 a.C.) como guia e este, por vezes, o fazia sair do estado de incerteza e de torpor. Diante disso, aprendemos que, para sair do estado de paralisia em que nos encontramos e seguir escrevendo nossa história, talvez seja preciso nos apoiar em alguém que nos ajude ou em algo que nos dê a força necessária para enfrentar a situação.

Outro obstáculo contra o qual o poeta italiano luta para escrever sua narrativa é a força da memória: para contar sua jornada, ele precisaria se lembrar de tudo o que aconteceu, mas na visão do sublime, da divindade, sua memória começa a falhar. Então o narrador roga ao poder de sua memória para que esta seja suficiente e lhe possibilite a lembrança da experiência vivenciada.

Finalmente, a terceira grande jornada é *Macunaíma*, narrada no livro homônimo do paulista Mário de Andrade (1893-1945), escrito em 1928. O herói malandro inicia sua jornada na tentativa de recuperar o amuleto muiraquitã, dado por sua amada Ci. Com seu irmão e protetor Maanape, Macunaíma enfrenta diversos perigos, como a figura do gigante Piaimã, comedor de gente, ou quando chegou a morrer ingerindo coquinhos envenenados, sendo ressuscitado por Maanape. Nosso herói passa por testes e provas para continuar seu caminho e recebe a tentação de diversas formas femininas, porém nada disso o impede de seguir em sua jornada.



- HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Cosac Naify, 2014. Esse livro narra a trajetória do herói Odisseu à sua terra natal Ítaca após sobreviver à Guerra de Troia.
- ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. São Paulo: Editora 34, 2017. Esse livro narra a viagem de Dante pelas três instâncias: inferno, purgatório e paraíso.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter. São Paulo: Lafonte, 2019. O autor busca retratar a identidade nacional brasileira por meio da mistura de histórias, mitos e lendas.



Cena do filme *Macunaíma*, dirigido pelo carioca Joaquim Pedro de Andrade (1923-1988). No papel-título está o ator, comediante e músico mineiro Grande Otelo (1915-1993), retratado na foto. A cena do nascimento de seu personagem no filme é uma das mais famosas da história do cinema brasileiro. Produção: Brasil, 1969, 108 min. 12 anos.

Macunaíma, Dante e Ulisses são exemplos de grandes narrativas que retratam histórias de superação, de busca de um objetivo e de enfrentamento de obstáculos. Três jornadas diferentes em termos de cultura, amplitude e metas, mas as três expressam elementos em comum com a vida de todos nós e podemos nos identificar com elas.

Na narrativa de nossas vidas, precisamos estar abertos às possibilidades que aparecem, mas sem deixar de lado nossos objetivos e projetos e de lutar por eles com dedicação e afinco. Somos nós os escritores de nossa própria existência por intermédio das ações e decisões que tomamos. Todavia, essas ações e decisões são resultado de quem somos agora e de nosso passado. Por isso, é importante amarrar o presente ao passado para construir o futuro, a fim de ligar todos os eventos de nossa vida em uma trajetória.

■ O tempo e a memória

A memória é nossa ligação com o passado e se constrói e se modifica com o tempo. O tempo é essencial para o desenrolar de nossa vida; é nele que nossa história se desenvolve, pois somos um modo do “ser no tempo”, como diria Heidegger. Mas o que é o tempo?

Para o alemão Immanuel Kant (1724-1804), o tempo simplesmente existe, é uma condição de toda experiência no mundo. Do mesmo modo, o tempo da física clássica é a condição das relações quantitativas entre fenômenos. O problema é relacionar os acontecimentos da vida e a percepção humana sobre o passar do tempo com a noção de tempo kantiano-newtoniano.

A maneira como o indivíduo percebe o tempo é um constante desaparecer. O agora existe apenas por um instante e imediatamente deixa de existir, vira o passado impossível de ser vivido novamente, pode apenas ser reconstruído pela memória.

Agostinho de Hipona (354-430) questiona, em seu livro *Confissões*, o que é o tempo, relacionando passado, presente e futuro. Mantemos o passado no tempo presente por meio da memória; temos uma intuição do presente e antecipamos o futuro no tempo presente pela esperança. A memória do passado e a esperança no futuro: eis, talvez, a vida humana se equilibrando entre o que passou e não volta mais e o que ainda não aconteceu. O futuro está aberto a todas as possibilidades; por isso, olhando para ele, podemos reescrever a narrativa de nossa vida.

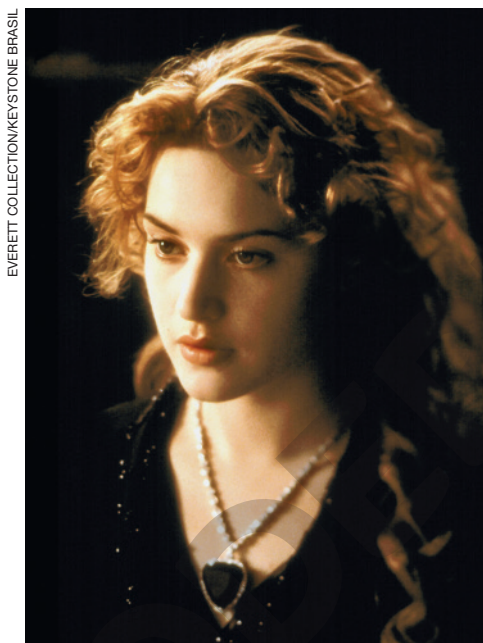
De que modo existem aqueles dois tempos - o passado e o futuro - se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente e não passasse para o pretérito, já não seria tempo mas eternidade. Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará de existir? [...]

AGOSTINHO. *Confissões*. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2008.

Mnemósine, do inglês de origem italiana Dante Gabriel Rossetti (1828-1882). A pintura é uma representação da deusa da memória, segundo a mitologia grega. Filha de Urano e de Gaia, Mnemósine era a mãe de nove musas. Ela e suas filhas auxiliavam os seres humanos a não se esquecer de variados fatos. Óleo sobre tela, 126 cm x 61 cm, produzido de 1876 a 1881.



Traçar essa linha entre passado, presente e futuro requer um elo permanente em nós. Construimo-nos e reconstruimo-nos durante a vida, e nossa identidade se molde, se transforma e se forma ao longo do tempo. No filme *Titanic*, essa passagem do tempo é retratada na cena em que a personagem Rose, já idosa, olha para um espelho e se lembra dela jovem antes do naufrágio do navio. Existe uma separação de tempo entre uma Rose e outra, mas, afinal, como saber que ela é a mesma pessoa? Em outras palavras, o que garante que a Rose do navio é a mesma pessoa olhando-se no espelho tanto tempo depois? Será a memória um critério confiável da autoidentificação da Rose jovem com a mais velha? Seria a mesma pessoa se ela não se lembrasse da cena do espelho?



Comidas do filme *Titanic*, dirigido pelo canadense James Cameron (1954-). Nas fotos, a personagem Rose em dois momentos: à esquerda, com 101 anos de idade, interpretada por Gloria Stuart (1910-2010), e à direita, protagonizada por Kate Winslet (1975-). Produção: EUA, 1997. Duração: 210 min. 12 anos.

Para o filósofo inglês John Locke (1632-1704), é a igualdade de consciência que une no tempo uma mesma pessoa:

[...] Enquanto algum ser inteligente PUDER repetir a ideia de qualquer ação passada com a mesma consciência que teve na primeira vez e com a mesma consciência de qualquer ação presente, é o mesmo eu pessoal. Pois, é pela consciência que a pessoa tem de seus pensamentos e ações presentes que ele é um EU PARA SI MESMO agora, e continuará o mesmo eu enquanto a mesma consciência puder se estender a ações passadas ou porvir; [...].

[...]

[...] a consciência, até onde possa ser estendida – mesmo que seja um passado longínquo –, une na mesma pessoa existências e ações bastante remotas no tempo, do mesmo modo que une existências e ações de momentos imediatamente precedentes: seja o que for que tenha a consciência das ações presentes e passadas é a mesma pessoa a quem ambas pertencem. [...]

Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=3896>. Acesso em: 11 ago. 2020. (Trad. da autora.)

A memória é parte da consciência de cada um. Não temos acesso a lembranças das outras pessoas porque elas são relatos pessoais e subjetivos. Todavia, mesmo sendo pessoal, a memória não é apenas um conjunto de recordações que definem a identidade de uma pessoa, visto que ela pode ser falha, modificar-se ao longo do tempo e ter uma percepção diferente ou distorcida do fato ocorrido.

Apesar de suas falhas, a memória é o elo de nosso passado e pode ser ativada por sensações aparentemente sem importância, como odores, sons, uma visão, um sabor, entre outras. Muitas vezes isso ocorre de forma involuntária. Na literatura, está presente em vários trabalhos, a exemplo da *madeleine* (bolinho francês aromático e delicado) mergulhada em um simples chá, como fez o narrador do livro *Em busca do tempo perdido*, do francês Marcel Proust (1871-1922). O gosto da *madeleine*, naquele momento, levou a personagem semibiográfica de Proust a recuperar as lembranças do passado vivenciadas em sua infância.

Do mesmo modo que a *madeleine* reaviva a memória da personagem de Proust sobre seu passado, na obra *Odisseia*, uma cicatriz reaviva a memória da antiga ama de Ulisses, Euricleia, sobre seu senhor. Quando retorna à cidade de Ítaca, Ulisses se passa por um forasteiro fatigado; Penélope solicita à governanta que lave os pés do viajante num gesto de hospitalidade. No momento em que a ama toca a cicatriz que Ulisses tem na coxa, ela ativa em sua memória a imagem do seu senhor e imediatamente o reconhece.

Nossa memória guarda a chave de todas as nossas experiências, tudo o que vivemos e que nos trouxe até a situação atual. Por isso, preservar nossas recordações em fotos, objetos, livros, diários etc. significa preservar a história de nossa vida. As recordações e autobiografias são exemplos dessas narrativas de vida e podem ser vistas em: *Confissões*, de Agostinho de Hipona; *Diário de Anne Frank*, de Anne Frank (1929-1945); *Memórias de um cárcere*, de Graciliano Ramos (1892-1953); *Eu sou Malala*, de Malala Yousafzai (1997-); e *Memórias de uma moça bem-comportada*, de Simone de Beauvoir (1908-1986).

DIALOGANDO COM A LITERATURA E COM O CINEMA

REPRODUÇÃO



- PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido* (7 v.). Trad. Fernando Py. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016 (formato e-book). O escritor busca traçar sua vida utilizando uma concepção de memória com uma visão filosófica sobre o tempo.
- *O tempo redescoberto*, filme baseado na obra de Proust, dirigido pelo franco-chileno Raoul Ruiz (1941-2011). Produção: França, Itália e Portugal. (Coleção Folha grandes livros no cinema). São Paulo: Folha de S.Paulo, 1999. A obra mostra a personagem, *alter ego* do escritor, doente e mergulhado em lembranças de sua infância e juventude. Duração: 158 min.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Poucos foram os escritores que transformaram o tempo no centro gravitacional de sua obra. *Em busca do tempo perdido* é o triunfo da subjetividade analítica. Sua permanência não se deve apenas ao antinaturalismo, tão comum nas artes e na literatura da época. Deve-se muito mais à visão abrangente e não esquemática do micro e do macrocosmo, ou seja, do indivíduo e da história. Visão sincronizada com a filosofia de Henri Bergson (1859-1941), a psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939) e a neurologia moderna.

À semelhança de Ulysses, de Joyce, e de tantas outras obras modernistas, *Em busca do tempo perdido* é em parte a história de sua própria criação. Os caminhos entrelaçados da trama espiralada encerram inúmeras demandas, entre elas a da vocação literária. Na vida real, também o autor bateu-se obstinadamente com a própria vocação literária.

BRAS, Luiz. O autor. Uma das seções do livrinho que faz parte do DVD de *O tempo redescoberto*. (Coleção Folha grandes livros no cinema). São Paulo: Folha de S.Paulo, 1999. p. 12-16.

Assim como historiadores elaboram e constroem um entendimento racional do passado com base na análise de documentos, relatos e demais fontes históricas, também nós guardamos acontecimentos na memória que tentam reconstruir nosso passado. O historiador tenta reconstruir esses acontecimentos com a maior acuidade possível, mesmo sabendo que as fontes podem ser falhas; da mesma maneira, nossas recordações, por meio dos relatos de outras pessoas e documentos, como fotos e cartas, são vitais para reconstituir nosso passado, mesmo que essa reconstrução encontre barreiras em nossa memória. Construir o passado é essencial para entender o presente e projetar o futuro, seja para uma pessoa, seja para a sociedade, por meio da história.



MARTA MAZIASHUTTERSTOCK

Objetos, cartas e documentos são usados pelo historiador para reconstruir o passado de uma pessoa ou de um acontecimento histórico.

Sempre há chance de reavaliar a narrativa de nossa vida e tentar transformar nosso futuro. Conforme foi dito anteriormente, o futuro ainda não chegou, ainda *não é*; portanto, ele está aberto a várias possibilidades de nossa existência. Se não podemos fazer nada em relação ao passado, é possível não deixar que ele determine nosso futuro. Para isso, precisamos nos transformar no presente. A canção “Depois”, de Marisa Monte (1967-), Arnaldo Antunes (1960-) e Carlinhos Brown (1962-), mostra a transformação do futuro com base em uma tomada de decisão do presente, pois o passado passou, não há o que fazer, mas o futuro está em aberto. Observe um trecho desta canção.

Depois

[...]
Nós dois
Já tivemos momentos
Mas passou nosso tempo
Não podemos negar
Foi bom
Nós fizemos história
Pra ficar na memória
E nos acompanhar
Quero que você viva sem mim
Eu vou conseguir também

Depois de aceitarmos os fatos
Vou trocar seus retratos pelos de um outro alguém
Meu bem
Vamos ter liberdade
Para amar à vontade
Sem trair mais ninguém
Quero que você seja feliz
Hei de ser feliz também

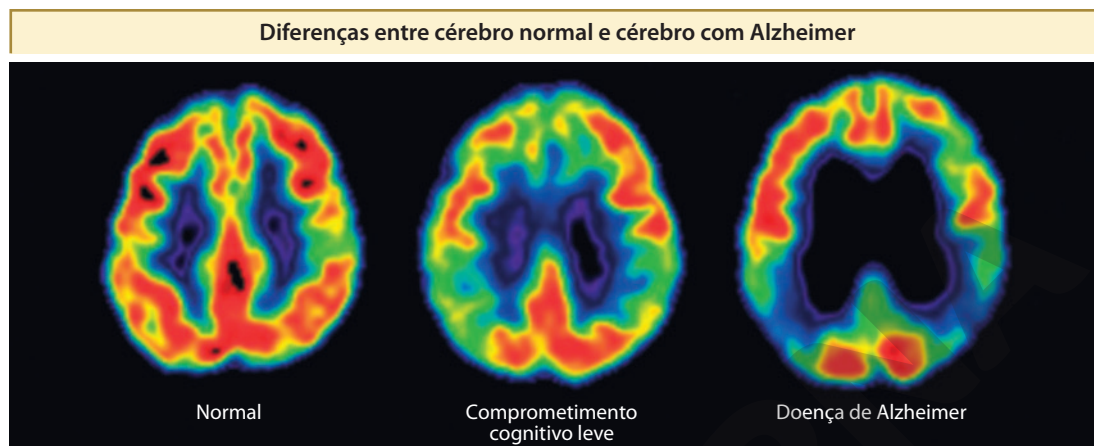
Depois

MONTE, M.; ANTUNES, A.; BROWN, C. Intérprete: Marisa Monte.
Depois. In: *O que você quer saber de verdade*. Rio de Janeiro:
EMI, 2011. 1 CD. Faixa 3.

■ A memória sob o olhar da ciência

A memória ainda representa um desafio à ciência: como ela funciona? Como ela seleciona os elementos que permanecerão e os que serão descartados dela? Geralmente, um acontecimento significativo ou a perda de alguém nos marca mais do que eventos corriqueiros e banais do dia a dia.

Por isso, problemas de saúde que afetam a memória, como Alzheimer, são particularmente tristes, pois a pessoa perde aos poucos a conexão com seu passado, afetando as experiências que moldaram o percurso de sua vida e contribuíram para a formação de sua identidade.



Fonte: TERRA, Newton Luiz. Doença de Alzheimer: jornada geriatria. Disponível em: <<https://www.pucrs.br/eventos/wp-content/uploads/sites/73/2018/03/ALZHEIMER-2018.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Estudo revela como cérebro compacta e arquiva imagens

No futuro, computadores poderão usar mesmo mecanismo de armazenamento

Como um computador, o cérebro tem uma memória limitada. Por essa razão, não pode armazenar em detalhe tudo o que visualizamos durante a vida e deve se ater ao que for extremamente indispensável. Um estudo publicado nesta semana [6 maio 2016] na revista eletrônica *Current Biology* decifra como o cérebro contorna esse problema, “comprimindo” as imagens antes de guardá-las.

Enquanto crescemos, a figura de cada objeto que vemos se acumula como uma nova informação. O conjunto de todas essas imagens ganha sentido em nosso cérebro e torna possível identificar, por exemplo, que aquele objeto retangular com botões é um controle remoto e serve para controlar a televisão. Cada objeto à nossa volta significa um vasto conjunto de informações: cores, formas, tamanhos. Como o cérebro é capaz de armazenar a enxurrada de imagens percebidas durante a vida toda? Conforme a pesquisa, o que torna isso possível é uma área do cérebro chamada V4, que funciona à maneira de um programa compactador de imagens.

O hardware humano – O hardware cerebral é composto por 1011 neurônios (o dígito 1 seguido de 11 zeros) que estabelecem entre si conexões da ordem de 1015 (o dígito 1 seguido de 15 zeros). É a força

dessas conexões que estabelece nossa memória. Se cada conexão fosse um *byte*, o nosso cérebro seria um computador de, pelo menos, um milhão de *gigabytes*. “O cérebro é um sistema de processamento de informações. Ele pega estímulos sensoriais (como a visão) e transforma em conhecimento. Esse conhecimento é armazenado na memória e usado para tomar decisões”, disse a VEJA o autor do estudo Ed Connor, pesquisador da Universidade Johns Hopkins.

De todas as áreas que fazem parte desse complexo sistema, descobriram os cientistas, a função da V4 é compactar as imagens em informações capazes de serem armazenadas por outras regiões cerebrais. Para entender como esse processo funciona, a equipe da Universidade Johns Hopkins criou um modelo computacional que imita as células do V4. “Este estudo mostrou que essa área comprime a informação visual focando em aspectos raros dos objetos, que são mais informativos como, por exemplo, as curvas mais acentuadas que eles possam ter”, diz Connor.

[...]

QUEIROZ, Nana. Estudo revela como cérebro compacta e arquiva imagens. *Veja*, 6 maio 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/ciencia/estudo-revela-como-cerebro-compacta-e-arquiva-imagens/>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

■ Ilusão, mentira e autoengano

E se a história que contamos sobre nós mesmos não for verdadeira? Podemos pensar no caso de *Édipo Rei*, de Sófocles (livro já comentado no Capítulo 1), em que Édipo desde o começo está errado sobre sua vida, desconhece suas verdadeiras origens, e isso faz com que ele, quanto mais tenta se afastar da terrível profecia do oráculo de que mataria seu pai e se casaria com sua mãe, mais antecipa o cumprimento da profecia. No filme *O show de Truman*, dirigido por Peter Weir (1944-), o protagonista principal, interpretado por Jim Carrey (1962-), desconhece o fato de que sua vida inteira é uma ilusão criada por um programa de televisão. Ambos os personagens, Édipo e Truman, não constroem suas próprias narrativas, mas são guiados por forças externas que orientam suas vidas.

Muitas pessoas passaram por alguma mentira ou vivenciaram parte de suas vidas em uma ilusão ao desconhecerem sua própria origem ou ao se iludirem sobre as pessoas com quem convivem. Vemos isso acontecer de forma particularmente cruel em mulheres que sofrem abusos e violência doméstica: quantas, por medo ou por insegurança, criam uma narrativa ilusória para si e para os outros em vez de enfrentar o problema, denunciando o agressor às autoridades? Outro tipo de narrativa falsa, bastante comum no passado, é a de jovens cuja carreira profissional foi imposta pelos pais (por exemplo, a escolha do curso, a empresa ideal para trabalhar etc.); também no passado, mas ainda presente nos dias atuais, pais arranjavam o casamento dos filhos, sobretudo das mulheres. Também são muitas as pessoas que viveram (ou vivem) uma vida adulta dentro de uma narrativa falsa criada para agradar a outras pessoas.

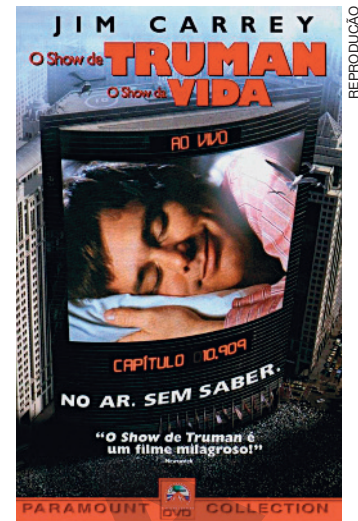
Em diversas ocasiões, quando as escolhas são feitas por vontade própria, às vezes elas se mostram equivocadas e, em vez de mudar, as pessoas persistem no erro criando a ilusão, a falsa narrativa, de que aquilo é apenas uma fase e que um dia “passa”. Muitas pessoas permanecem nessa ilusão por décadas, o que gera infelicidade e angústia. Imagine seguir uma carreira que não é de seu agrado ou viver ao lado de um(a) companheiro(a) sem nenhuma afinidade.

Na cena final do filme *O show de Truman*, a personagem, após driblar os obstáculos que o impedem de achar a saída do estúdio, encontra uma pequena escada. Ao subi-la e chegar à porta que o levaria à liberdade, a um mundo desconhecido, o diretor do estúdio tenta convencê-lo a ficar, utilizando o argumento da certeza, da estabilidade e da segurança presente no estúdio, em oposição às incertezas externas. Diante dos argumentos, Truman decide sair pela porta e enfrentar um futuro desconhecido.

Muitas vezes, surge algo na vida de uma pessoa que a faz mudar de rumo. São inúmeros os exemplos presentes na literatura e nas artes, como o caso de Parsifal, protagonista da ópera homônima do alemão Richard Wagner (1813-1883).

Parsifal era um homem que vagava sem rumo até o momento em que ingressa na ordem dos cavaleiros do Santo Graal (ordem que protegia o Santo Graal, ou seja, o cálice sagrado no qual se acreditava conter o sangue de Cristo). Porém, mesmo estando na ordem, ele continua sem compreender o sentido de sua vida, pois não entende os motivos e sua função no grupo. Em determinado momento, o cavaleiro recebe um beijo da amazona Kundry, que pertence à ordem rival, e uma iluminação súbita revela seu verdadeiro papel como líder da ordem religiosa. A partir de então, sua vida ganha sentido.

A vida é uma narrativa cujo futuro ainda não foi escrito, é uma página aberta cheia de possibilidades; não adianta ficar em um mundo de ilusão ou dentro de um autoengano por questão de segurança ou de comodidade. Cada ser humano precisa encontrar a trajetória que mais faz sentido para sua vida, a que mais completa sua identidade. Tanto em questões afetivas quanto em questões religiosas, políticas e outras, construir uma vida pautada na mentira é um caminho para a infelicidade.



REPRODUÇÃO

O show de Truman, do australiano Peter Weir (1944-). O filme é uma mistura de drama e comédia, em que o protagonista vive sua vida em um estúdio de programa de televisão sem saber que aquilo não era a vida real. Produção: EUA, 1998. Duração: 103 min. 12 anos.

Seja a porta de Truman ou o beijo de Kundry em Parsifal, há momentos em nossa vida que temos de saber qual caminho seguir; nem sempre o percurso será correto, mas precisamos tomar a decisão. Os perigos de paralisia enfrentados por Dante ou Ulisses devem ser superados. Caso o caminho se mostre equivocado, sempre existe a possibilidade de reavaliar a jornada e mudar o rumo. Toda escolha traz consequências, e, para uma narrativa bem construída, é preciso lidar com essas escolhas e seus efeitos para mudar a trajetória e reescrever a narrativa de sua vida.

■ Conclusão

Neste capítulo, vimos que, para alguns filósofos, como Paul Ricoeur, a vida humana tem sentido na forma de narrativa. A vida é uma história contada em que nós somos, simultaneamente, atores e diretores. Mostramos três exemplos de estrutura narrativa na história da literatura ocidental, com Ulisses, Dante e Macunaíma. Nos três casos, foi possível perceber todos os perigos e obstáculos que uma jornada oferece, e que eles são os mesmos que encontramos na vida real. Alcançar nossos objetivos significa superar esses obstáculos, mesmo que para isso seja necessário reavaliar a história de nossa vida, a narrativa que nos trouxe até o presente.

Vimos também a questão do tempo e da memória, ingredientes essenciais na descrição da narrativa da vida. Somos seres que se desenvolvem e cuja história se desenrola no tempo, sendo este um pressuposto de nossa existência. Porém, não sabemos nada a respeito da estrutura do tempo, apenas sabemos como o percebemos: um momento de passagem entre o presente e o passado. O pretérito significa as coisas que deixaram de existir, restando apenas traços do que aconteceu na memória; já a memória é a instância em que reconstruímos o passado. No entanto, ela tem suas limitações, falha, esquece, é constantemente reescrita à medida que vivenciamos coisas novas, está aberta ao poder da sugestão; ou seja, se eu acredito que algo aconteceu, não é difícil inscrever esse fato em minha memória, mesmo que ele tenha ocorrido de maneira completamente distinta de minha crença.

Além disso, mostramos que o futuro é o modo do tempo que está em aberto, com inúmeras possibilidades a serem realizadas, ao contrário do passado, que é fixo. A narrativa de nossa vida pode tomar qualquer rumo no futuro, pois depende das decisões tomadas no presente. Portanto, não se pode deixar que os perigos da jornada, mencionados nas três narrativas ficcionais, nos atrapalhem de tomar as decisões necessárias para mudar o futuro.

Muitas vezes, nossas narrativas não são decididas por nós mesmos, conforme descrevemos brevemente em situações no tópico de ilusão e autoengano. O filme *O show de Truman* serviu de modelo para discutirmos situações em que a narrativa da vida é falsa ou ilusória, independentemente de a pessoa estar ciente ou não disso. Pressão de terceiros, insegurança, comodidade e fatores econômicos ou sociais são exemplos de condições para casos nos quais não escrevemos nossa vida, pois ela está sendo dirigida por outra pessoa.

Escrever a narrativa de nossa vida de maneira autônoma e livre é o ideal de nossa existência: somos nós que decidimos que caminho seguir e quando fazer. Porém, sabemos que muitas vezes isso não é possível por causa dos condicionantes do meio em que vivemos ou das pessoas com quem nos relacionamos, pois são decisivos na influência sobre nossa vida.

■ Palavra aos professores

A trajetória de vida dos professores tem um elemento a mais do que a dos demais seres humanos: ela está vinculada à história de muitas pessoas para as quais os docentes são figuras-chave nos caminhos da vida. A professora e o professor possuem uma condição muito especial, pois atuam na vida das pessoas em momentos decisivos, principalmente sobre a narrativa que eles(as) gostariam de escrever em sua vida. Os educadores têm papel marcante na ocasião em que planos profissionais e pessoais são feitos. Também atuam na transição da criança ao adolescente, quando ocorre a descoberta do corpo e do mundo – portanto, em um momento cheio de insegurança, em que muito do que definirá a história de alguém está sendo escrito. Por isso, ser professor é tão importante, pois ele não apenas transmite conhecimentos, mas participa da formação das estruturas que definirão a narrativa da vida de muitas pessoas, enquanto escreve a narrativa de sua própria vida.

Temas para discussão e debate

O objetivo do debate é fazer com que se construa um raciocínio por si mesmo e argumente de forma autônoma e crítica sobre a passagem do tempo e a construção da vida como uma narrativa. Para a realização do debate, é importante haver um tempo de preparação do tema: contextualização do assunto e pesquisa em fontes confiáveis sobre o conteúdo.

- 1) Redes sociais, memória e narrativa. Com a emergência das redes sociais, muitas vezes, escrevemos nossa história de vida no meio virtual por meio de fotos e de postagens diárias. Todavia, essas fotos e postagens podem ser modeladas, reformuladas ou apagadas, pois podemos forjar uma vida falsa apenas com o intuito de obter sucesso nas redes. É comum não procurarmos mais experiências que irão agregar à vida real e que ficarão na memória como algo agradável de ter vivido; procuramos apenas experiências que caibam numa *live* ou fotos que se encaixem em uma narrativa artificial. Debata com os alunos o papel das redes sociais para a construção da narrativa de nossa vida. Essa atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Sociologia, Língua Portuguesa e Arte. Tempo estimado: 2 aulas.
- 2) Destino × liberdade. Como podemos ser autônomos para construir a narrativa de nossa vida? Quais elementos impedem nossa liberdade de ação? Essa atividade envolve as disciplinas de Filosofia, História e Sociologia. Tempo estimado: 2 aulas.
- 3) Do mesmo modo que uma pessoa guarda seu passado na memória, um povo ou toda uma civilização guarda suas memórias para lembrar o caminho percorrido até o estágio atual. Realize um debate sobre a importância de preservar documentos históricos, dos museus e de outras formas de conservação da memória de um conjunto de pessoas. Discuta maneiras de preservar a memória da sua escola e da localidade onde ela se encontra. Essa atividade envolve a disciplina de Filosofia. Tempo estimado: 2 aulas.
- 4) História e memória. Solicite aos alunos uma pesquisa sobre a diferenciação entre ambas. Depois, debata com a turma as conclusões. Essa atividade envolve as disciplinas de Filosofia e História. Tempo estimado: 3 aulas.
- 5) Leitura e debate sobre o posicionamento dos narradores nas obras literárias. Leve para a sala de aula alguns textos literários com diferentes tipos de narrador. Leia trechos dos textos e discuta com os alunos sobre as figuras distintas de narradores e sua importância para a transmissão de diversos tipos de narrativa e formas de perceber e descrever uma experiência. Essa atividade envolve as disciplinas de Filosofia e Língua Portuguesa. Tempo estimado: 4 aulas.
- 6) No *síte* do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), temos as seguintes condições para a elegibilidade: São condições de elegibilidade, na forma da lei:
 - I – a nacionalidade brasileira;
 - II – o pleno exercício dos direitos políticos;
 - III – o alistamento eleitoral;
 - IV – o domicílio eleitoral na circunscrição;
 - V – a filiação partidária;
 - VI – a idade mínima de:
 - a) trinta e cinco anos para presidente e vice-presidente da República e senador;
 - b) trinta anos para governador e vice-governador de estado e do Distrito Federal;
 - c) vinte e um anos para deputado federal, deputado estadual ou distrital, prefeito, vice-prefeito e juiz de paz;
 - d) dezoito anos para vereador.

Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/eleitor/glossario/termos/elegibilidade>>.

Acesso em: 22 jul. 2020.

Debata com os alunos os motivos para a idade mínima da elegibilidade. Por que o fator idade é importante para exercer alguns cargos? Como a experiência e o passar dos anos podem contribuir com algumas questões da vida? Essa atividade envolve as disciplinas de Filosofia e Sociologia. Tempo estimado: 2 aulas.

Sugestões de práticas

Proporcionar a vivência de aprendizado sobre o tempo, a forma como o compreendemos e a importância de preservar a memória para a construção de nossa narrativa. As atividades propostas poderão ser adaptadas ao contexto e à realidade nos quais elas serão aplicadas.

- 1) Construção de memória pessoal e familiar.** Construa com os alunos um mural com fotos de antepassados, fotos pessoais, fotos de objetos e lugares que marcaram a vida de cada um. Cada foto deve conter a devida explicação e contextualização. Construam esse mural na forma de uma narrativa. Ao final, realize uma apresentação na qual os alunos possam trocar suas experiências e mostrar por que aquele mural relata a narrativa de sua vida. Essa atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Sociologia e História. Tempo estimado: 4 aulas.
- 2) Biografia.** Redigir sobre eventos passados e atuais da vida é uma forma de conhecer a nós mesmos. Construa um projeto que instigue os alunos a escrever, aos poucos, a narrativa da vida deles. Será necessário realizar uma pesquisa com familiares e amigos para que possam falar de momentos desde seu nascimento até os dias atuais. Essa atividade envolve as disciplinas de Filosofia e Língua Portuguesa. Tempo estimado: 1 bimestre.
- 3) Projeto.** Construa um projeto de memória escolar. Nesse projeto, busque dados sobre a escola (ano de sua construção, primeiros alunos e funcionários, eventos que marcaram a escola, importância dela para a comunidade onde se localiza, meios utilizados pela escola para participar e influenciar a vida dos moradores da região etc.). Procure fotos e objetos antigos do estabelecimento, entreviste antigos alunos. Monte uma exposição aberta para toda a comunidade. A exposição pode ser compartilhada em uma página da internet. Essa atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Sociologia, Geografia, História e Arte. Tempo estimado: 8 aulas.
- 4) Pesquise sobre fontes históricas presentes em seu município que servem de dados para a construção da história da cidade, como monumentos, documentos da fundação da cidade, primeiros estabelecimentos, primeiros bairros, fotos ou registros dos primeiros moradores etc. Vá até o local dessa fonte, tire fotos, busque a explicação dessa fonte histórica e os motivos pelos quais ela é considerada importante para a narrativa da história da cidade. Monte uma exposição na escola com as fotos e as explicações. Essa atividade envolve as disciplinas de Filosofia, História e Sociologia. Tempo estimado: 4 aulas.**
- 5) Realize um seminário em sala de aula com o tema “Patrimônios históricos da humanidade”. Os alunos podem se dividir em grupos, e cada grupo pode tratar sobre patrimônios históricos diferentes (brasileiros e estrangeiros). É importante que cada grupo responda: quais as características e a história do patrimônio escolhido? Para que ele existe? Quais foram os critérios de escolha da Unesco para que aquele patrimônio seja assim definido? No Brasil, qual é o órgão responsável para que algo seja classificado como patrimônio histórico e cultural brasileiro? Qual é a importância do patrimônio para a atualidade? Essa atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Sociologia e História. Tempo estimado: 3 aulas.**
- 6) Elabore uma pesquisa sobre as mudanças pelas quais nosso corpo passa ao longo da vida. Essa pesquisa deve apresentar as diferenças entre uma fase e outra e como podemos percorrer as etapas da vida de maneira saudável. Promova um evento na escola com a participação de alunos e familiares, no qual será abordado o tema “Saúde e bem-estar em todas as etapas da vida”. Nesse evento, organize com os alunos atividades físicas (como alongamento, danças, jogos em equipes etc.), palestras e mesa-redonda para que as pessoas possam compartilhar experiências de vida, a fim de integrar as diversas gerações: alunos, irmãos, pais e avós. Busque conscientizar a comunidade sobre a importância dos cuidados da saúde, da necessidade do bem-estar e do respeito em todas as fases da vida. Essa atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Biologia e Educação Física. Tempo estimado: 6 aulas.**

7) Leia os dois textos a seguir com os alunos.

Texto 1

Mas, afinal, se a morte é tão comum e corriqueira, por que ela nos causa tanto medo? “O maior desejo do homem é a imortalidade”, diz a psicóloga Ingrid Esslinger, da Universidade de São Paulo (USP), acostumada a atender pessoas em situação de luto. “Por isso, muitas vezes a morte é considerada uma inimiga.” E uma adversária, que poderia ser vencida pelos avanços científico-tecnológicos do século 20, que aumentaram a eficiência dos diagnósticos, dos medicamentos, das técnicas cirúrgicas etc. Soa como um despropósito falar de morte a quem tem as descobertas da ciência a seu favor. Afinal, se existem meios de prolongar a vida útil do ser humano, de manter-se jovem, por que pensar na finitude?

É um paradoxo: a valorização da vida e a ilusão de eterna beleza e jovialidade trazidas pela vida moderna acabam gerando, por meio do apego a tudo isso, muito mais tristeza e sofrimento pelo fim inevitável da existência do que felicidade pelo mais de vida que proporcionam. O ocidente transformou a morte em tabu: ela costuma ser banida das conversas cotidianas. Tudo aquilo que possa lembrá-la é escamoteado. Os doentes morrem no hospital, longe dos olhos – e, não raro, do coração – de seus amigos e parentes. E os rituais de luto são cada vez mais rápidos. O medo natural que todo ser humano sente diante da própria finitude vira pânico. E mesmo a morte natural acaba virando sinônimo de aniquilamento sumário. O que, no mais das vezes, não corresponde à realidade por se tratar simplesmente de uma vida que chegou ao fim.

VOMERO, Maria Fernanda. A história da morte. Revista *Superinteressante*, 12 dez. 2006. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/a-historia-da-morte/>>. Acesso em: 8 ago. 2020.

Texto 2

Se levarmos em consideração o parecer do filósofo alemão Arthur Schopenhauer, os animais só conhecem o presente, não tendo experiência das dimensões temporais do futuro e do passado.

“Justamente por causa disso, os animais não sentem propriamente sequer a morte: eles só poderiam conhecê-la quando ela se apresenta; mas[,] então, eles já deixaram de ser. Desse modo, a vida dos animais é um prolongado presente. Sem reflexão, eles vivem nele e nele sempre sucumbem inteiramente”.¹

Por causa disso, para Schopenhauer, em sua célebre visão pessimista do mundo, é a compreensão da finitude e da morte, tornada possível pela abertura temporal do ser humano, que constitui a autêntica raiz da filosofia, assim como das religiões: “O animal só conhece a morte na morte: o homem, com sua consciência, a cada hora se aproxima mais de sua morte, e isso torna a vida por vezes árdua até para aquele que ainda não reconheceu no todo da vida mesma esse caráter de permanente destruição. Principalmente por causa disso o homem tem filosofias e religiões”.²

Com Schopenhauer, pode-se dizer, portanto, que a morte é o gênio inspirador, a musa da filosofia, sem ela provavelmente a humanidade não teria filosofado. Por isso, se considerado no inteiro conjunto da natureza, o homem é o único animal metafísico – e ele o é porque sua condição existencial lhe proporciona esse privilégio suspeito: o de ser o único animal que *sabe por antecipação da própria morte*; portanto, ao contrário de todos os outros animais, o homem sofre para além do presente, nas dimensões do passado e do futuro, e se pergunta pelo sentido de sua existência – exatamente porque sua única certeza é a de estar destinado a morrer.

GIACOIA JÚNIOR, Oswaldo. A visão da morte ao longo do tempo. Simpósio: *Morte: valores e dimensões*. cap. 1. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/418/419>>. Acesso em: 30 nov. 2020. Acesso em: 8 ago. 2020.

Discuta os textos com os alunos. Depois, construa com eles um *blog* no qual apresentem formas com que a morte e o luto foram tratados pelas diferentes civilizações ao longo da história. Descreva também como as diversas culturas atuais procedem diante do óbito. Essa atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Sociologia, História e Geografia. Tempo estimado: 6 aulas.

1 Schopenhauer, A. Die Welt als Wille und Vorstellung II [“O mundo como vontade e representação II”]. Suplementos ao primeiro volume. In: VON LOEHNESEN, Wolfgang (ed.). *Saemtliche Werke*. Frankfurt/Suhrkamp, Verlag, 1986. v. II, p. 83. Salvo indicação em contrário, as traduções são de minha autoria.

2 Schopenhauer, A. Die Welt als Wille und Vorstellung I [“O mundo como vontade e representação I”]. Livro I. In: VON LOEHNESEN, Wolfgang (ed.). *Saemtliche Werke*. Frankfurt/Suhrkamp, Verlag, 1986. v. I, p. 75.

O ser humano e os desafios contemporâneos

OBJETIVOS DA UNIDADE

- Refletir sobre as diversas transformações sociais ocorridas na contemporaneidade: culturais, geopolíticas, econômicas e tecnológicas.
- Compreender o conceito e a formação do que chamamos de cultura e analisar a disputa ocorrida no âmbito global entre culturas locais e a cultura mundial hegemônica propagada pela indústria cultural, principalmente dos Estados Unidos, e as críticas levantadas contra o discurso cultural dominante por ser de exclusão.
- Problematicar a natureza da cidadania em relação à política e ao espaço de discussão e a abertura da sociedade para que diversos grupos possam expor ideias e debater.
- Analisar os impactos da ação humana no meio ambiente e as formas de promoção de um desenvolvimento sustentável.
- Compreender e analisar os desafios da educação que se colocam em nossa época.
- Debater sobre a tecnologia como motor transformador da sociedade e seus impactos nas relações humanas, especialmente o trabalho e o conceito de privacidade.

ÁREAS DO CONHECIMENTO TRABALHADAS NA UNIDADE

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Ciências Naturais e suas Tecnologias; e, eventualmente, há conteúdos que envolvem as disciplinas de Arte e Língua Portuguesa.

COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA; COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS; HABILIDADES ESPECÍFICAS DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS (BNCC) DESTA UNIDADE

Capítulo 9: Cultura

Competências gerais: 1, 3, 4, 6, 9, 10

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 2, 5

Habilidades específicas: EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS104, EM13CHS201, EM13CHS203, EM13CHS204, EM13CHS205, EM13CHS303, EM13CHS501, EM13CHS502, EM13CHS503

Capítulo 10: Política e cidadania

Competências gerais: 1, 6, 9, 10

Competência específica de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 6

Habilidades específicas: EM13CHS101, EM13CHS502, EM13CHS503, EM13CHS601, EM13CHS602, EM13CHS603, EM13CHS604, EM13CHS605

Capítulo 11: Desafios da educação no século XXI

Competências gerais: 1, 4, 5, 6, 9, 10

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 4, 5

Habilidades específicas: EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS401, EM13CHS403, EM13CHS404, EM13CHS501, EM13CHS502

Capítulo 12: A tecnologia e seus desafios no século XXI

Competências gerais: 1, 2, 4, 5, 10

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 4

Habilidades específicas: EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS202, EM13CHS401, EM13CHS403, EM13CHS404, EM13CHS504

Capítulo 13: Meio ambiente

Competências gerais: 1, 2, 7, 10

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 3

Habilidades específicas: EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS301, EM13CHS304, EM13CHS305, EM13CHS306

1 ERRADICAÇÃO DA POBREZA



5 IGUALDADE DE GÊNERO



9 INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA



13 AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA



17 PARCERIAS E MEIOS DE IMPLEMENTAÇÃO





OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável foram adotados por 193 países-membros da Organização das Nações Unidas (ONU) em uma cúpula realizada em 2015. Os objetivos têm como meta atender necessidades das pessoas de países desenvolvidos e de países em desenvolvimento.

Fonte da montagem: AGENDA 2030. Disponível em: <<http://www.agenda2030.org.br/sobre/>>. Acesso em: 25 nov. 2020.



AURORA FILMES/TU VAS VOIR PROD/ALBUM/FOTOARENA

Cena de *Era o Hotel Cambridge*, dirigido por Eliana Caffé (1961-). O filme apresenta o embate cultural entre refugiados recém-chegados ao Brasil, que convivem num mesmo local com um grupo de sem-teto. Produção: Brasil, 2016. 99 min. 12 anos.

■ Introdução

Conviver com pessoas que possuem experiências de vida similares às nossas, como valores, língua, comportamento, religião etc., é confortável, visto que compartilhamos uma visão de mundo similar. Todavia, nossas relações cotidianas nem sempre estão permeadas por pessoas iguais a nós, já que estamos em constante contato com o diferente. Sobretudo nos dias atuais, em que a tecnologia e a globalização integraram o mundo e facilitaram o acesso a outros povos e a outras culturas, é constante nos depararmos com a diversidade.

Essa é a realidade apresentada no filme *Era o Hotel Cambridge*. Nele, refugiados de outros países se veem sob o mesmo espaço (o lugar que um dia foi o Hotel Cambridge, no centro de São Paulo) que pessoas sem teto. O choque cultural é inevitável e a tolerância e a adaptação devem reinar, mas isso não ocorre de maneira tranquila. Existe um choque de valores e de visão de mundo entre os diferentes grupos. Podemos nos questionar: por que existe esse choque cultural? Por que há tanto desconhecimento e dificuldade por parte de um grupo em entender e se adaptar ao outro?

Compreender o que forma e caracteriza uma *cultura* talvez nos guie nas respostas a essas questões. É o que veremos neste capítulo.

DIALOGANDO COM O CINEMA

- *O diabo veste Prada*, dirigido por David Frankel (1959-). No filme, a jornalista recém-formada Andy é contratada por uma famosa revista de moda de Nova York, onde se depara com um universo de comportamento, de gosto e de valores novos, completamente diferente daquele que ela costumava frequentar. Produção: EUA, 2006, 109 min. Livre.
- *Indústria americana*, dirigido por Steven Bognar (1963-) e Julia Reichert. O documentário, que ganhou o Oscar na sua categoria em 2020, apresenta o embate cultural entre chineses e americanos, que têm visões diferentes sobre a forma de trabalho. Produção: EUA, 2019, 110 min. 14 anos.

■ O que é cultura?

Autores estudiosos do tema “cultura”, entre eles o galês Raymond Williams (1921-1988), afirmam que não existe uma definição única, universalmente aceita, sobre o que é cultura. Todavia, eles apontam que é possível apreendermos uma compreensão das características e atributos do que chamamos cultura. Raymond defende que a cultura pode ser entendida como um fenômeno complexo, em constante mudança, formado por todo o modo de vida de um povo.

O escritor apresenta a cultura como uma mistura de atributos materiais e imateriais em todos os objetos aos quais a sociedade fornece valor. Pertencem à cultura os hábitos, os costumes, os ritos, os modos de organização social e política, entre outros. Assim, são exemplos de elementos culturais as artes, o código legal, a língua, os hábitos de vestimenta e os costumes alimentares, os ritos de casamento, de nascimento, de morte e de passagens de idade etc. Tais elementos fazem parte da cultura porque a sociedade atribui a cada item desses um valor.

O conjunto de valores de uma sociedade é tudo aquilo que é considerado aceitável ou não aceitável em determinado tempo e local. Isso evidencia algo que quase todos os estudiosos ressaltam: o caráter mutável da cultura. Execuções públicas de condenados eram eventos públicos em países como a França e a Inglaterra até dois séculos atrás. Hoje, seria impensável alguém ser morto por uma guilhotina numa praça de Paris ou de Londres e com uma multidão assistindo. Mesmo em países do Ocidente onde atualmente existe a pena de morte, há agora todo um tratamento de respeito dirigido ao condenado. Um outro exemplo que podemos destacar é que, um século e meio atrás, era comum em praça pública do Rio de Janeiro e de outras capitais brasileiras a existência de mercados nos quais se vendiam pessoas escravizadas. Hoje, não apenas é moralmente inaceitável como constitui crime trabalho análogo à escravidão, ou seja, trabalhos degradantes e em condição desumana.

A sociedade muda, os valores mudam e a cultura também muda. Mesmo a língua, fator determinante na cultura, se altera, sofre influência de outras, se adapta; palavras se ressignificam ao longo do tempo. Muitos brasileiros de hoje teriam dificuldades para ler um jornal que circulasse no Brasil um século atrás, em razão das variações sofridas na língua.

Diante desses exemplos, compreendemos que a cultura transmite os valores e o modo de vida de um povo em local e tempo definidos, possui atributos materiais e imateriais e pode ser passada entre gerações ou modificada em diversos aspectos.

■ Críticas à cultura

Diversas correntes de pensamento tecem críticas à cultura com base em determinados aspectos: como ela é produzida e transmitida, a maneira como se impõe e o que ela representa. Veremos, a seguir, dois exemplos dessas críticas.

Indústria cultural

Muitos pensadores, embasados nas teorias de viés marxista, entendem a cultura como a superestrutura construída sobre uma base formada pela economia e pelas relações de produção. Nesse sentido, a cultura seria uma indústria de produção e reprodução, sob variadas condições econômicas, de determinados atributos como a arte, a literatura e a moda. Sob essa ótica, a cultura não passaria de um produto passível de ser produzido e consumido pela população, de modo que se vestir de determinada maneira, visitar certos locais, comer em determinados restaurantes ou ler certos livros seriam ações frutos de uma indústria que rege um ideal de cultura.

DIALOGANDO COM MÍDIAS

- <<https://www.youtube.com/watch?v=-YQcFNoiDMw>>. Neste vídeo, a filósofa brasileira Marilena Chaui aborda a noção de cultura, apontando algumas características que a definem. Acesso em: 13 dez. 2020.



Feitores castigando negros, do francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848). O pintor retrata um comportamento praticado no Brasil no século XIX. Atualmente, práticas semelhantes são criminosas. Aquarela sobre papel, 15 cm × 19,8 cm, 1828.

A ideia da cultura como uma indústria foi trabalhada de maneira extensa no contexto da indústria de massa, no qual surgiu a ideia de *cultura de massa*. Na Alemanha, a Escola de Frankfurt, na primeira metade do século XX, com os filósofos alemães Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), desenvolveu uma postura crítica ao modo como a produção de cultura aderiu à lógica da mecanização e da reprodução assistidas na indústria e na fábrica.

Segundo os autores, ao consumirem um bem cultural, as pessoas, na verdade, estão consumindo apenas mais um produto como tantos outros, um produto com caráter mercadológico, reproduzido pela indústria de modo a atrair clientes. Assistir filmes ou peças de teatro não se diferenciaria do ato de comprar uma calça, um carro ou uma comida em rede de *fast food*. Adorno e Horkheimer chegaram a comparar a produção cultural com a produção de automóveis e bombas, no sentido de que a ideia é produzir em linha, uniformizando e reproduzindo para o consumo. A arte, no final, será tratada pela quantidade de ingressos vendidos no cinema, pela bilheteria do *show*, pelo público que conseguiu reunir, e não pela qualidade ou autenticidade.



© THE ANDY WARHOL FOUNDATION FOR THE VISUAL ARTS, INC./AUTVIS, BRASIL 2020 - COLEÇÃO PARTICULAR

DIALOGANDO COM A LITERATURA

- ADORNO, Teodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. O livro foi escrito em 1947 e apresenta uma visão crítica da modernidade, apontando os problemas resultantes da crise da racionalidade.

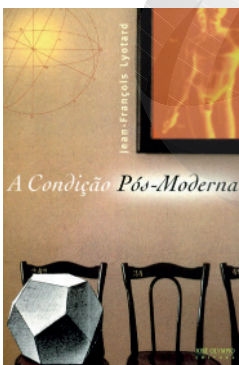
O artista estadunidense Andy Warhol (1928-1987) utilizava imagens da indústria cultural para retratar em suas pinturas. Ele fez isso com o rosto da atriz Marilyn Monroe (1926-1962), um dos mais famosos produtos da indústria de massa dos Estados Unidos. Serigrafia a cores sobre papel, em dez partes, 91,4 cm x 91,4 cm, 1967.

Crítica à cultura na pós-modernidade

Outro conjunto de críticas à ideia de cultura encontra-se na pós-modernidade. O filósofo francês Jean-François Lyotard (1924-1998), em seu livro *A condição pós-moderna: discurso sobre o conhecimento*, coloca a pós-modernidade como o fim das grandes narrativas ou o fim das *metanarrativas*.

Na definição do filósofo, as metanarrativas são as grandes histórias objetivas com aplicação universal, por exemplo o cristianismo e o marxismo. Na modernidade, principalmente após o Iluminismo, no século XVIII, a metanarrativa que permeou a visão de mundo da intelectualidade europeia foi a ideia do progresso por meio da razão, da ciência e da técnica. A ideia subjacente é que toda cultura se legitima por meio de um processo de contar e recontar uma história, ou seja, via narrativa. O Iluminismo, a idade da razão, foi uma narrativa que o Ocidente escreveu e contou se colocando em uma posição superior em relação ao restante do mundo. A supremacia do método científico, da lógica ocidental, da filosofia das luzes; a superioridade de todas as formas de cultura do Ocidente; a fé na liberdade alcançada pela democracia e na razão pela ciência, são todas histórias que emergem da grande narrativa da era moderna e estão ancoradas nela.

REPRODUÇÃO



- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. Nesse livro, Lyotard apresenta as transformações ocorridas na contemporaneidade que influenciaram a cultura.

Quando uma história é contada repetidas vezes, pode ocorrer de ela ser assumida como um pressuposto social e cultural, aceito sem qualquer filtro crítico. Todas as instituições, as ideias e o ambiente que compõem a cultura são frutos dessas narrativas aceitas como válidas e concebidas como inquestionáveis. Aqueles que tentam questionar seus pressupostos são considerados desviantes, problemáticos ou ameaçadores. Em épocas passadas, muitas pessoas foram perseguidas por questionarem pressupostos e dogmas da religião dominante. Do mesmo modo, quem ousasse questionar os dogmas e pressupostos do Ocidente, da superioridade da razão lógica, da ciência ocidental, da filosofia era tido como um alienado, problemático e deveria ser afastado do convívio social. Essa é a característica de uma estrutura dominante, ou seja, uma cultura baseada numa grande narrativa, aceita como óbvia e inquestionável, sobre a qual qualquer crítica é tida como uma ameaça ou problema.

A pós-modernidade, ao colocar em dúvida toda a metanarrativa, abre espaço para uma série de movimentos e questionamentos da base da estrutura social, da qual a cultura é o grande retrato. É a chamada *contracultura*, cujo ápice aconteceu na década de 1960 e meados dos anos 1970. São exemplos desse fenômeno: o movimento *hippie*, o movimento em prol dos direitos civis e o protesto contra a Guerra do Vietnã (os três nos EUA), os protestos de Maio de 1968, em Paris, mas com repercussão em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. Todas essas manifestações tinham como objetivo a ampliação das liberdades políticas, morais, sexuais, e eram contra qualquer tipo de autoridade.

Nessa época, emergiram linhas dentro dos chamados estudos culturais (trabalhos filosóficos, históricos e sociológicos) que questionaram valores e tabus da sociedade ocidental. Mais recentemente, a filósofa estadunidense Judith Butler (1956-), em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, reflete sobre a questão da construção de gênero em nossa cultura; ela problematiza e questiona a ideia que conecta sexualidade à identidade biológica. O mesmo faz a autora bell hooks (é escrito em minúsculas o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, nascida em 1952), que analisa os fundamentos da sociedade patriarcal e como todos os valores e nossa organização social circulam ao redor dessa ideia de patriarcalismo.

Nos exemplos citados, podemos ver que a ideia de cultura contém em si uma construção baseada em uma narrativa que pode e deve ser questionada. A narrativa predominante no Ocidente, nos últimos séculos, trazia uma estrutura que ocultava diversas vozes, como as mulheres, os negros, a diversidade de gêneros e credos etc., que puderam na pós-modernidade encontrar espaços de fala. Outro crítico eminente da cultura é o teórico estadunidense Fredric Jameson (1934-), que desconstrói de maneira contundente toda a ideia cultural que permeia as sociedades ocidentais.

DIALOGANDO COM O CINEMA

- Filme *Hair*, dirigido por Milos Forman (1932-2018). O musical mostra diversos aspectos da contracultura *hippie*, os quais são apresentados a um rapaz que estava prestes a combater na Guerra do Vietnã. Produção: EUA, 1979. 121 min. 16 anos.

DIALOGANDO COM A LITERATURA

- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Nessa obra, a filósofa problematiza a formação da identidade de gênero como uma construção histórica e social.
- HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatedoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Nesse livro, hooks aborda a natureza do feminismo e o compromisso dele contra atos de sexismo, de exploração e de opressão.
- JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro*, v. 1. Petrópolis: Vozes, 2001. Esse livro reúne alguns ensaios de Jameson, nos quais o autor analisa a relação entre cultura e economia no contexto de um mundo globalizado.

ARCHIVE PHOTOS/GETTY IMAGES



Foto de manifestação contra a Guerra do Vietnã, em Washington (EUA), 21 de maio de 1972.

DIALOGANDO COM A LITERATURA

REPRODUÇÃO



- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. O livro mostra como a noção de cultura se modificou na atualidade, passou a ser um setor com ofertas e símbolos e apresenta uma série de contradições.

DIALOGANDO COM O CINEMA

- *Gran Torino*, dirigido por Clint Eastwood (1930-), EUA, 2008. 120 min. 14 anos. Um veterano da Guerra da Coreia apresenta atitudes preconceituosas e xenófobas a seus vizinhos de origem latina, afrodescendente e asiática.
- *Por um punhado de dólares: os novos emigrados*, dirigido por Leonardo Dourado, Brasil, 2014. 81 min. Livre. O documentário apresenta a história de diversos indivíduos que deixaram seus países para ganhar dinheiro no exterior e ajudar suas famílias.
- *Walachai*, dirigido por Rejane Zilles, Brasil, 2009. 85 min. Livre. O documentário mostra a comunidade de Walachai, no sul do Brasil, a qual mantém algumas características da cultura alemã.

A imagem é um exemplo de tradição local bastante prestigiada: o Festival Folclórico de Parintins, no Amazonas. Na foto, o levantador de toadas do Boi Garantido, Sebastião Júnior, e o Boi Bumbá Garantido (Denílson Piçanã) no festival de 2019.

■ Cultura local e influência global

Não importa em qual lugar do mundo estejamos, em qual continente, mesmo em cidades de médio ou pequeno porte, é provável que encontremos jovens caminhando pela rua usando calça *jeans* e escutando alguma das estrelas da música internacional dos últimos tempos.

A análise feita por Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, no livro *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*, mostra o processo de expansão do que eles chamam de *cultura-mundo*, em que se espalham pelo planeta uma certa maneira de fazer negócio, padrões de consumo e de valores. Existe uma uniformização do consumidor que possui os mesmos desejos em termos de produtos e se comporta de maneira padronizada. Portanto, existem uma difusão em massa de ideias e uma uniformização global da cultura, impulsionadas principalmente pela indústria cultural dos Estados Unidos.

Podemos observar esse processo sob dois ângulos diferentes: de um lado, temos as culturas locais que, a fim de perseverarem suas tradições, se adaptam e se remodelam pela utilização de meios atuais, como a propaganda e as tecnologias digitais de comunicação; de outro lado, temos as culturas locais sendo levadas à dimensão global, pela exportação das características da tradição local para outras partes do mundo.

No caso brasileiro, traços de nossa cultura são mundialmente conhecidos – fora o carnaval e o futebol –, como a produção artística (novelas, música, literatura, cinema etc.), a culinária (além de pratos típicos, como churrasco, feijoada, pão de queijo, brigadeiro, estarem presentes em diversos restaurantes pelo mundo, a carne brasileira é largamente exportada e o queijo Canastra é reconhecido internacionalmente pela sua qualidade), o vestuário (marcas de calçados e roupas levam o estilo brasileiro ao cenário internacional), entre outros. Tais elementos cada vez mais ganham o mundo sem contar com o apoio financeiro nem a infraestrutura de propaganda, como acontece nos Estados Unidos, por exemplo. Assim também outras culturas difundem seus produtos internacionalmente, e comunidades estrangeiras costumam manter suas tradições mesmo longe de sua pátria. Muitos desses itens regionais exportados já se tornaram parte da cultura global, como a culinária italiana ou a gastronomia oriental, que estão presentes nos hábitos de diversos países, notadamente o Brasil.

Mesmo em meio a essa cultura homogeneizada e padronizada existem, em quase todos os lugares do país, tradições locais que sobrevivem e continuam a ter significado para suas populações. Festivais, ritos ou festas comemorativas: cada cidade tem uma tradição única que não se pode deixar morrer pela invasão de ofertas culturais estrangeiras. As pessoas podem usar uma calça *jeans* e baixar da internet o último lançamento da música *pop*, mas, concomitantemente, devem manter sua cultura e tradição local, como forma de preservar a identidade, a autenticidade e a história de sua população.



BRUNO ZANARDO/FOTOARENA

■ Alguns aspectos da formação cultural brasileira

Na obra *História geral da civilização brasileira* – organizados por Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) os volumes iniciais e por Boris Fausto (1930-) os volumes finais –, apresenta-se a formação cultural, política, social e econômica do Brasil, da colônia até a Segunda República. A coleção, totalizando 11 volumes, perpassa alguns traços que marcaram o modo como a sociedade brasileira se organizou e se comportou durante o período focado.

O conjunto de livros mostra a contribuição de vários povos para a formação cultural brasileira, entre eles os indígenas, os africanos escravizados, os europeus imigrantes (em especial, portugueses, espanhóis, italianos, alemães, ingleses e franceses) e asiáticos (sobretudo os japoneses). Ademais, algumas partes da obra expõem como a interação e, em alguns casos, a miscigenação desses povos contribuíram para a composição de nossa cultura.

Além disso, a coleção apresenta o efeito de duas instituições que marcaram profundamente o desenvolvimento histórico e a organização da sociedade brasileira: a Monarquia e a escravidão. Os efeitos dessas instituições são sentidos até hoje, como apontam os trabalhos do antropólogo Roberto DaMatta (1936-).

Os autores de *História geral da civilização brasileira* mostram que a Monarquia brasileira deixou o legado de uma classe de títulos e de privilégios que se estendeu ao período do Brasil República. Porém, lendo a obra, podemos notar que ainda hoje essa herança se faz presente na sociedade: nosso país não atingiu o principal ideal republicano de igualdade com relação ao Estado e às leis. O prestígio social e o poder financeiro no Brasil são marcadores de distinção, tanto na maneira como o Estado brasileiro trata o indivíduo quanto na facilidade de se conseguir serviços e favores por meio do poder. Nossa classe política goza de privilégios e prerrogativas não existentes em países desenvolvidos e com democracia consolidada, como salário altíssimo, auxílio-moradia, assessores, assistência médica vitalícia, segurança, entre outros. Esse é um traço cultural da formação brasileira que não se apagou ainda: uma classe de privilegiados com uma série de regalias concedidas pelo Estado e pagas pelo povo.

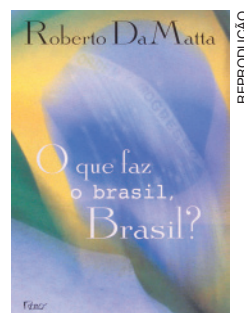
No entanto, nenhuma instituição deixou marcas tão profundas na sociedade brasileira quanto a escravidão. Essas marcas persistem até hoje em diversas formas de agir das pessoas e do próprio Estado brasileiro, como o racismo contra os afrodescendentes, velado ou explícito, que ainda é um problema presente no país. Ele fica claro em muitas formas: na dificuldade de acesso ao emprego, à educação e à moradia; no índice de mortalidade infantil; nos modos de representatividade no espaço público. A exclusão dos afro-brasileiros e a violência contra eles consistem em um traço cultural tão arraigado que as escandalosas estatísticas são, por vezes, assimiladas com naturalidade. Essa naturalidade só é atingida após séculos de repetição de um comportamento. Apenas imagine o que aconteceria caso em algum bairro rico no Brasil dezenas de jovens brancos morressem vítimas de violência todos os meses.

A cultura brasileira, formada por instituições, comportamentos, valores etc., foi assentada sobre alguns fatores que até hoje deixaram marcas, como demonstra toda a historiografia nacional. Alguns desses fatores se fizeram mais presentes do que outros: a Monarquia brasileira e a escravidão, como já dito antes, e também a colonização por Portugal.

■ Conclusão

A cultura é a forma com que um povo codifica o conjunto de valores, hábitos e costumes que caracterizam sua sociedade. No entanto, por representar determinada expressão dominante de pensamento e ideais, a cultura sofre críticas de variados matizes. A pós-modernidade abriu espaço para que diversas vozes críticas à cultura dominante pudessem se expressar. Nesse campo de atuação, apareceram as teorias de gênero, feministas, afrodescendentes etc., que passaram a reivindicar lugar e acesso aos locais de formação cultural.

DIALOGANDO COM A LITERATURA



- DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986. Nessa obra, o autor busca elementos que propiciam a compreensão da identidade do povo brasileiro.
- RIBEIRO, Djamilia. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Nessa obra, a filósofa aborda as origens do racismo e sua presença na atualidade.

DIALOGANDO COM MÍDIAS

- O site da Fundação Joaquim Nabuco traz conteúdos de aspectos culturais sobretudo das regiões Norte e Nordeste do país. <<https://www.fundaj.gov.br/>>.
 - No site da Fundação Cultural Palmares, é possível acompanhar o trabalho dessa instituição para promover e preservar as influências da cultura negra na sociedade brasileira. <http://www.palmares.gov.br/?page_id=95>.
 - O site Mapa da cultura, vinculado ao Ministério da Cultura, permite ter informações sobre a produção artístico cultural presente no Brasil. <<http://mapas.cultura.gov.br/>>.
- Acesso dos sites em: 25 nov. 2020.
- Site do projeto Vídeo nas Aldeias (VNA). Traz mais de 70 filmes sobre os povos indígenas no Brasil, a maioria deles premiados nacional e internacionalmente. Pelos vídeos pode-se conhecer um pouco mais a cultura dos povos indígenas. Disponível em: <<http://www.videonasaldeias.org.br/2009/>>. Acesso em: 11 set. 2020.

Há uma adaptação e uma luta de culturas regionais para sobreviver em meio ao avanço da homogeneização produzida pela exportação, a todo o globo, de certos padrões de modos de ser e agir. Esse processo de globalização é promovido pelas indústrias de cultura concentrada em países hegemônicos. As culturas locais precisam de apoio da população e de governantes para que não desapareçam ou sejam engolidas pela tendência de homogeneização global da cultura.

Como sabemos, a formação cultural de nossa sociedade foi resultado da miscigenação entre diferentes etnias, e foi influenciada por diversos fatores. A escravidão é um desses fatores que ainda traz efeitos sociais. O Brasil precisa superar essas influências para se tornar uma sociedade mais inclusiva e plural. Não se pode mais ficar preso à narrativa do passado que naturalizava a violência e a exclusão de afrodescendentes no Brasil.

■ Palavra aos professores

A escola é o espaço em que as crianças e os jovens serão apresentados a todos os traços e características de uma nação, de um povo, de um Estado ou de uma localidade. É na escola que eles terão oportunidades de conhecer mais o legado cultural do povo do qual fazem

parte, incluindo toda sua organização social, política, seus costumes, hábitos e valores. Esse conhecimento os ajudará na convivência coletiva e na formação de sujeitos com identidades pessoais.

Portanto, a escola possui algumas tarefas de extrema importância para a formação intelectual das gerações futuras: a valorização da cultura regional; o ensino de que a cultura é fruto de condições relativas, marcadas pelo espaço e tempo, o que implica a necessidade de um diálogo intercultural e abertura à tolerância; o estímulo à reflexão e ao pensamento crítico, a fim de buscar soluções para superar e eliminar os traços culturais que reproduzem e reafirmam sistematicamente o racismo, a homofobia, o machismo, a misoginia etc. de nossa sociedade. É papel da escola mostrar como nossa linguagem cotidiana, nossa maneira de se expressar, o modo como nossa sociedade se organiza, entre outros aspectos, reproduzem muitas vezes inconscientemente essas violências.

A escola deve ensinar a pensar os elementos que compõem a cultura de forma crítica e contextualizada, histórica, geográfica e sociologicamente, buscando as origens de suas características e a maneira como permaneceram dentro do seu legado. Esse é um possível caminho para superar os componentes negativos e enaltecer os positivos.

AÇÕES NA SALA DE AULA

Temas para discussão e debate

O objetivo do debate é construir um raciocínio por si mesmo e argumentar de forma autônoma e crítica sobre a noção de cultura, os elementos que a compõem, a importância de sua preservação, bem como sobre os meios que possibilitam uma visão plural e inclusiva de nossa sociedade. Para a realização do debate, é importante haver um tempo de preparação do tema: contextualização do assunto e pesquisa em fontes confiáveis sobre o conteúdo.

1) Leia o texto a seguir com os alunos.

Pesquisadora propõe alternativa para apropriação cultural no universo da moda

Em busca de inspiração para suas coleções, grandes marcas passaram a buscar referências em trajes típicos, gerando controvérsias no campo sociológico e também no âmbito da *fashion law* – a área jurídica que aborda os direitos autorais e propriedade intelectual da indústria da moda. Foi pensando em soluções eficientes para eventuais conflitos entre companhias e grupos sociais que a pesquisadora da Faculdade de Direito da USP, Luiza Silva Balthazar,

baseou seu mestrado; numa dissertação que aponta possíveis caminhos para a resolução dessas disputas e busca entender, também, se o enquadramento da moda como patrimônio cultural traria, por outro lado, limitações aos direitos de propriedade intelectual e comercialização por seus criadores.

De acordo com Balthazar, um dos principais problemas encontra-se no fato de vestimentas típicas serem resguardadas e enquadradas no sistema jurídico como patrimônio cultural. Esse patrimônio tem menos proteção intelectual, já que os trajes carecem de datações precisas referentes à sua autoria. Esse tipo de obra só é protegido pelas leis autorais quando se fixa em algum suporte. Então, em síntese, há necessidade de duas coisas importantes: que as obras sejam materializadas e que tenham um autor. “Quando olhamos, porém, para comunidades e grupos étnicos tradicionais, percebemos que eles não seguem essa lógica e é comum haver obras de tradição oral e sem autor conhecido. Para eles pode não ser relevante conhecer o indivíduo específico que, ao longo da história, criou elementos culturais e lendas. E nossa legislação não consegue endereçar bem esses problemas e características”, comentou.

Continua

Um caso recente abordado pela pesquisadora e causado pelas peculiaridades desse tipo de produção foi o lançamento de modelos das sandálias havaianas que continham estampas indígenas. Na ocasião, a Alpargatas, fabricantes dos calçados, contratou o direito de uso e produção das estampas através de um membro da tribo em questão. Entretanto, pouco tempo depois, outros membros contestaram o licenciamento, afirmando que o indígena que negociara com a empresa não era representante designado de seu grupo. Além disso, oito outras tribos afirmaram que tais estampas também continham traços culturais seus, sentindo-se lesadas por não terem sido contactadas e remuneradas.

[...]

Luiza inclusive cita o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [Iphan] como uma autarquia que se esforça em dar voz aos povos e, desse modo, evitar posteriores conflitos. “A chave para resolver esse problema está em dar voz a essas comunidades, para as pessoas que são titulares dessas práticas culturais.

Vale destacar que em vários casos o Iphan busca seguir esse caminho de conversar com as tribos, entender as demandas, e acho que o caminho vai muito por aí. Não conseguiremos desenvolver um sistema mais justo a partir da mesma visão. Precisamos entender a realidade dos diferentes povos, as suas demandas”, completou a especialista, reforçando a sua ideia de mesclar conscientemente diferentes códigos legais a fim de permitir a evolução da indústria da moda, ao passo que haja valorização da arte tradicional e histórica.

PASSOS, Eduardo N. Barbosa. USP. Publicado em 26 set. 2019. Disponível em: <<https://paineira.usp.br/aun/index.php/2019/06/26/pesquisadora-propoe-alternativa-para-apropriacao-cultural-no-universo-da-moda/>>. Acesso em: 26 set. 2020.

Debata com os alunos sobre a questão da apropriação cultural. Que significa? Quais são os problemas relacionados com essa prática? A atividade envolve as disciplinas de Filosofia e Sociologia. Tempo estimado: 2 aulas.

- 2) Discuta com os alunos sobre os movimentos da contracultura e quais são os objetivos e características deles. Há movimentos similares nos dias atuais? Quais? A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, História e Sociologia. Tempo estimado: 1 aula.
- 3) Debata com os alunos sobre os aspectos presentes na questão a seguir.

(ENEM-2019) Questão 40

Texto I



RONNIE LANDSBERG/COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA/LILAM

Fotografia em preto e branco de músico da cultura lupa (norte de Angola) tocando uma kalimba ou lamelofone. INTERNATIONAL Library of African Music, Angola. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/ppl/2019/provas/BAIXA_PPL_1_DIA_CADERNO_1_AZUL.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2017.

Texto II



JEAN-BAPTISTE DEBRET - MUSEUS CASTRO MAYA, RIO DE JANEIRO

Manifestação carnavalesca registrada por Debret (1826): escravos vestidos como europeus, em cortejo musical, à época do Império. DEBRET, J.-B. Disponível em: <<http://koyre.ehess.fr>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

O instrumento feito de lâminas metálicas e cabaça é comum a manifestações musicais na África e no Brasil. Nos textos, apesar de figurarem em contextos geográficos separados pelo Oceano Atlântico e terem cerca de um século de distanciamento temporal, a semelhança do instrumento demonstra a

- a) vinculação desses instrumentos com a cultura dos negros escravizados.
- b) influência da cultura africana na construção da musicalidade brasileira.

- c) condição de colônia europeia comum ao Brasil e grande parte da África.
- d) escassez de variedade de instrumentos musicais relacionados à cultura africana.
- e) importância de registros artísticos na difusão e manutenção de uma tradição musical.

A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Sociologia e História. Tempo estimado: 1 aula.

- 4) Discuta com os alunos sobre os conceitos: etnocentrismo, xenofobia, racismo e preconceito. O que eles significam e como são prejudiciais em uma sociedade plural e democrática. Depois, reflita com eles sobre o preconceito no ambiente escolar e elenque medidas passíveis de serem realizadas para combatê-lo. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia e Sociologia. Tempo estimado: 2 aulas.
- 5) Analise a pintura com os alunos, refletindo sobre o retrato da desigualdade social entre os povos no processo da colonização brasileira. Essa diferença social ainda se faz presente nos dias atuais? Como? Questione se os alunos vivenciam desigualdade social no cotidiano. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, História e Arte. Tempo estimado: 2 aulas.



A primeira missa, Victor Meirelles. Óleo sobre tela, 268 cm x 356 cm, 1860.

- 6) Debata com os alunos sobre o papel dos *influencers* digitais na construção de condutas massificadas. Discuta quais são as pessoas e os produtos mais seguidos nas redes sociais pelos jovens e quais os motivos de segui-los. Questione também como esses profissionais influenciam o comportamento, os gostos e os valores dos adolescentes nos dias atuais. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia e Sociologia. Tempo estimado: 2 aulas.

Sugestões de práticas

Proporcionar a vivência de aprendizado sobre as questões culturais presentes em nossa sociedade, a fim de que se compreenda a importância da preservação

das culturas regionais e do respeito às culturas diversas. As atividades aqui propostas poderão ser adaptadas ao contexto e à realidade nos quais elas serão aplicadas.

- 1) Solicite aos alunos uma pesquisa sobre Patrimônio Imaterial da Humanidade. Quais são esses patrimônios brasileiros e o que eles significam para a cultura brasileira? Em grupos, os alunos deverão escolher alguns desses patrimônios brasileiros e montar uma apresentação sobre eles. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia e Arte. Tempo estimado: 3 aulas.
- 2) Peça aos alunos que realizem uma pesquisa sobre a cultura da cidade, na qual apresentem elementos que fazem parte de tradição local onde moram. Podem ser festas, comemorações, representações, festivais, comidas típicas, músicas e danças regionais, costumes etc. Peça-lhes que digam qual é a origem e o que representam. Elabore uma exposição para a comunidade escolar com variadas formas de apresentações (teatro, vídeo, música, pintura, fotografias ou qualquer outra manifestação). A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Geografia, Sociologia, História e Arte. Tempo estimado: 6 aulas.
- 3) Leia com os alunos a definição de “ação afirmativa”.

O que são ações afirmativas?

Ações afirmativas são políticas focais que alocam recursos em benefício de pessoas pertencentes a grupos discriminados e vitimados pela exclusão sócio-econômica no passado ou no presente. Trata-se de medidas que têm como objetivo combater discriminações étnicas, raciais, religiosas, de gênero ou de casta, aumentando a participação de minorias no processo político, no acesso à educação, saúde, emprego, bens materiais, redes de proteção social e/ou no reconhecimento cultural.

Entre as medidas que podemos classificar como ações afirmativas podemos mencionar: incremento da contratação e promoção de membros de grupos discriminados no emprego e na educação por via de metas, cotas, bônus ou fundos de estímulo; bolsas de estudo; empréstimos e preferência em contratos públicos; determinação de metas ou cotas mínimas de participação na mídia, na política e outros âmbitos; reparações financeiras; distribuição de terras e habitação; medidas de proteção a estilos de vida ameaçados; e políticas de valorização identitária.

Sob essa rubrica podemos, portanto, incluir medidas que englobam tanto a promoção da igualdade material e de direitos básicos de cidadania como também formas de valorização étnica e cultural. Esses procedimentos podem

VICTOR MEIRELLES - MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, RIO DE JANEIRO

ser de iniciativa e âmbito de aplicação público ou privado, e adotados de forma voluntária e descentralizada ou por determinação legal.

A ação afirmativa se diferencia das políticas puramente anti-discriminatórias por atuar preventivamente em favor de indivíduos que potencialmente são discriminados, o que pode ser entendido tanto como uma prevenção à discriminação quanto como uma reparação de seus efeitos. Políticas puramente anti-discriminatórias, por outro lado, atuam apenas por meio de repressão aos discriminadores ou de conscientização dos indivíduos que podem vir a praticar atos discriminatórios.

No debate público e acadêmico, a ação afirmativa com frequência assume um significado mais restrito, sendo entendida como uma política cujo objetivo é assegurar o acesso a posições sociais importantes a membros de grupos que, na ausência dessa medida, permaneceriam excluídos. Nesse sentido, seu principal objetivo seria combater desigualdades e dessegregar as elites, tornando sua composição mais representativa do perfil demográfico da sociedade.

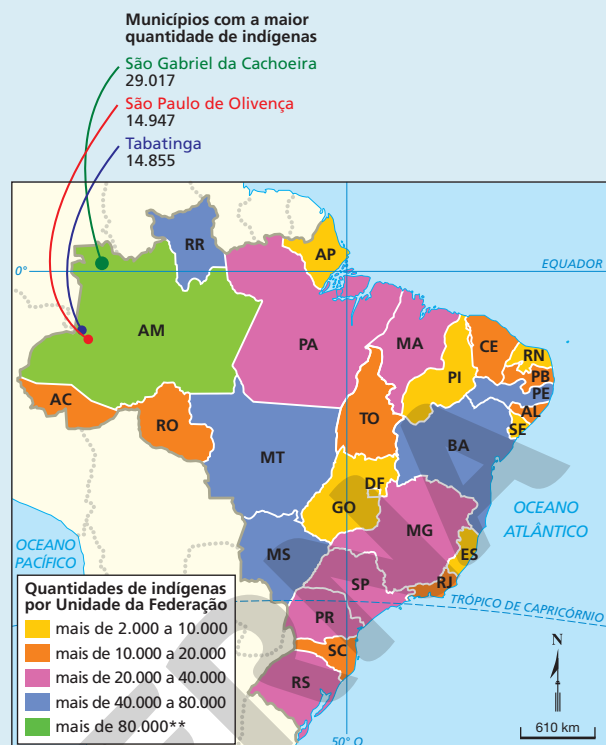
GEMAA. Disponível em: <<http://gema.iesp.uerj.br/o-que-sao-aco-es-afirmativas/>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

Solicite aos alunos que pesquisem sobre políticas afirmativas presentes na sociedade brasileira (legislação ou outras ações) e quais grupos elas atendem. Há algumas dessas políticas sendo implementadas na cidade deles? Os estudantes deverão apresentar o resultado de suas pesquisas para a sala. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia e Sociologia. Tempo estimado: 4 aulas.

4) Projeto. Apresente os dados a seguir aos estudantes.

Reflita com eles sobre a importância da manutenção dos povos e da cultura indígena para a construção da identidade cultural brasileira. Questione como o desmatamento e a desapropriação das terras indígenas podem levar à extinção culturas que nos unem e formam nossa identidade e contribuem para a nossa história. Após o debate, solicite aos alunos uma pesquisa sobre os elementos da cultura indígena em nosso cotidiano, como língua, alimentação, hábitos, entre outros, e uma investigação sobre a presença de reservas indígenas próximas à região onde moram (se possível, organize uma atividade que leve os alunos até o local da reserva). Organize os resultados da pesquisa em apresentações visuais: vídeos e fotografias, ou desenhos, podem ser expostos para outras turmas da escola, de modo a aproximar os estudantes de novos elementos culturais. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Sociologia, História e Geografia. Tempo estimado: 3 aulas.

Distribuição da população indígena no Brasil*



*pessoas que declararam ser de cor ou raça indígena
 **havia no estado do Amazonas 168.680 indígenas

Fonte consultada: IBGE. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20506-indigenas.html>>. Acesso em: 14 out. 2020.

5) Solicite aos estudantes uma entrevista com familiares a respeito da cultura jovem que havia na época de adolescência deles. Depois, os alunos deverão pesquisar sobre as culturas juvenis atuais e as particularidades de cada uma. Ao final, deverão montar um mural comparativo com as culturas juvenis atuais e passadas, ressaltando as mudanças, as permanências, as proximidades e disparidades entre os comportamentos deles e de seus familiares etc. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Sociologia e História. Tempo estimado: 3 aulas.

6) Projeto. As migrações ao longo da história fizeram com que culturas diferentes entrassem em contato. A cultura do país que recebeu imigrantes incorporou algumas práticas. Exemplos disso na cultura brasileira são as festas juninas, a capoeira, comidas, danças, músicas, vocabulário, entre outros exemplos. Solicite aos alunos uma apresentação sobre a incorporação de elementos de culturas internacionais em nossa tradição. Nessa apresentação, deve-se também falar sobre práticas que algumas comunidades utilizam para se manter próximas de sua cultura no país em que estão. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Geografia, Sociologia e Arte. Tempo estimado: 3 aulas.

7) Divida a sala em três grupos: migração, imigração e emigração. Cada grupo deverá pesquisar o fluxo de pessoas na atualidade no Brasil e no mundo. Após a investigação, os grupos montarão mapas com setas indicativas desse fluxo, anotarão os principais motivos das mudanças de região ou de país e apontarão os impactos culturais na vida dos indivíduos. Ao final, apresentarão seus mapas e poderão trazer pessoas que vivenciaram tais fluxos migratórios para compartilhar com a turma suas experiências diante do choque cultural pelo qual passaram. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, História e Geografia. Tempo estimado: 4 aulas.

8) Leia o trecho a seguir com os alunos.

“Vidas negras importam” chacoalha brasileiros entorpecidos pela rotina de violência racista

Movimento negro cobra adesão permanente da população branca ao debate racial, inspirada nos protestos antirracistas que reverberam dos Estados Unidos.

Foi preciso uma onda de protestos antirracistas nos Estados Unidos para despertar parte da sociedade branca que fecha os olhos diante da violência policial, que se acostumou a banalizar o genocídio de jovens negros nas favelas ou a ser complacente com a ausência de representatividade em posições de destaque no Brasil. Muita gente aderiu à versão brasileira de **Black Lives Matter** (Vidas negras importam), espalhando nas redes sociais *hashtags* como a #blackouttuesday, mas, além das campanhas de ocasião, o engajamento permanente pela causa antirracista ainda segue restrito às vozes do movimento negro.

“Acredito que ainda falta muita empatia com mortes de pessoas negras por parte de quem está afastado dessa realidade no Brasil”, observa o advogado Thiago Amparo, professor de políticas de diversidade na Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP). “Sempre há protestos de familiares, vizinhos da comunidade e atores de movimentos negros, mas pouca solidariedade de pessoas brancas participando desses atos e, principalmente, utilizando seus espaços de privilégios para mudar a situação. Ativismo digital é importante, desde que a gente também se manifeste de maneira mais contundente em nossas áreas de atuação, como cobrar das instituições jurídicas o controle da polícia ou que a imprensa cubra a dinâmica das mortes de pessoas negras não só quando elas eclodem. Isso significa mostrar que vidas negras efetivamente importam.”

Em que pesem as campanhas pontuais pela internet, ativistas negros ressaltam que suas reivindicações históricas por meio da resiliência ao longo de décadas não podem ser interpretadas como efeito do que acontece nos Estados Unidos. “As pessoas estão dizendo que finalmente ‘os negros abriram os olhos’. Isso é de um grau de racismo e crueldade absurdo”, afirma Mônica Oliveira, membro da Coordenação da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco. “A luta do movimento negro no Brasil vem de séculos atrás. Se nós não tivéssemos nos organizado, jamais teríamos sobrevivido neste país que, desde a escravidão, opera um projeto sistemático de eliminação da população negra.” Neste domingo, 7 de junho, há manifestações antirracistas em defesa das vidas negras programadas para ocorrer em São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, entre outras.

[...]

Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/vidas-negras-importam-chacoalha-parcela-de-brasileiros-entorpecida-pela-rotina-de-violencia-racista.html>>.

Acesso em: 8 out. 2020.

Debata com os alunos sobre como atos de preconceito e racismo ainda estão presentes em nossa sociedade e como, por meio da cultura, podemos realizar ações que promovam a inclusão, a tolerância e a compreensão da pluralidade social. Promova um sarau na escola no qual os alunos apresentem formas artísticas que exponham denúncia social ou que afirmem o multiculturalismo. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, História, Sociologia, Língua Portuguesa e Arte. Tempo estimado: 5 aulas.



Cena de *As sufragistas*, dirigido pela inglesa Sarah Gavron (1970-). O filme apresenta a luta de mulheres no Reino Unido pelo direito ao voto, no início do século XX. Produção: Reino Unido, 2015. 106 min. 14 anos.

■ Introdução

O filósofo alemão Jürgen Habermas (1929-) define o conceito de *esfera pública* como o conjunto de instituições sociais que fornecem plataformas para debates e discussões nos quais a opinião pública é formada. Nos últimos séculos, esse espaço para debates e para a formação da opinião pública vem se expandindo, seja pela ampliação de direitos sociais e políticos garantidos às pessoas, seja pela crescente inclusão de grupos outrora excluídos e marginalizados na fruição desses direitos e na participação política.

Hoje, o direito à participação política é assegurado a grande parcela dos cidadãos, mas nem sempre foi assim. A história de garantia desses direitos é marcada por uma série de lutas e manifestações. O filme apresentado na abertura deste capítulo mostra os esforços de um conjunto de mulheres pelo direito ao voto. Participar da política é afirmar-se como cidadão, por isso lutar por esse direito é, no fundo, batalhar pelo reconhecimento da efetiva cidadania.

Neste capítulo, trabalharemos o vínculo entre os conceitos de política e cidadania e mostraremos como eles estão ligados ao alargamento da esfera pública, especialmente no ambiente democrático.

■ Política

O filósofo Aristóteles (385 a.C.-322 a.C.) definiu o ser humano como um ser político por natureza, ou seja, o indivíduo naturalmente tende a se organizar em comunidades para atingir determinados fins comuns. Segundo o filósofo, a vida feliz é a finalidade da política.

Para os gregos, a política representa para a sociedade o que a ética significa para o indivíduo: a maneira de se atingir a felicidade – segundo o professor José Luiz Furtado, no prefácio ao livro *Introdução à ciência política*, de Darcy Azambuja (1903-1970). O professor mostra que, para Aristóteles, é o logos, não apenas como discurso, mas principalmente como capacidade de discernimento entre certo e errado, bem e mal, útil e inútil etc., que nos torna políticos por natureza. Furtado mostra também que a política surge na Grécia quando o discurso assume a condição de exposição e confronto entre opiniões distintas em busca de consenso.

Foto de 2015 das ruínas da Ágora de Atenas. Na Antiguidade, esse era o espaço onde os cidadãos atenienses se reuniam para debater e deliberar sobre diversas questões referentes à política da cidade.



DEAGOSTINI/GETTY IMAGES

DIALOGANDO COM A LITERATURA

- ARISTÓTELES. *Política*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. A obra apresenta as principais reflexões de Aristóteles sobre a questão da política e como ela visa proporcionar a felicidade, que é o bem supremo da vida em comunidade.
- AZAMBUJA, Darcy. *Introdução à ciência política*. São Paulo: Globo, 2007. Nessa obra, o jurista brasileiro aborda temas associados à ciência política, como poder político, soberania, Estado, formas de governo, democracia, constituição, entre outros.

Portanto, é na democracia grega no século V a.C., com a abertura do espaço de discussão e deliberação, que a política ganha força. As discussões em torno de ideias conflitantes e sobre os caminhos da cidade e da administração da justiça passam a ser debatidas e decididas pelos cidadãos. É nessa época que aparecem os conceitos gregos de *isonomia* – igualdade perante as leis e de capacidade para ocupar cargos públicos – e de *isegoria* – direito de se pronunciar e ser ouvido na arena pública. Tais conceitos fizeram da participação na vida política não apenas um direito como também uma obrigação de cada cidadão.

Para compreendermos melhor esse âmbito da política, destacamos três definições do que é política, elaboradas pelo professor Darcy Azambuja no livro citado anteriormente:

[a política] [...] compreende as ações, comportamentos, intuítos, manobras, entendimentos e desentendimentos dos homens (os políticos) para conquistar o poder, ou uma parcela dele, ou um lugar nele: eleições, campanhas eleitorais, comícios, lutas de partidos etc.

[...] considera política a arte de conquistar, manter e exercer o poder, o governo.

Política denomina-se a orientação ou a atitude de um governo em relação a certos assuntos e problemas de interesse público: política financeira, política educacional, política social, política do café etc.

AZAMBUJA, Darcy. *Introdução à ciência política*. São Paulo: Globo, 2007. p. 25-26.

Essas definições apresentam a maneira como a política engloba todas nossas ações da vida em sociedade. É a política que define a distribuição de poderes e as atribuições das instituições econômicas, jurídicas e sociais, que garante a maneira e a efetivação da participação das pessoas na vida da sociedade, entre outras competências.

Neste capítulo, visamos compreender o regime político conhecido como *democracia*, por ser nele que existe a possibilidade de mobilização da sociedade para que ocorram os avanços sociais, a inclusão de minorias nos debates públicos, a extensão da participação nas decisões sobre o cotidiano da vida social, a efetiva garantia de direitos; ou seja, nesse regime, pode-se falar efetivamente de cidadania.

A democracia

A democracia é o regime em que o poder se encontra no povo e é exercido em nome do povo. O conceito já se encontra nos escritos de Aristóteles, mas essa coletividade para a qual se volta o regime democrático na Grécia Antiga é composta de cidadãos, e excluem-se dela as mulheres, os escravos, os estrangeiros e as pessoas sem um mínimo de posses. A restrição do direito à cidadania vigorou mesmo nas democracias modernas. Apenas no século XX as mulheres passaram a ter seu direito ao voto e só em meados desse mesmo século elas puderam ocupar cargos na administração pública. No Brasil, apenas a Constituição de 1988 concedeu direito de voto aos analfabetos.



ARQUIVO AGENCIA BRASIL

Em 5 de outubro de 1988, foi promulgada a Constituição de 1988, também conhecida como Constituição Cidadã, em vigor até hoje. Na foto, o então presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Ulysses Guimarães (1916-1992), apresenta o texto da nova constituição.

O professor Azambuja afirma que o conceito moderno de democracia é complexo e não unívoco. Entretanto, ele estabelece uma definição satisfatória para iniciarmos nosso entendimento sobre esse regime político:

A democracia é, pois, o regime em que o povo se governa a si mesmo, quer diretamente, quer por meio de funcionários eleitos por ele para administrar os negócios públicos e fazer as leis de acordo com a opinião geral.

AZAMBUJA, Darcy. *Introdução à ciência política*. São Paulo: Globo, 2007. p. 253.

É notório que essa definição traga ainda a ideia do regime pelo povo para o povo, seja diretamente, seja de maneira indireta. Na democracia direta, a totalidade dos cidadãos é chamada a votar e deliberar sobre diversos temas. Esse tipo de democracia existiu nas cidades-Estados

da Grécia. Todavia, na era moderna, tornou-se inviável a democracia direta, seja pela amplitude dos temas, seja pelo aumento no número de pessoas.

A população do Brasil, por exemplo, é de aproximadamente 220 milhões de pessoas; dessa totalidade, por volta de 90 milhões de brasileiros têm pleno direito à participação política. Todo esse contingente sendo chamado a opinar e votar sobre os assuntos do Estado brasileiro seria algo fora do razoável. Esse foi um dos motivos pelos quais o Brasil adotou a **democracia indireta**. Nesse sistema político, os cidadãos elegem representantes que exercerão o poder de participação nas decisões administrativas da cidade, do estado ou do país em nome de seus eleitores.

Existe ainda a democracia semidireta, em que o poder, para determinados assuntos ou por motivos especiais, consulta o povo na forma de referendo ou consulta popular.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Entenda como funciona a urna eletrônica utilizada no Brasil

Equipamento não tem acesso à internet ou a qualquer rede de computadores e opera de forma independente

[...]

A urna eletrônica é um computador criado apenas para as eleições. Sem acesso à internet ou a qualquer rede de computadores, cada unidade opera de forma independente, o que impossibilita um ataque ao sistema como um todo.

Antes da votação

O sistema das urnas eletrônicas é desenvolvido exclusivamente pelo TSE. Seis meses antes da eleição, o tribunal abre esses programas aos partidos políticos, universidades, a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), a PF (Polícia Federal) e o STF (Supremo Tribunal Federal) para que esses órgãos verifiquem o sistema. Essas entidades também verificam a lacração e blindagem dos sistemas das urnas.

No dia da eleição, antes de serem abertas as seções, as urnas imprimem um relatório chamado “zerésima”. É a listagem de todos os candidatos, e serve para que os mesários confirmem que todos os candidatos estão cadastrados e que nenhum recebeu votos.

Durante a votação

A urna é composta de dois terminais: o do mesário e aquele onde o eleitor vota. O mesário usa seu terminal para digitar o número do título do eleitor, que verifica se aquela pessoa vota naquela sessão eleitoral e se, de fato, pode votar.

O eleitor, então, é liberado para votar em seus candidatos. Depois disso, a urna grava a indicação de que aquele eleitor votou, e grava, em ordem aleatória, os votos. O sistema de embaralhamento impede que se verifique em quais candidatos o eleitor votou – já que, segundo a Constituição, o voto é sigiloso.

Além de não ter acesso à internet, as urnas possuem outros mecanismos de segurança. O registro dos votos é criptografado para garantir que o conteúdo não foi modificado de forma intencional ou não perdeu suas características originais por falha na gravação ou leitura. O sistema da urna também tem uma assinatura digital, para certificar que o programa é exatamente aquele desenvolvido pelo TSE.

Depois da votação

Após o encerramento da votação, às 17h, a urna emite um boletim impresso com a soma dos votos de cada candidato. Uma cópia desse boletim é enviada aos fiscais dos partidos, para checagem posterior. Essas informações também são criptografadas e armazenadas em uma espécie de *pendrive*.

Esse *pendrive* é colocado em um recipiente lacrado e levado a um ponto de transmissão. Lá, os dados são enviados ao TRE (Tribunal Regional Eleitoral), por meio de uma rede privada. No TRE, são feitas várias checagens de segurança usando criptografia. Se os dados são considerados válidos, as informações são armazenadas e os votos são contabilizados.

A totalização dos votos primeiro acontece nos TREs. O TSE recebe a totalização de todos eles, e publica os resultados na internet. Além de ser importante para a transparência do processo, isso permite que os fiscais dos partidos e os mesários verifiquem se as informações computadas são as mesmas que foram emitidas pela urna.

ÉPOCA Negócios. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2018/10/entenda-como-funciona-urna-eletronica-utilizada-no-brasil.html>>. Acesso em: 3 out. 2020.

DIALOGANDO COM A LITERATURA

- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. Nessa obra, Rousseau expõe conceitos como vontade geral, soberania popular, liberdade e justiça, apontando os fundamentos do bem comum.

Na era moderna, foi o suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) quem elaborou a teoria da soberania da vontade popular, o povo como fonte de legitimação do poder e pelo qual e em nome do qual todo poder deve ser exercido. De acordo com ele, o conceito de povo se estende para além da simples soma de cada indivíduo, o que fica claro no conceito de vontade geral.

Para Rousseau, a vontade geral seria algo acima e maior do que a simples soma das vontades particulares dos indivíduos que compõem a sociedade em determinado tempo. Ela possui como titular o ente que o filósofo e teórico político denominou povo. Fundamento das leis, da organização do Estado e do funcionamento da sociedade, a vontade geral é a garantia da legitimidade do *contrato social*.

O contrato social é o pacto fundador da sociedade, segundo o qual as pessoas trocam a liberdade natural pela liberdade civil e pela igualdade.

Esses dois conceitos, vontade geral e contrato social, estão na base de outros conceitos, *liberdade* e *igualdade*, que marcarão a discussão política e social pelos séculos seguintes, a começar pela *Declaração de Independência* das Treze Colônias, que se tornaram os Estados Unidos da América (1776), e, principalmente, a Revolução Francesa (1789).

EUGÈNE DELACROIX - MUSEU DO LOUVRE, PARIS



A liberdade guiando o povo, de Eugène Delacroix (1798-1863). A obra foi elaborada em comemoração à Revolução de 1830, que depôs o rei da França Carlos X, tornando-se um emblema da luta do povo pela liberdade. Óleo sobre tela, 260 cm x 325 cm, 1830.

As ideias de Rousseau tiveram grande impacto na teoria e na discussão política nos períodos seguintes. O ideal democrático se expandiu pelo mundo nos séculos XIX e XX e continua, ainda hoje, como um projeto inacabado na maioria dos países. No entanto, é inegável que a participação do povo nas decisões políticas e nos desdobramentos da vida social cresceu ao longo do tempo. Lutas por direitos de mulheres, negros, minorias sexuais, entre outros marginalizados, fizeram com que houvesse uma expansão da esfera pública, como definido por Habermas, pela via da inclusão social.

Alguns fenômenos do século XIX e especialmente do século XX também serviram para o aumento das plataformas de formação da opinião pública: a alfabetização em grande escala da população e os meios de comunicação de massa são exemplos de transformações nas democracias.

No final do século XX e início do XXI, surgiram a internet e as redes sociais, alterando o tempo e o alcance dos debates e discussões. O espaço para discussão se expandiu para o mundo inteiro em tempo real. Além disso, as redes transformaram seus usuários em divulgadores e comentaristas de fatos e acontecimentos, revolucionando a maneira como aqueles que exercem o poder interagem com a população em geral. As últimas campanhas eleitorais pelo mundo, sobretudo no Brasil, mostraram quanto as redes sociais impactam e continuarão a influenciar de maneira decisiva o regime político democrático.

A democracia, no entanto, corre diversos riscos. Já Platão (428 a.C.-348 a.C.) nutria certa aversão pela democracia porque, entre outros problemas, ela poderia facilmente degenerar em demagogia e, dessa forma, ser manipulada com facilidade por algum hábil orador.

John Stuart Mill (1806-1873), em seu livro intitulado *Sobre a liberdade*, alertava sobre os perigos da tirania da maioria, apontando que avanços conquistados pelas minorias poderiam ser destruídos ou mesmo que a democracia poderia ruir. Os professores Steven Levitsky (1968-) e Daniel Ziblatt (1972-) mostram, na obra *Como as democracias morrem*, maneiras pelas quais, usando mecanismos da própria democracia – como consulta popular e referendo –, esse regime político pode ser deturpado ou mesmo esvaziado, degenerando em autoritarismo ou ditadura.

As redes sociais apresentam outro perigo à democracia: o próprio mecanismo de funcionamento das redes propicia o comportamento de bolhas (como vimos no capítulo 5), fazendo com que o debate acabe se polarizando e se tornando extremo, em ambos os lados do espectro político. Essa polarização extrema põe em risco pilares básicos do funcionamento democrático, como a aceitação do outro como ator legítimo do debate político ou a proteção contra perseguições políticas.

O Brasil e a democracia

No Brasil, um importante passo na construção e no desenvolvimento de uma democracia plena foi a **Constituição de 1988**, chamada de Constituição Cidadã. Essa carta constitucional ampliou a cidadania e forneceu mecanismos de proteção aos direitos e liberdades que não havia antes em nosso país. O artigo 5º, que trata das garantias e dos direitos fundamentais dos cidadãos, e a definição do Ministério Público como órgão que tutela os direitos da sociedade foram avanços importantes. Mesmo que a implementação de várias garantias constitucionais ainda esteja incompleta ou mesmo inexistente na prática, o fato de haver respaldo constitucional é um sinal bastante claro de que o brasileiro terá seus direitos assegurados e, portanto, poderá exercer sua cidadania.

■ Cidadania

Uma das primeiras definições de cidadania aponta-a como o pertencimento do indivíduo a alguma comunidade política. Para Aristóteles, a pólis grega era formada pela coletividade de seus cidadãos e essa coletividade participava ativamente das decisões políticas da cidade. Segundo o filósofo, a cidadania se configura na capacidade de o cidadão governar e ser governado, mas grande parcela da população era excluída do título de cidadãos (como já dito anteriormente, mulheres, escravos, estrangeiros e pessoas sem posses não eram considerados cidadãos).

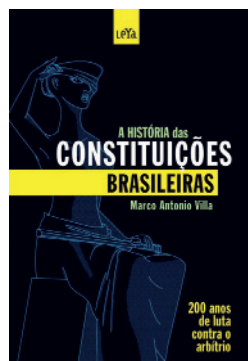
DIALOGANDO COM A LITERATURA



REPRODUÇÃO

• LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. Os autores, que são professores de Harvard, investigam os motivos que levam as democracias tradicionais ao colapso.

• MILL, John Stuart. *Sobre a liberdade*. Lisboa: Edições 70, 2006. O filósofo analisa a relação entre autoridade e individualidade, estendendo a problemática a questões que cercam o bem-estar do indivíduo, como liberdade de expressão, de crença, entre outras.



REPRODUÇÃO

• VILLA, Marco Antonio. *A história das constituições brasileiras*. São Paulo: Leya, 2011. Nessa obra, o historiador Marco Antonio Villa mostra a especificidade de cada Constituição brasileira em seu tempo histórico e os avanços de cada uma em relação às precedentes.



ACERVO FUNDO FEDERAÇÃO BRASILEIRA PELO PROGRESSO FEMININO/ARQUIVO NACIONAL - RIO DE JANEIRO

Ao longo da história, muitas sociedades mantiveram as mulheres afastadas da participação cidadã. No Brasil, o estado do Rio Grande do Norte foi o primeiro a garantir esse direito às mulheres, no ano de 1928. A foto registra as primeiras eleitoras brasileiras.

o império em seu vasto território para poderem circular, negociar etc., sem estender o direito de participação política a todos. No Renascimento, Nicolau Maquiavel (1469-1527), filósofo e teórico da República e do poder, influenciado pela concepção aristotélica de cidadania, conceituou a cidadania de maneira ativa, isto é, quando o indivíduo participa das decisões; o filósofo elaborou as virtudes cívicas necessárias ao florescimento do Estado.

No início da era moderna, entre os séculos XVI e XVII, intelectuais como os ingleses John Locke (1632-1704) e Thomas Hobbes (1588-1679) pensavam a cidadania de forma passiva, ou seja, o cidadão tinha seus direitos individuais garantidos, mas não participava necessariamente de forma ativa das decisões. Para eles, a cidadania tornava o cidadão portador de direitos individuais a serem protegidos: a vida, a propriedade e a liberdade, por exemplo.

Entretanto, o pensador que influenciou a Revolução Francesa e toda a evolução do conceito de cidadania e democracia foi o iluminista Rousseau. Como dito anteriormente, o suíço trouxe a soberania popular para o centro das decisões políticas do Estado. Sua concepção de cidadania envolve a participação direta da população nas decisões do Estado, decisões que são baseadas no conceito de vontade geral. Na contemporaneidade, o conceito de cidadania englobou tanto a participação cívica, voltada para o bem-comum do Estado no espírito público chamado “Republicanismo cívico”, quanto o conceito de proteção aos direitos individuais, denominado “Cidadania liberal”.

No século XX, o principal teórico do conceito de cidadania foi o sociólogo T. H. Marshall (1893-1981). Em seu livro *Cidadania e classes sociais*, ele mostra como esse conceito evoluiu conjuntamente com as definições de classes sociais e defende a cidadania como um antídoto contra as desigualdades geradas pelo mercado capitalista. Marshall vincula cidadania com a igualdade universal entre os membros da comunidade política; argumenta que a cidadania é um processo de expansão da igualdade entre diferentes classes sociais e que progressivamente grupos da sociedade, antes marginalizados, passem a integrar a cidadania. Desse modo, a cidadania comum a todos criaria uma nova consciência e identidade nacional.

Para Marshall, a cidadania igualaria os membros da comunidade diante do Estado, independentemente de raça, etnia, gênero, renda ou qualquer outro diferencial. Em seu trabalho, ele distingue três conjuntos de direitos que constituem a cidadania: direitos civis; direitos políticos; direitos econômicos e sociais. Segundo ele, a ideia de cada um desses conjuntos de direitos nasce e ganha força em séculos diferentes: os direitos civis no século XVIII, os direitos políticos no século XIX e os sociais e econômicos no século XX.

Direitos civis. Estão voltados à capacidade do indivíduo de se desenvolver e à sua liberdade. Exemplos: os direitos de movimento, de expressão, de discurso, de propriedade e de igualdade diante da lei.

Direitos políticos. Vinculados à participação política ou ao exercício de cargos públicos.

Direitos econômicos e sociais. Estão na base para a realização dos direitos civis e políticos, relacionam-se com a satisfação de necessidades econômicas e sociais, como trabalho, saúde e educação.

O Brasil e a cidadania

No Brasil, o historiador José Murilo de Carvalho (1939-), em seu livro *Cidadania no Brasil: o longo caminho*, defende que a plena cidadania está baseada na conjunção desses três conjuntos de direitos (civis, político-econômicos e sociais). O historiador mostra como no Brasil houve uma progressiva expansão da cidadania ao longo dos séculos XIX e XX, apesar dos regressos momentâneos. A criação do SUS (Sistema Único de Saúde) e a universalização do ensino básico são exemplos de avanços na efetiva cidadania da população, mesmo que tais serviços ainda necessitem de melhorias na qualidade. No entanto, ainda hoje não é possível afirmar que exista no Brasil a cidadania plena para vastos segmentos da sociedade.

O geógrafo Milton Santos (1926-2001), em seu livro *O espaço do cidadão*, mostra como a cidadania não é exercida por vários grupos da sociedade e como a lógica econômica do capitalismo produz atrasos na expansão da cidadania por influenciar a distribuição de cultura, a formação da malha urbana, a distribuição de oportunidades, entre outros.



JORGE ARAÚJO/FOLHAPRESS

Milton Santos, um destacado geógrafo brasileiro.

DIALOGANDO COM A LITERATURA E O CINEMA

- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. Nesse livro, é traçado o caminho percorrido pela democracia no Brasil, desde seus primeiros indícios no Brasil do período monárquico.
- SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1993. A obra mostra como o capitalismo organiza os espaços urbanos (físicos e sociais) e, desse modo, impede o pleno exercício da cidadania pela parcela mais pobre e vulnerável dos cidadãos.
- *Cidade de Deus*, dirigido por Fernando Meirelles (1955-) e Kátia Lund (1966-). Mostra a dificuldade da população mais pobre para acessar serviços básicos para o exercício da cidadania. Produção: Brasil, 2002. 135 min. 16 anos.

DIALOGANDO COM MÍDIAS

- No link a seguir, é possível assistir a um documentário sobre os ganhos ao longo dos 30 anos da Constituição de 1988. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hv7U_yNZoGg>. Acesso em: 5 nov. 2020.

A expansão dos direitos humanos: a cidadania universal

Veremos agora um pouco da história dos avanços dos direitos humanos, que estão na base da cidadania nas modernas democracias e na própria condição humana como uma espécie de cidadania do mundo.

A humanidade passou por um longo processo de afirmação e consolidação de direitos. Primeiramente, dentro dos Estados, garantindo direitos aos seus próprios cidadãos no nível nacional, e, depois, em um processo de internacionalização dos direitos. Essa internacionalização atingiu seu ápice com a **Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH)**, de 1948, construída após o choque das barbáries dos campos de concentração na Segunda Guerra Mundial (vimos um pouco o assunto no capítulo 7).



FOTORESEARCH/ARCHIVE PHOTOS/GETTY IMAGES

Eleanor Roosevelt (1884-1962) presidiu o comitê que elaborou e aprovou a Declaração Universal dos Direitos Humanos na Organização das Nações Unidas (ONU). Foto de c. 1947.

• COMPARATO, Fábio Konder. *A afirmação histórica dos direitos humanos*. São Paulo: Saraiva, 2015. O autor analisa documentos normativos para acompanhar a evolução dos direitos humanos ao longo do tempo.

As afirmações de direitos humanos começaram, sobretudo, em dois momentos da história: na Independência dos Estados Unidos da América, em 1776, e na Revolução Francesa, em 1789. Ambos os acontecimentos inserem, na história da humanidade, o reconhecimento de direitos inatos, ou seja, direitos que todo ser humano possui por fazer parte da comunidade humana. Tais direitos, no entanto, dependiam do Estado para serem garantidos. Desse modo, eles entraram na definição de cidadania atribuída pelos Estados nacionais desde o final do século XVIII. Na Revolução das Treze Colônias, que vieram a ser Estados Unidos da América, é possível ler no documento de 1787, intitulado Declaração de Direitos da Virgínia, os seguintes trechos:

Todos os seres humanos são, pela sua natureza, igualmente livres e independentes, e possuem certos direitos inatos, dos quais, ao entrarem no estado de sociedade, não podem, por nenhum tipo de pacto, privar ou despojar sua posteridade; nomeadamente, a fruição da vida e da liberdade, com os meios de adquirir e possuir a propriedade de bens, bem como de procurar e obter a felicidade e a segurança.

E em seguida:

Todo poder pertence ao povo e, por conseguinte, dele deriva.

COMPARATO, Fábio Konder. *A afirmação histórica dos direitos humanos*. São Paulo: Saraiva, 2015. p. 130.



JOHN TRUMBULL - CAPITOLIO DOS ESTADOS UNIDOS, WASHINGTON

Declaração de Independência, de John Trumbull (1756-1843). A pintura expõe a apresentação ao Congresso do documento contendo a Declaração de Independência dos Estados Unidos da América. Esse quadro se encontra na sala do Capitólio, edifício do Congresso dos EUA. Óleo sobre tela, 30,48 cm x 45,72 cm, 1819.

Vemos nesses dois trechos a influência tanto dos direitos individuais, ou seja, a influência de Locke e Hobbes, quanto de Rousseau na questão da soberania popular. O mesmo pode ser visto na Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789:

Os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos.

[...]

A finalidade de toda associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis do homem. Tais direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência a opressão.

[...]

A lei é a expressão da vontade geral. Todos os cidadãos têm o direito de concorrer pessoalmente, ou por meio de representantes, à sua formação. Ela deve ser a mesma para todos, quer proteja, quer puna. Todos os cidadãos sendo iguais a seus olhos, são igualmente admissíveis a todas as dignidades, cargos e empregos públicos, segundo sua capacidade e sem outra distinção a não ser a de suas virtudes e seus talentos.

COMPARATO, Fábio Konder. *A afirmação histórica dos direitos humanos*. São Paulo: Saraiva, 2015. p. 170-171.

Fica ainda mais clara a influência de Rousseau quanto aos direitos individuais na Revolução Francesa. O direito à participação cívica e a proteção a direitos individuais estão presentes nesse documento. Outros artigos garantem liberdades e proteção de manifestação, pensamento, crença etc. Essas garantias passam, a partir desses dois eventos, a estar inscritas em diversas constituições democráticas do mundo e, portanto, entram na própria definição de cidadania.

Os direitos individuais já estavam bem estabelecidos no século XVIII, depois de uma longa luta da burguesia contra os arbítrios do Estado e pela garantia de proteção à vida, à liberdade e à propriedade. Mas os direitos políticos, já inseridos nesses documentos, encontraram uma série de dificuldades para serem efetivamente implementados. Tal execução ocorreu somente no final do século XIX e ao longo do século XX.

Conjuntamente ao empenho da efetiva implementação dos direitos políticos, o século XIX presenciou intensa luta pela inclusão de setores sociais marginalizados na participação da cidadania. A organização e as manifestações de trabalhadores e a luta pelo reconhecimento de direitos das mulheres são exemplos. Essas demandas ainda são objeto de disputas nos dias hoje, e a execução da efetiva cidadania a esses grupos e a outros historicamente marginalizados, como os afrodescendentes, não está completa em quase nenhuma parte do mundo.

No entanto, é no século XX que os chamados direitos econômicos e sociais entram em documentos constitucionais, como a Constituição Mexicana de 1917 e a Constituição da República de Weimar em 1919. A partir de então, vários países adotaram legislação de proteção trabalhista, a exemplo da instituição do salário mínimo e das jornadas reguladas de trabalho de oito ou dez horas.

No Brasil, a **CLT** (Consolidação das Leis Trabalhistas) aparece em 1943 como ponto culminante de vários avanços que vinham sendo obtidos em décadas anteriores. Da mesma maneira, leis garantindo acesso à educação, à saúde, à organização, à acessibilidade, entre outras, foram aprovadas ao longo do século XX, completando a série de direitos inscritos na definição de cidadania, como reconhecida na contemporaneidade.

DIALOGANDO COM MÍDIAS

- O *site* indicado a seguir traz muitas informações e documentos valiosos sobre a conquista de direitos e autonomia pelas pessoas com deficiência no Brasil. Disponível em: <<https://www.inclusive.org.br/arquivos/30808>>. Acesso em: 14 out. 2020.

Acessibilidade é uma das formas de inclusão das pessoas com deficiência física à participação cidadã. Apesar de direitos serem alcançados por esse grupo, ainda há necessidade de avanços para atingirmos uma sociedade mais plural. Na foto, alunos na biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso (IFMT), *campus* Rondonópolis, agosto de 2018.



Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de Jean-Jacques Le Barbier (1738-1826). Óleo sobre madeira, 71 cm x 56 cm, c. 1789.



DIALOGANDO COM MÍDIAS

- Site da ONU no Brasil. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br>>. Acesso em: 4 out. 2020. Nessa página, podemos conhecer sobre a organização e sua atuação no Brasil e no mundo.
- Vídeo *Uma breve história dos direitos humanos*. Disponível em: <<https://www.unidospelosdireitoshumanos.org.br/what-are-human-rights/brief-history/>>. Acesso em: 4 out. 2020. Nesse site, é possível assistir ao vídeo que explica, de forma bastante didática, o que são os direitos humanos e a sua história.

Uma novidade ocorreu na segunda metade do século XX. Representantes de várias nações, sob influência do impacto causado pelos horrores da Segunda Guerra Mundial, passaram a considerar uma série de direitos como pertencendo a cada pessoa independentemente do Estado de que fazia parte. Assim, no dia 10 de dezembro de 1948, na Assembleia Geral da ONU, foi aprovado pelas delegações dos países-membros o texto da DUDH.

O documento reconhece os direitos obtidos em séculos anteriores como sendo atribuídos a todos os membros da família humana e conclama as nações e a comunidade internacional a um esforço de implementação efetiva desses direitos a todos. Cada indivíduo, apenas por ser membro da espécie humana, nasce com direitos inalienáveis que devem ser protegidos pela comunidade internacional, quer dizer, esses direitos estão assegurados sem importar em qual local do planeta Terra a pessoa se encontre.

Não é necessário esforço para ver que a efetiva aplicação desse documento se encontra longe de ser completa. Contudo, o esforço tem rendido frutos e a situação da humanidade melhorou ao longo destas últimas décadas. Outros documentos no âmbito das Nações Unidas têm ampliado a lista de direitos a serem protegidos por todos os Estados-membros da comunidade internacional. Vale destacar alguns: os pactos de 1966, que se voltam ao respeito aos direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais, reconhecem no âmbito internacional a luta de séculos. Em 1981, a Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos reconhece determinados direitos, entre eles: direito à autodeterminação, ao respeito, ao desenvolvimento econômico, social e cultural e o direito à livre disposição de seus recursos naturais e de sua riqueza. Esta última Carta consolidou a luta ocorrida, há décadas, por emancipação por parte das colônias africanas e asiáticas de suas matrizes europeias, em um processo conhecido como *descolonização*.

Portanto, os direitos conquistados pelos cidadãos de certos Estados nos séculos XIX e XX foram estendidos, principalmente após o término da Segunda Guerra Mundial, ao âmbito internacional, gerando uma espécie de cidadania global. Cada pessoa no mundo, enquanto membro da família humana, passou a ser portadora de direitos que devem ser assegurados em qualquer parte do planeta.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

O que é o Tribunal Penal Internacional?

O Tribunal Penal Internacional (TPI) é uma corte permanente e independente que julga pessoas acusadas de crimes do mais sério interesse internacional, como genocídio, crimes contra a humanidade e crimes de guerra. Ela se baseia num Estatuto do qual fazem parte 106 países.

O TPI é uma corte de última instância. Ele não agirá se um caso foi ou estiver sendo investigado ou julgado por um sistema jurídico nacional, a não ser que os procedimentos desse país não forem genuínos, como no caso de terem caráter meramente formal, a fim de proteger o acusado de sua possível responsabilidade jurídica. Além disso, o TPI só julga casos que ele considerar extremamente graves.

Em todas as suas atividades, o TPI observa os mais altos padrões de julgamento justo, e suas atividades são estabelecidas pelo Estatuto de Roma.

Estrutura do Tribunal

O Tribunal é uma instituição independente. Embora não faça parte das Nações Unidas, ele mantém uma relação de cooperação com a ONU. O Tribunal está sediado na Haia, Holanda, mas pode se reunir em outros locais. Ele é composto por quatro órgãos: a Presidência, as divisões judiciais, o escritório do promotor e o secretariado.

Presidência

A Presidência é responsável pela administração geral do Tribunal, com exceção do escritório do procurador. Ela é composta por três juízes do Tribunal, eleitos para o cargo pelos seus colegas juízes, para um mandato de três anos.

Continua

Divisões Judiciais

As divisões judiciais consistem em dezoito juízes distribuídos na Divisão de Pré-Julgamento, na Divisão de Julgamentos e na Divisão de Apelações. Os juízes de cada divisão permanecem em seus gabinetes que são responsáveis pela condução dos procedimentos do Tribunal em diferentes estágios. A distribuição dos juízes em suas divisões é feita com base na natureza das funções de cada divisão e nas qualificações e experiências dos juízes. Isto é feito de modo que cada divisão se beneficie de uma combinação apropriada de especialização em direito penal e internacional.

Escritório do Procurador

O escritório do procurador é responsável pelo recebimento de referências ou outras informações substanciais a respeito de crimes dentro da jurisdição do Tribunal, por sua avaliação e pela investigação e prosseguimento do caso perante o Tribunal. O escritório é chefiado por um Procurador, que é eleito pelos Estados Partes para um mandato de nove anos. Ele é auxiliado por dois Vice-Procuradores.

Secretariado

O Secretariado é responsável por todos os aspectos não jurídicos da administração do Tribunal. Ele é chefiado pelo Secretário que é o principal oficial administrativo do Tribunal. O Secretário exerce suas funções sob a autoridade do Presidente do Tribunal.

Jurisdição e Admissibilidade

O Tribunal pode exercer jurisdição sobre genocídio, crimes contra a humanidade e crimes de guerra. Estes crimes estão definidos em detalhes no Estatuto

de Roma. O Tribunal possui jurisdição sobre os indivíduos acusados destes crimes (e não sobre seus Estados, como no caso da CIJ). Isto inclui aqueles diretamente responsáveis por cometer os crimes, como também aqueles que tiverem responsabilidade indireta, por auxiliar ou ser cúmplice do crime. Este último grupo inclui também oficiais do Exército ou outros comandantes cuja responsabilidade é definida pelo Estatuto.

O Tribunal não possui jurisdição universal. Ele só pode exercer sua jurisdição se:

- O acusado é um nacional de um Estado Parte ou de qualquer Estado que aceite a jurisdição do Tribunal;
- O crime tiver ocorrido no território de um Estado Parte ou de qualquer Estado que aceite a jurisdição do Tribunal;
- O Conselho de Segurança das Nações Unidas tenha apresentado a situação ao Procurador, não importando a nacionalidade do acusado ou o local do crime;
- O crime tiver ocorrido após 1º de julho de 2002;
- Caso o país tenha aderido ao Tribunal após 1º de julho, o crime tiver ocorrido depois de sua adesão, exceto no caso de um país que já tivesse aceito a jurisdição do Tribunal antes da sua entrada em vigor.

Fonte: USP. Biblioteca virtual de direitos humanos. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Tribunal-Penal-Internacional/oque-e.html>>. Acesso em: 4 out. 2020.

■ **Conclusão**

A história da cidadania é a história da luta por inclusão na participação política, por garantias de proteção legal de direitos individuais e sociais. A definição de cidadania e sua efetiva consolidação continuam um processo aberto em construção. Nos últimos três séculos, houve uma expansão da inclusão na cidadania de diversos grupos historicamente marginalizados que, por meio de lutas e constantes reivindicações, foram adquirindo direitos e entrando na efetiva participação política. Mas é no regime democrático que observamos a ampliação desses direitos na participação cidadã. A democracia, sistema de governo do povo pelo povo, de maneira direta ou indireta, é o regime em que as pessoas são tratadas como cidadãos e fonte legítima da autoridade e do poder, ao contrário da ditadura, em que a legitimidade do povo, assim como seus direitos fundamentais, é relativizada ou eliminada.

A história da expansão das democracias caminha junto com a história da expansão de direitos e do significado da cidadania. Ainda há muito a ser feito, contingentes enormes de pessoas continuam marginalizados ou tendo direitos constantemente violados. Mesmo o Brasil, apesar de avanços nas últimas décadas, continua longe de efetivar o direito de proteção às mulheres ou de obter sucesso no combate ao racismo, à homofobia ou a qualquer outra discriminação. Apesar do avanço no oferecimento de educação e saúde em nosso país, precisamos progredir muito na qualidade desses serviços, principalmente a educação básica, para que todos, inclusive os mais pobres e vulneráveis, possam aspirar a uma efetiva participação na vida cívica e ao exercício da cidadania.

■ Palavra aos professores

Em diversos guias da educação, existe o objetivo de formar cidadãos críticos. Estes dois termos, cidadão e crítico, necessitam de um conjunto de competências que a escola deve oferecer para que as pessoas possam reconhecer as maneiras de sua participação na vida pública e as garantias e serviços que o Estado tem por obrigação fornecer. Ademais, é papel da escola auxiliar os alunos a conhecer os mecanismos de defesa legais e sociais contra a omissão, a negligência ou o desrespeito a esses direitos por parte do Estado ou de setores da sociedade.

O conhecimento do que implica a cidadania passa pelo entendimento do funcionamento do Estado e sobre a política em nível mais abstrato, conhecimentos estes que as Ciências Humanas devem estar mais que preparadas para oferecer. Lembrando que é de suma importância saber como funcionam o Poder Judiciário e os processos eleitorais, para efetivar a participação na vida pública e, por consequência, a cidadania.

Por outro lado, ser crítico exige uma leitura complexa e lógica do mundo e uma compreensão de como os atos se desdobram em variadas consequências, conhecimento para o qual, além das humanidades, a Matemática pode contribuir de maneira significativa. Cabe aos professores da área de Humanas o aprofundamento na teoria, tomando várias fontes de saber, assim como a melhor maneira de transmitir esse conhecimento. O futuro dos jovens, em grande medida, depende de saber lutar por reconhecimento de direitos e por maior igualdade de oportunidades e justiça, tarefa impossível de ser realizada sem o devido conhecimento que apenas a escola consegue fornecer a todos de maneira igualitária.

AÇÕES NA SALA DE AULA

Temas para discussão e debate

O objetivo do debate é construir um raciocínio por si mesmo e argumentar de forma autônoma e crítica sobre as questões que envolvem a democracia e a cidadania, proporcionando a formação de um cidadão autônomo capaz de compreender seus direitos e deveres dentro de uma sociedade democrática. Para a realização do debate, é importante haver um tempo de preparação do tema: contextualização do assunto e pesquisa em fontes confiáveis sobre o conteúdo.

1) Leia com os alunos o seguinte texto.

Internet e mobilizações políticas

Para Giuseppe Cocco, cientista político e professor titular da UFRJ, a internet demonstrou seu caráter democrático desde o princípio. Já em meados dos anos de 1990, movimentos sociais se articularam por intermédio da rede, como a insurreição zapatista, que ocorreu no sul do México em 1994.

Tanto essas mobilizações quanto o próprio fenômeno da globalização foram facilitados pela expansão comunicacional que a internet proporcionou. “Ao mesmo tempo que a internet permitiu que as empresas se deslocassem e se fragmentassem pelo mundo afora, constituíram-se redes de comunicação horizontais que possibilitaram a articulação de movimentos sociais e democráticos”, explicou Cocco,

pesquisador do Programa em Ciência de Informação (ECO-Ibict).

Mas a internet é um instrumento e, como tal, pode ser utilizada para diversos fins. Para exemplificar, ele lembrou que muitas das manifestações que ocorreram a partir de junho de 2013 foram coordenadas e alimentadas pelas redes sociais. “A internet, como uma ferramenta democrática, deve apresentar muitas perspectivas. A democracia é a discordância. Mas é necessário ter os instrumentos para lutar e a mobilização acontece hoje entre a rede e a rua”, afirmou o professor.

Os algoritmos das empresas e a democracia

Uma questão importante a ser discutida é a dos algoritmos das redes sociais. Empresas como o Google e o Facebook estão constantemente analisando e processando quantidades maciças de dados dos seus usuários a fim de criar um perfil de navegação para cada um deles. Esse perfil é importante para que os algoritmos possam decidir o que é ou não relevante, ou seja, o que deve ou não ser visto por cada internauta. Dessa forma, formam-se bolhas e nelas só os discursos parecidos com os nossos são ouvidos.

Isso gera uma série de consequências significativas para a democracia. [...]

Fonte: LISBOA, Marcos Vinicius. CONEXÃO UFRJ. Disponível em: <<https://conexao.ufrj.br/2017/07/20/para-onde-vai-a-politica-na-eras-das-redes-sociais/>>. Acesso em: 4 out. 2020.

Depois da leitura, discuta com os alunos o espaço para o debate e o diálogo político. Compare a atualidade do meio virtual com o espaço da *Ágora* grega, onde ocorriam os debates na democracia ateniense. Em que medida o espaço digital amplia ou atrapalha o debate político? Na cidade dos alunos há espaços físicos que proporcionam o debate de ideias políticas? A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Sociologia, História e Geografia. Tempo estimado: 2 aulas.

- 2) Promova com os alunos o debate sobre as formas (Monarquia e República) e os tipos (presidencialismo e parlamentarismo) de governo. Como os diferentes tipos de governo afetam a participação dos indivíduos na política? Insira exemplos de países que têm outras formas de governo, apresentando as peculiaridades deles na atualidade. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Sociologia e História. Tempo estimado: 2 aulas.

- 3) Leia o seguinte texto com os alunos.

[...] Imagina, portanto, algo parecido que se passe a bordo de um ou de muitos barcos. O patrão excede, em estatura e em força, todos os membros da tripulação, mas é um tanto surdo, um tanto míope e possui, em matéria de navegação, conhecimentos tão curtos quanto a sua vista. Os marinheiros disputam entre si o timão: cada qual acha que lhe cabe segurá-lo, embora nada conheça de sua arte e não possa indicar sob qual mestre e em que época ele a aprendeu. Ainda mais, pretendem que não se trata de uma arte que se aprenda e se alguém ousa declarar o contrário, estão prontos a reduzi-lo a pedaços. Rondando incessantemente o patrão, acossam-no com seus pedidos, e usam de todos os meios para que lhes confie o timão; e se ocorre que não consigam persuadi-lo e que outros o consigam, matam estes últimos e os atiram pela amurada. Em seguida, apoderam-se do bravo piloto, quer adormecendo-o com uma mandrágora, quer embriagando-o, quer ainda de outra maneira; senhores do barco, apossam-se então de tudo o que ele contém e, bebendo e festejando, navegam como pode navegar gente assim; além disso, louvam e intitulam bom marinheiro, excelente piloto, mestre na arte náutica, a quem saiba ajudá-los a tomar o comando, usando de persuasão ou de violência para com o patrão – e censuram como inútil a quem quer que não os ajude: não têm a mínima noção de que para ser piloto de verdade é preciso estudar o tempo, as estações e o céu, bem como os astros e os ventos, se deseja tornar-se realmente capaz de governar um navio; quanto à maneira de comandar, com ou sem assentimento desta ou daquela patê de equipagem, não julgam que seja possível aprendê-la

pelo estudo ou pela prática, e ao mesmo tempo a arte da pilotagem. Não achas que nos barcos onde se produzem semelhantes cenas o verdadeiro piloto será tratado pelos marujos de contemplador de astros, de vão discursador e de imprestável?

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 230-231.

O texto apresenta uma metáfora utilizada por Platão para descrever a degeneração da democracia. Debata com os alunos sobre as objeções de Platão à democracia, questionando os argumentos que o autor apresenta sobre a degeneração dela. Discuta sobre as maneiras de sua distorção na atualidade. Trabalhe com exemplos no campo eleitoral e legal. Uma alternativa é ampliar o debate baseado no filme *Tropa de Elite 2*, dirigido por José Padilha e lançado em 2010, o qual explora a relação entre milícias e o poder do Estado: como isso poderia corromper a democracia? A atividade envolve as disciplinas de Filosofia e Sociologia. Tempo estimado: 2 aulas.

- 4) O artigo 5º da Constituição Federal agrupa e condensa os direitos fundamentais individuais, políticos e sociais conquistados em séculos de luta. Entre eles, podemos citar os seguintes:

Dos Direitos e Garantias Fundamentais

Capítulo I

Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

II - ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;

III - ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

V - é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem;

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;

X - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;

[...]

Fonte: SENADO Federal. Disponível em: <http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_07.05.2015/CON1988.asp>. Acesso em: 14 out. 2020.

Debata com os alunos sobre a diferença entre a garantia legal e a efetiva aplicação. Quanto falta para que cada um desses direitos constitucionais seja de fato respeitado no Brasil? Quais medidas poderiam ser tomadas para melhorar a aplicação dessas garantias? A atividade envolve as disciplinas de Filosofia e Sociologia. Tempo estimado: 1 aula.

5) Debata com os alunos de que modo desigualdades como distribuição de renda, oportunidade e qualidade da educação, saúde, distribuição urbana e acesso à cultura dificultam ou impossibilitam a plena cidadania por parte da população. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Sociologia e Geografia. Tempo estimado: 2 aulas.

6) Promova o debate com os alunos sobre o que é a ONU, quando e por que ela foi criada, quem são seus Estados-membros, quais são as organizações pertencentes a ela e qual é a atuação da organização no mundo. Questione se eles a conhecem e como percebem a presença dela no cotidiano. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Sociologia e Geografia. Tempo estimado: 2 aulas.

Sugestões de práticas

Proporcionar a vivência de aprendizado sobre a compreensão da democracia e da cidadania, promovendo o contato com documentos legais e com experiências que colaborem para a formação de cidadãos ativos e conscientes do papel que exercem na sociedade democrática. As atividades aqui propostas poderão ser adaptadas ao contexto e à realidade nos quais elas serão aplicadas.

1) A Constituição brasileira de 1988 prevê no artigo 2º que a União é composta de três poderes: o Executivo, o Legislativo e o Judiciário, os quais são independentes e harmônicos entre si. Cada qual desempenha uma função.

Executivo. [...] Cabem ao Poder Executivo a concepção e implantação de programas e projetos que traduzam, de forma ordenada, as metas e objetivos sociais, econômicos e institucionais emanados da Constituição e de leis específicas, em estreita articulação com os demais Poderes e com outros níveis de governo, sendo ele também o responsável pela correta aplicação dos meios e recursos mobilizados.

[...]

Legislativo. [...] O Poder Legislativo é um órgão colegiado que estabelece as Leis do Estado, sendo que ao processo legislativo é designado a elaboração de emendas à Constituição, leis complementares, leis ordinárias, decretos legislativos, resoluções e leis delegadas.

Judiciário. No exercício da função jurisdicional, o Poder Judiciário distribui a justiça dirimindo os conflitos intersubjetivos com a imposição da lei. Ao lado dos poderes Legislativo e Executivo, o Judiciário tem função relevante e inconfundível. Os atos dos poderes Legislativo e do Executivo poderão ser apreciados pelo Judiciário. Este exerce um controle sobre aqueles. [...]

Fonte: PARANÁ. Casa civil. Disponível em: <<http://www.casacivil.pr.gov.br/Pagina/Organizacao-dos-Poderes#>>. Acesso em: 4 out. 2020.

Divida a sala em quatro grupos: Executivo, Legislativo, Judiciário e cidadãos. Os grupos deverão aprofundar o estudo sobre os três poderes, realizando uma pesquisa a respeito das funções de cada um nas diversas áreas da sociedade, como área social, econômica etc. Apresente ao grupo dos cidadãos alguns temas, como educação, saúde, segurança, respeito aos idosos e aos deficientes físicos e mentais etc. Esse grupo deverá escolher um dos temas e expor problemas referentes a ele vivenciados no cotidiano. Definida a problemática, ela será levada aos grupos que representam os poderes e cada grupo deverá pesquisar como o poder que representa deverá agir diante daquela questão. Os grupos deverão apresentar suas resoluções. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia e Sociologia. Tempo estimado: 3 aulas.

2) Solicite aos alunos uma pesquisa sobre a participação estudantil nas reivindicações e decisões para a melhoria da escola. Eles deverão investigar como os alunos se fazem representar nessas decisões e se o Grêmio Estudantil é atuante como instância

representativa. Depois, deverão se unir aos integrantes do grêmio para definirem e construírem um espaço permanente na escola onde os discentes poderão discutir sobre mudanças que se fazem necessárias no colégio. É importante que nesse espaço os alunos tenham autonomia, liberdade, possam ouvir uns aos outros e consigam estabelecer projetos para a escola. Construir um mural no qual os estudantes possam escrever suas reivindicações pode ser uma ferramenta complementar nesse espaço de debate. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Sociologia, História e Geografia. Tempo estimado: 4 aulas.

- 3)** Quais são os espaços para a efetiva participação política e cidadã na cidade? Questione os alunos sobre esses espaços e anote na lousa aqueles que eles falaram. Depois, anote outros espaços onde há participação política: prefeitura, câmara, fórum, associações de bairro, comitês de partidos políticos, espaço das reuniões de associação de pais e mestres (APM), entre outros. Construa com os alunos um grande mapa da cidade no qual cada um desses locais esteja destacado. Ao lado de cada local, peça-lhes que escrevam o que é realizado naquele espaço, quem atua e como é possível reivindicar e participar das melhorias da cidade a partir dele. Exponha o resultado da atividade em um mural na escola para que outros estudantes se informem. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Sociologia e Geografia. Tempo estimado: 4 aulas.
- 4)** Prepare com os alunos um seminário sobre a República Federativa do Brasil. Leia com eles o seguinte artigo da Constituição brasileira:

Título I

Dos Princípios Fundamentais

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado democrático de direito e tem como fundamentos:

- I - a soberania;
- II - a cidadania;
- III - a dignidade da pessoa humana;
- IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;
- V - o pluralismo político.

Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição.

Fonte: SENADO Federal. Disponível em: <http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_07.05.2015/CON1988.asp>. Acesso em: 4 out. 2020.

Os grupos deverão apresentar o significado dos cinco fundamentos do Estado democrático. Solicite que expliquem também o significado de “Estado democrático de direito”. Peça-lhes que tragam exemplos em suas apresentações para que tais conceitos sejam reconhecidos na vida prática. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Sociologia e História. Tempo estimado: 3 aulas.

- 5)** Ainda hoje, diversas práticas na sociedade desafiam e violam os direitos humanos. Elas podem ser observadas em: tráfico de crianças, trabalho escravo, tratamento indigno de prisioneiro, negação de atendimento à saúde, desrespeito ao idoso, exclusão de pessoas com deficiências, entre outras. Solicite aos alunos que, em grupos, selecionem artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e montem apresentações com cartazes, *powerpoint*, vídeo, ou outras formas de exposição nas quais representem situações em diversas sociedades nas quais ocorram violações dos artigos selecionados por eles. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Sociologia, História e Geografia. Tempo estimado: 4 aulas.
- 6) Projeto.** Promova na escola o “Fórum da cidadania: estatutos brasileiros e direitos humanos”. Nesse evento, que poderá ser aberto à comunidade escolar (funcionários, pais e comunidade), os alunos organizarão apresentações sobre os diferentes estatutos. Solicite aos alunos que montem espaços diferenciados para cada estatuto, nos quais haverá apresentações visuais e orais, com informações sobre cada um desses estatutos (estatuto da criança e do adolescente, estatuto do idoso, estatuto da pessoa com deficiência, da igualdade racial, entre outros). Todos eles podem ser consultados no *site* do Senado: <<http://www4.planalto.gov.br/legislacao/portal-legis/legislacao-1/estatutos>> (acesso em: 13 dez. 2020). Além das exposições dos estatutos, os alunos também poderão compor apresentações sobre grupos tradicionalmente excluídos do debate público, como mulheres, afrodescendentes, LGBTQIA+, idosos, pessoas com deficiência etc., e apontar como a luta contra o preconceito ainda se faz muito importante para a sociedade democrática. Podem-se convidar advogados, trabalhadores, idosos, jovens e outras pessoas que queiram falar sobre tais regulamentos e suas experiências com eles, e sobre sua importância para garantir maior igualdade entre os cidadãos. A atividade envolve as disciplinas de Filosofia, Sociologia, História e Geografia. Tempo estimado: 8 aulas.